Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

ANO 62.º N.º 20 827
Abril 1982
Quinta-feira

15 15$00

Chegam a Luanda a meio da tarde

Empresários aceitam boleia de Eanes

Acompanhado de um conselheiro da Revolução, um ministro, vários secretários de Estado, dezena e meia de jornalistas e de 18 empresários, o Presidente Ramalho Eanes tornou-se às 16 horas de hoje, momento da sua chegada a Luanda, o primeiro Chefe de Estado de um país ocidental a visitar a República Popular de Angola. Como assinala na sua crónica o nosso enviado especial, Ribeiro Cardoso, citando palavras do PR, ontem em Belém aos jornalistas, esta visita «encerra um ciclo de iniciativas tendentes a normalizar as relações entre Portugal e Angola».

Tal ciclo, iniciado com o histórico encontro de Bissau com Agostinho Neto, passa agora – frisaria também Eanes – fundamentalmente pela «capacidade e competência» de que dermos provas. Foram 260 as empresas interessas na «boleia» de Eanes até Luanda. Dificuldades logísticas momentâneas reduziram tal número para 18 que, todavia, representam amplos e diversificados sectores da economia nacional. O caminho está aberto, pois para uma cooperação mais profunda e proveitosa para os dois povos. Resta saber se há unhas para tocar a guitarra...»

Pág. 5

Silva Graça: o médico que nunca exerceu

Silva Graça (da APU) faz ponto da Câmara

Lisboa tem de mudar, mas para melhor

Mudar, mudou, esta Lisboa em que pontifica a maioria AD com Abecasis em ponta-de-lança. É Silva Graça quem no-lo diz, um lisboeta por adopção que conhece os meandros da Câmara de Lisboa. É vereador eleito, defende a entrega total de presidentes e vereadores à causa municipal.

«Quando nós formos gestão municipal» – dizia, a meio da conversa, registada no Centro de Trabalho Vitória, do PCP. Promessa eleitoralista? Diz que não. «Nós não somos triunfalistas, nós não dizemos que vamos ser isto e aquilo até aos 57 anos de idade».

Mas já Silva Graça olha à volta da capital: muitas câmaras APU se firmaram no terreno. Os lisboetas, diz, já experimentaram um Executivo incompetente do PS, uma gestão desastrosa que é a actual. É a vez da força que representa, que até se tem revelado competente nesses domínios.

Págs. 8 e 9

Para conseguir manter a maioria

AD substitui onze deputados

Ao pedir esta manhã, no Parlamento, a substituição de onze deputados, a AD voltou a criar uma imagem de fraqueza e divisão. Na última sessão, como ontem relatámos, a AD impediu a votação do projecto de amnistia para jornalistas, porque estava em minoria. Esta manhã, no hemiciclo, a AD, com estas substituições, pretendeu (e conseguirá) assegurar a todo o custo a sua maioria. Curiosamente, por exemplo, Nuno Rodrigues dos Santos, do PSD, ou Carlos Robalo, do CDS, são subscritores do projecto de lei da amnistia. Foram substituídos. Carlos Robalo encontrava-se esta manhã em S. Bento a participar numa reunião de uma comissão parlamentar. Também foram substituídos deputados como Narana Coissoró e João Porto, do CDS, num total de sete do PSD e três do CDS. Não foram substituídos (ou não aceitaram sê-lo), deputados como Natália Correia (PSD) e Sanches Osório (CDS). Criou-se de imediato uma acesa discussão entre a oposição e a AD. No entanto, na votação sobre a aceitação dos pedidos de substituição, a AD conseguiu ganhar. Contra esta chuva de substituições, votaram todos os partidos da oposição, à excepção da UEDS, que votou favoravelmente. Jorge Sampaio e João Cravinho, do PS, Veiga de Oliveira (PCP) e Magalhães Mota (ASDI) intervieram para protestar e recordar que atitudes como esta não dignificam o Parlamento e que os deputados que agora entram não participaram sequer no debate e na discussão do projecto. Apenas «vêm votar». A isto, a AD responde com dificuldade. Sousa Tavares, por exemplo, concorda com parte da argumentação de Jorge Sampaio. Segundo o deputado 'psd', o Parlamento deveria «personalizar» mais os deputados, o que não acontece.

Cinco anos de cadeia para ex-despachante da "fraude do café"

● *Importador posto em causa na sentença*

O ex-despachante oficial Costa Santos, réu no julgamento do descaminho de documentos relativos à importação de café pela firma Manuel Rui Azinhais Nabeiro, Ld.ª (cafés Delta), foi ontem condenado no Tribunal da Boa Hora a uma pena de cinco anos de prisão maior. O aspecto mais saliente da última sessão deste importante julgamento reside contudo no seguinte passo da sentença lida pelo juiz presidente, Carmona da Mota: «O réu apropriou-se dos bilhetes de despacho, desencaminhado-os em prejuízo do Estado (...) e em **benefício próprio e do dono das mercadorias,** assim desembaraçadas, antes de quites com o fisco, e exactamente para que, assim, jamais as lesões fiscais neles documentadas viessem a ser detectadas e compensadas civilmente e sancionadas criminalmente com as penas de descaminho de direitos».

Esta passagem da sentença seria unanimemente considerada por diversos meios ligados ao processo como resultante da convicção do tribunal de que a firma importadora estava conluiada com Costa Santos.

Neste processo, porém, o único réu é o ex-despachante que o o tribunal condenou por **autoria material** do crime de descaminho de documentos previsto no art.º 424 do Código Penal e punível com penas de dois a oito anos de prisão. Na alocução final proferida depois da leitura da sentença, o juiz Carmona da Mota manifestou todavia a sua esperança de que aqueles que com ele colaboraram venham a ser julgados em breve no processo relativo à fraude fiscal que lesou o Estado em mais de 800 mil contos e que se encontra ainda em fase de instrução criminal.

Com palavras extremamente

Continua na pág 24

Concurso «DL»/82

SEGUNDA-FEIRA 19 DE ABRIL

Faltam só 4 dias para começar a iniciativa do 61.º aniversário do «DL»

UM CONCURSO FÁCIL E COM VALIOSOS PRÉMIOS

Compre o «Diário de Lisboa» e concorra a partir de 2.ª-feira

VEJA NAS PÁGS. 11 E 12 A LISTA DOS PRÉMIOS E O REGULAMENTO

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE ASSINATURA PARA O PERÍODO DO CONCURSO: VEJA PÁG. 2

Thorn e a CEE

A CIP está preocupada? É bom sinal

Pág. 13

Hoje há

Ler/ Escrever

O suplemento literário de hoje é, em parte, dedicado ao poeta João José Cochofel, recentemente falecido e de que falam Manuel Alegre e José Manuel Mendes. Também se fala de Georges Perec e Luís Patraquim, entre outros. No «Ler-/Escrever» colaboram Jacqueline Piatier, José Manuel Jara, Mário Benedetti, Vergílio Alberto Vieira, etc. De Cochofel publicam-se ainda dois poemas extraídos de «O Bispo de Pedra».

Constituição, cooperativismo e progresso

Blasco Hugo Fernandes

Os sintomas caracterizadores da actual situação da agricultura portuguesa são, na realidade, muito preocupantes. Se a sua constante tem sido a estagnação, nos últimos tempos têm-se registado recuos e quebras significativas da produção, considerada esta em termos globais. Incidindo a atenção sobre algumas áreas do sector verifica-se, por exemplo, que a produção de carne e dos ovos evolui negativamente. Em 1981 a produção de frango desceu 7,8 por cento em relação a 1980. O abate de gado também sofreu em 1981 um decréscimo quando comparado com o ano anterior, expresso em termos médios anuais. A produção da batata debate-se com problemas graves, com dificuldades de escoamento que provocam a sua deterioração nas casas agrícolas, em consequência da falta de medidas governamentais ajustadas às necessidades da produção e da comercialização, numa perspectiva favorável aos pequenos e médios agricultores que constituem nesta área da produção agrícola, como em tantas outras, uma larga maioria.

Se por um lado não existe um apoio directo a este estrato social da nossa agricultura por parte das entidades oficiais através de uma adequada rede de vulgarização agrícola e de assistência técnica dinamizadora da sua actividade, por outro surgem medidas desencorajadoras desta pela via do agravamento dos preços dos principais factores de produção, tais como adubos, sementes, pesticidas, gasóleo, etc. E isto, sem o produtor obter a mínima compensação por meio de uma política de preços agrícolas que cubra os custos agravados de produção.

Democratização do comércio

Acresce ainda o facto de não existirem apoios indirectos resultantes de uma conveniente regularização do sector da comercialização em ambos os sentidos, evitando que os pequenos e médios agricultores sejam presa fácil, sem capacidade de negociação, dos intermediários especuladores e de negociantes menos escrupulosos. Quando desejável seria, numa perspectiva de dinamização da produção agrícola, que se tomassem medidas de disciplinação dos circuitos comerciais, de inegáveis reflexos positivos na actividade produtiva de todo o sector e, muito em particular, dos seus estratos sociais e económicos menos favorecidos e protegidos. Se assim fosse, as actividades de distribuição adquiririam a sua função fundamentalmente social, garantindo por um lado o escoamento da produção agrícola, em condições vantajosas, não-estranguladoras e estimulantes para os que da terra arrancam a riqueza que dá o «pão» aos portugueses e a matéria-prima a diferentes sectores da economia nacional, e por outro tornariam os produtos agrícolas, e sobretudo alimentares, mais acessíveis aos consumidores, sem situações de distorção lesivas dos interesses sociais e económicos globalizantes.

Nada disto se passa na agricultura dos nossos dias, como se sabe, nem tão-pouco se introduzem outros factores, igualmente aceleradores da sua expansão, tais como, por exemplo, créditos desburocratizados e económico-financeiramente acessíveis aos pequenos e médios agricultores (e a formações económicas de tipo colectivo) susceptíveis de serem utilizados em necessidades produtivas de curto, médio e longo prazo. O que negativamente se repercute na produção de todo o sector.

A política e a crise

Compreende-se, pelo que até aqui ficou dito, que se assista nos últimos meses a um agravamento crescente da crise agrícola (e económica) no nosso país, acentuando o mal-estar e a insegurança económico-social nos lares de famílias cujo rendimento provém predominantemente ou exclusivamente do trabalho. Dessa crise sendo responsável a política agrícola que se tem vindo a seguir, de completa subalternização da agricultura perante os restantes sectores da nossa economia, não a dotanto, em consequência dessa marginalização e sobretudo dos princípios inspiradores da própria política sectorial e global, das infra-estruturas e dos meios financeiros, técnicos e humanos tendentes a aumentar realmente, de uma forma estável, a produção e a produtividade agrícolas, o abastecimento do país, e a incrementar a exportação, substituindo simultaneamente as importações cujo volume nos coloca numa preocupante (por elevada e crescente) dependência relativamente ao estrangeiro que a curto prazo pode comprometer, também nesta área, a nossa independência nacional.

Não é estranha, antes pelo contrário, constitui uma das razões de fundo a subordinação dos interesses nacionais aos do grande capital exterior cuja tendência, se não instabilizadora da actividade produtiva do sector, tem pelo menos sido impeditiva da aplicação de meios da sua dinamização. Esta política tem colocado abaixo do nível de sobrevivência o largo estrato dos pequenos e médios agricultores (e em termos gerais idênticas categorias socioprofissionais de outros sectores por razões do mesmo tipo internas a estes), e criado sérias dificuldades às formas associativas de produção, anulando ou reduzindo significativamente o seu contributo no aumento da produção e da produtividade da nossa agricultura, de que tanto depende o seu desenvolvimento e o bem-estar das populações que nela trabalham.

Constituição e desenvolvimento

Se a promoção económica, social e cultural destas, designadamente das suas camadas mais desfavorecidas, se liga estreitamente a algumas condições focadas ao longo deste escrito,não é menos certo que, para se atingirem níveis superiores de bem-estar económico, social e cultural, aquela se condiciona à dinamização e desenvolvimento do cooperativismo na agricultura. Um cooperativismo que integre pessoas com necessidades, aspirações e objectivos comuns, isto é, entre as quais exista um certo grau de comparabilidade para que seja democraticamente gerida e controlada. Ao Estado compete um papel importante nesta matéria. Com a criação de incentivos para acções de grupo, em particular das cooperativas.

Como se preceitua no Art.º 84.º da nossa Constituição, deve ele fomentar a criação e a actividade de cooperativas, designadamente de produção, de comercialização e de consumo, na estrita observância dos princípios cooperativos. Não são, no entanto, cumpridas estas disposições constitucionais, criando-se não raro inúmeras dificuldades às diferentes formas associativas de produção, que entravam total ou parcialmente a sua actividade ou contribuem para o seu descrédito junto de outros grupos populacionais. Reconhece-se, no entanto, que em estruturas económico-sociais como a da agricultura portuguesa, a cooperação é, sem dúvida, um ingrediente essencial na estratégia do seu desenvolvimento. Aponta isto para a necessidade de se consolidar e de dar vida às disposições da actual Constituição da República Portuguesa, em todas as implicações socio-económicas e político-militares nela contidas e, por consenso das forças democráticas e das pessoas identificadas com Abril, evitar que por qualquer forma ela se inviabilize, criando-se simultaneamente uma estrutura político-administrativa cuja composição e filosofia social se inspire nos ideiais de Abril consagrados na Constituição de 1976, com interesse e vontade política de os concretizar em todos os sectores da vida do país. Garante-se assim o desenvolvimento da nossa agricultura e a evolução positiva, estável, firme e democrática da economia e da sociedade portuguesa. E isto porque esta Constituição – a Constituição de Abril – concede posição relevante à propriedade social dos principais meios de produção, à planificação económica e à democratização das instituições sem as quais não é possível resolver os problemas fundamentais do país, sejam eles económicos, sociais ou culturais, nem satisfazer os direitos dos cidadãos. Razões bastantes, estas, para a preservar porque dela depende a salvaguarda e o aprofundamento do regime democrático em Portugal, que Abril nos trouxe.

China

Os bispos acusam o Papa de "insulto a Deus-todo-poderoso"

Manuel Lucbert

PEQUIM – O clima entre o Vaticano e a Igreja Católica não é precisamente dos melhores. Os responsáveis pela associação patriótica, de que fazem parte os católicos ligados ao regime, reagiu com efeito muito vivamente contra as últimas iniciativas do Papa em relação à China, e em particular contra a missa celebrada em 21 de Março por João Paulo II para a comunidade chinesa, e nesse dia dedicada às vítimas da repressão política («Le Monde» de 23 de Março).

Acrescentando-se a outras atitudes do Papa com respeito à China – tais como a carta enviada no princípio do ano aos bispos de todo o mundo pedindo-lhes para orarem pelos católicos chineses – esta atitude aumentou a irritação manifestada aqui durante a viagem do Soberano Pontífice à Ásia e do seu discurso em Manila na Primavera de 1981, e foi reforçada pela decisão unilateral da Santa Sé em Junho seguinte, de colocar à frente da diocese de Cantão um bispo, o monsenhor Tang, que reside actualmente em Hong-Kong.

Primeiro monsenhor Yang Gaojian, um dos dirigentes da comissão administrativa da Igreja Católica Patriótica, e depois monsenhor Zhang Jiashu, bispo de Xangai e presidente da conferência episcopal, criticaram, nestes últimos dias, a atitude do Papa dizendo que ele era culpado diante de «Deus-todo-poderoso». Refutando como sendo «uma calúnia odiosa» as acusações contra as perseguições aos católicos chineses feita pelo Vaticano contra Pequim, monsenhor Yang apresentou um quadro da situação, que, pelo contrário até parece bastante estável. Depois de recordar que fora reorganizada uma conferência episcopal em 1980, declarou que mais de duzentos locais de culto foram restaurados e abertos nestes últimos anos, e que os serviços religiosos têm sido assistidos por muita gente – o que é verdade – que houve uma peregrinação em 1981, perto de Xangai, durante o mês de Maria, e que finalmente até uma escola de Teologia vai ser aberta em breve para a formação de novos padres.

Depois da sua defesa «pro domo», monsenhor Yang, contudo, não conseguiu esconder certos aspectos menos risonhos da realidade, tais como a prisão em Xangai, no passado mês de Novembro de vários padres e leigos não ligados à Igreja patriótica e acusados de «contra-revolucionários». Justificou estas medidas de repressão dizendo: «É bom levar estes fariseus diante da justiça, e purificar a Igreja».

Os católicos de Xangai, sob a orientação de monsenhor Zhang Jiashu, tomaram uma posição análoga..Na passada terça-feira levaram o seu apoio às autoridades pelas «punições administradas de acordo com a lei» – teria havido já um processo? – «a uma meia dúzia de marginais da comunidade católica chinesa que só têm trazido desgraças ao país e à Igreja Católica.»

Aviso aos tibetianos

Estas tomadas de posição dos meios católicos oficiais coincidiram com uma chamada de atenção do «Diário do Povo» em relação às práticas budistas no Tibet. Este jornal vem afirmar veementemente que «a participação em práticas de superstição feudal» é para um comunista uma «violação do status do partido».

Para o «Diário do Povo», as práticas religiosas não devem ultrapassar um certo limite «normal» do exercício do culto propriamente dito. Não devem misturar-se na vida política cultural, na educação, no casamento, na produção ou na vida familiar. Ora, prossegue o jornal, «certas pessoas de má-fé aproveitam as actividades de superstição para sabotar a unidade nacional, perturbar a ordem social, entravar a produção, enganar as populações, recolher dinheiros, violar as mulheres, matar, etc...».

Perfeitamente conscientes de que o problema não poderá ser resolvido com «ordens administrativas», os autores deste aviso consolam-se com a ideia que o desenvolvimento dos conhecimentos culturais e científicos fará com que «a pouco e pouco se vá perdendo a base da existência dessa superstição feudal».

Do correspondente do «Le Monde»
Manuel Lucbert
Exclusivo D.L.

um filme de JUST JAECKIN

Quem nunca sonhou
viver um grande amor?
Para eles o sonho tornou-se realidade.

o último AMANTE ROMÂNTICO

LE DERNIER AMANT ROMANTIQUE

DAYLE HADDON · GÉRARD TYBALT · FERNANDO REY

estudio 444

ESTREIA HOJE ÀS 15 H.

COLOR INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS DOPERFILME

ASSEGURE OS EXEMPLARES DO «DL» NECESSÁRIOS PARA CONCORRER

Leitor amigo, não se fie no acaso: reserve o «Diário de Lisboa» no seu vendedor habitual e, se não tiver nenhum ponto de venda próximo, ou se por qualquer outro motivo, quiser garantir os seus cupões para o concurso, preencha com letra bem legível este talão, junte um cheque ou vale de correio de 750$00 e envie-nos. Aproveite este preço especial que fazemos apenas para o período do concurso e, além de pouper, terá a certeza de ficar habilitado a concorrer.

ASSINATURAS DL

(VIA NORMAL PARA O CONTINENTE E ILHAS)

Considerem-me assinante a partir do dia 19 de Abril de 1982
pelo período correspondente a 60 jornais (concurso – 2 séries) – (750$00)

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____

Juntar cheque ou vale de correio e enviar para:
(«Diário de Lisboa» Rua Luz Soriano, 44 – 1200 LISBOA

A «Ideia Zuche» e a Revolução Portuguesa

Fernando Piteira Santos

Na sua mensagem de Ano Novo para 1982, o presidente Kim Il Sung saudava os trabalhadores coreanos por terem, em 1981, com grande dinamismo, desenvolvido as três revoluções: «a ideológica, a técnica e a cultural, e conseguido um grande avanço na tarefa de transformar a sociedade, segundo a ideia Zuche».

Tomemos esta frase como ponto de partida: **Zuche** é uma ideia. É, portanto, um valor ideológico. Para o presidente Kim Il Sung, que enunciou, defende e encarece esse valor ideológico, não se trata de «teoria pela teoria», mas da «ideia directriz da revolução e da construção no nosso país». Uma noção ideológica específica da Revolução e da construção do Socialismo na Coreia? Não é assim. A «ideia Zuche» nasce da experiência coreana, é o princípio orientador, a inspiração, da experiência coreana, mas, como valor ideológico, tem um alcance que excede o quadro nacional. A ideia Zuche – como já afirmou o presidente Kim Il Sung – «corresponde inteiramente às aspirações e anseios do povos do mundo».

No pensamento de Kim Il Sung a «ideia Zuche» apresenta-se a um nível antropológico e a um nível pragmático: é um humanismo e é uma directriz de acção. No plano doutrinário, da leitura dos textos do dirigente máximo da Revolução corena resulta que a «ideia Zuche» se gera na prática revolucionária dos movimentos das massas populares e na matriz teórica do marxismo e do leninismo. Mas Kim Il Sung reconhece que, na sua elaboração e aplicação, nas condições particulares da Coreia, a «ideia Zuche» surge como algo de novo e de original que não só é um reflexo de uma experiência como o produto teórico de uma vontade política: «A ideia Zuche é a que nós apresentámos pela primeira vez, partindo da exigência da revolução coreana e sobre a base das experiências desta revolução».

Será necessário termos em conta a longa história do Povo coreano, as suas lutas pela independência nacional e pela cultura nacional contra invasores e ocupantes, as experiências dolorosas e as consequências devastadoras das duas guerras – da Guerra Revolucionária antijaponesa e da guerra anti-imperialista de Libertação da Pátria – para se compreender o apelo profundo ao homem da Coreia que representa a sua responsabilização ideológica como senhor do seu próprio destino. Zuche, com efeito, é «a ideia de que cada um de nós é senhor do seu destino e possui, em si mesmo também, a força que forja o seu próprio destino».

A República Popular Democrática da Coreia festeja hoje o 70.º aniversário do presidente Kim Il Sung dirigente máximo do Estado e da Revolução coreana. Na foto, o presidente Kim Il Sung agradece os aplausos dos delegados e representantes estrangeiros no VI Congresso do Partido do Trabalho. À sua esquerda, em lugar destacado, o jovem dirigente Kim Djeung Il, ao qual o Congresso atribuiu altas funções no Partido e no Estado

Esta valorização humanista não tem por objecto o indivíduo isolado. A responsabilização individual do homem como sujeito de história integra-se numa interdependência bipolar: o indivíduo e o movimento das massas. Kim Il Sung disse: «A ideia Zuche consiste em que os donos da revolução e da construção são as massas populares e em que também a força que impulsiona a revolução e a construção são as massas populares que a possuem». E são, igualmente, as massas populares que, na prática social e em relação á sociedade existente, «constituem o factor principal para a sua transformação».

No pensamento de Kim Il Sung esta aposta na capacidade das massas populares –origem, senhoras e objecto da Revolução – é um ponto central e determinante de outros desenvolvimentos. Respondendo a correspondentes de jornais estrangeiros, o presidente Kim Il Sung disse: «A luta revolucionária e o trabalho de construção são o combate das massas populares trabalhadoras para se libertarem de toda a subjugação e gozar a vida independente e criadora, como verdadeiros donos da natureza e da sociedade; é uma obra sua para forjar o seu destino». Mas nesse combate de libertação por uma vida autónoma e criadora, as massas terão que se mostrar, pela sua própria actividade, capazes de se comportarem com independência e de revelarem rasgo criativo e continuidade criativa.

A «faculdade criadora» e a «independência» caracterizam o homem como ser social. E o presidente Kim Il Sung, nas já referidas respostas a correspondente de jornais estrangeiros, falando do homem, acentuou: «Trata-se de ser mais desenvolvido e poderoso, que por meio das suas actividades bem orientadas e conscientes transforma o mundo conforme a sua vontade e a sua necessidade».

Compreende-se, portanto, que para o dirigente revolucionário da Coreia o problema da consciência ideológica se coloque como primacial. Para Kim Il Sung: «Toda a acção do homem está determinada pela sua consciência ideológica». E não só a luta política, como as grandes tarefas de construção nacional exigem uma consciência ideológica actualizada, estimulada para enfrentar problemas de complexidade crescente, sensibilizada para um empenhamento cada vez mais firme mais generoso, mais altruísta.

São estas as condições, no pensamento doutrinário elaborado a partir da «ideia Zuche», da possibilidade de os homens serem livres em relação a qualquer tipo de sujeição e poderem vencer os sistemas opressivos e injustos.

A «ideia Zuche» – na concepção do presidente Kim Il Sung, seu original criador – valoriza, a partir de um conceito de autonomia e de uma grande confiança na capacidade criadora das massas populares, as potencialidades de cada povo para desencadear e dirigir autonomamente a Revolução. «As revoluções não se exportam nem importam» – disse o presidente Kim Il Sung e, com clareza, precisou o seu pensamento: «Os estrangeiros não poderiam fazer a revolução em nosso lugar. O dono da revolução em cada país é o seu próprio povo e o factor decisivo da revolução são também as forças do próprio país.»

Neste juízo reflectem-se as muito diversas experiências da larga luta do Povo da Coreia: na resistência nacional e na guerra de libertação, na guerra anti-imperialista, na organização do partido de vanguarda, na unidade combatente do povo, na sua mobilização para as tarefas de construção da Economia e do Estado, na direcção revolucionária autónoma, rigorosamente independente e radicalmente criadora nas condições nacionais da Coreia. E o que ao observador estrangeiro algumas vezes parece ser um realismo pragmático é, na realidade, a atitude que decorre da adopção da «ideia Zuche», da concepção – pela qual o presidente Kim Il Sung se bateu – de um humanismo revolucionário radical. O homem é o sujeito da Revolução. E a Revolução faz-se para que o homem seja mais livre e possa afirmar a sua independência (na interdependência social como «ser social» que é) e as suas capacidades criadoras. Representando a sociedade, cada situação concreta, não um condicionamento rígido, mas um limite que o homm pode ultrapassar, uma determinante que o homem pode modificar ou vencer. Dependendo do poder e capacidade do «ser sccial», num esforço de cooperação bem orientado, a transformação da própria sociedade.

Nem «modelo», nem direcção do exterior. Em cada país a revolução deverá ser obra, independente e criadora, do seu próprio povo. O pensamento de Kim Il Sung é claro e a experiência coreana é uma surpreendente lição da validade da «ideia Zuche». Um texto, frequentemente citado, do presidente Kim Il Sung, permite-nos abarcar a noção de Zuche nas suas implicações teóricas e consequências práticas: «O problema de assumir uma posição de senhor e o problema de elevar esse papel na revolução e na construção são um só e simultaneamente têm aspectos diferentes e inter-relacionados. Pode dizer-se que enquanto a posição independente está relacionada com o problema de como salvaguardar os direitos de um senhor (a palavra original poderá traduzir-se por «dono» ou por «amo») e exercer toda a responsabilidade que lhe compete, a posição criadora está ligada com a questão de como elevar o papel das massas populares, senhoras da transformação da natureza e da sociedade. Podemos dizer que enquanto a posição independente é a posição básica que devemos assumir na revolução e na construção, a posição criadora é o método fundamental que devemos adoptar para a transformação da natureza e da sociedade.»

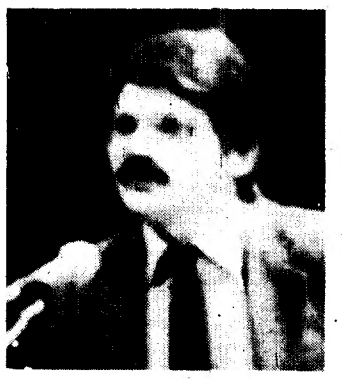
Não será necessário multiplicar citações do presidente Kim Il Sung. O seu pensamento é claro e resulta de uma reflexão que tem a ver com o exercício das suas responsabilidades como dirigente da revolução na Coreia. Revolução que se realiza num quadro nacional e que, sendo a um tempo luta de classes e luta de libertação nacional política e cultural, concluirá pela fundação de uma Coreia que só a ingerência estrangeira mantém dividida e impedida de se reencontrar, homens do Norte e homens do Sul, sendo uns e outros solidários na mesma resistência aos diversos invasores e ocupantes, titulares das mesmas tradições, portadores da mesma cultura. Neste quadro nacional, o pensamento de Kim Il Sung apresenta-se como um apelo às energias nacionais, do povo espera o total empenho. A revolução – e a transformação da so-

Continua na pág 4

Nesta humilde habitação de uma família camponesa nasceu, em 15 de Abril de 1912, faz hoje setenta anos, o presidente Kim Il Sung. Mankiongde, não distante de Pyongyang, tornou-se um lugar histórico e venerado para o povo da Coreia

ponto a ponto

Vital Moreira participa esta noite na sede do Partido Popular Monárquico num debate sobre a revisão constitucional. A sessão, integrada no Ciclo Palestras-Colóquios/82, do PPM, tem início às 22 horas. No âmbito do mesmo ciclo esteve também já na sede do PPM a deputada do MDP, Helena Cidade Moura, que falou do problema da educação em Portugal. Amanhã, ainda às 22 horas, o dirigente do PPM, João Camossa, abordará o tema: «Comunidades locais e identidade nacional».



A Comissão Parlamentar de Defesa ouviu hoje Firmino Miguel e os comandantes Batista Comprido e Virgílio de Carvalho a respeito da adesão da Espanha à NATO – informou Jaime Gama, membro da comissão. Esta elaborará um relatório sobre o tema, que deverá estar concluído, em princípio, no dia 21. O debate parlamentar sobre a ratificação por Portugal do protocolo de adesão da Espanha à NATO está agendado para o próximo dia 22.

Terá lugar, este ano também, na Voz do Operário, o almoço comemorativo das mulheres dos oficiais e sargentos que participaram na data gloriosa do 25 de Abril. A iniciativa terá lugar no próprio dia 25, domingo, e todas as interessadas deverão inscrever-se, desde já, na Associação dos Deficientes das Forças Armadas ou na própria Voz do Operário.

O chefe do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, declinou o convite para estar presente, a noite passada, em Lisboa, na recepção oferecida pelo Primeiro-Ministro ao presidente da CEE. O pretexto dado em nota oficial do Executivo funchalense refere «vários compromissos assumidos na região».

«A Comunicação Pública em Portugal» é o tema do colóquio promovido pela secção do PS de Alvalade (Av. do Brasil, 90) esta noite, nas respectivas instalações, com a participação do antigo presidente da RTP, Soares Louro, e de Serras Gago.

O Comité Argentino Contra a Ditadura Militar defendeu em Lisboa a integração das ilhas Malvinas no território nacional argentino. «A luta pelas ilhas Malvinas – refere em comunicado aquele comité – é entre uma nação que luta pela defesa da sua soberania e um império colonial caduco que se aferra aos seus restos.» O comité não deixa de sublinhar, entretanto, que a recuperação das ilhas Malvinas por parte do Governo de Buenos Aires é uma «manobra política para salvar um regime abalado pela contestação popular».

O CEMGFA, general Melo Egídio, recebeu ontem em visita de cumprimentos o comandante do Colégio de Defesa da NATO em Roma, o general Kotsolakis, da Força Aérea Grega. O oficial grego dirige a visita a Portugal do 60º Curso do Colégio de Defesa da NATO, que iniciou o seu programa anual de deslocações aos países daquele pacto militar.

A «Ideia Zuche» e a Revolução Portuguesa

Continuação da pág. 3

ciedade e da natureza – deverá realizar-se apoiando-se «principalmente nas suas forças internas», contando com «as suas riquezas nacionais». Verdade para a Coreia, verdade para as outras nações. Verdade para Portugal, também. «Em princípio, cada povo deve resolver por si mesmo os problemas do seu país» – afirmou o presidente Kim Il Sung.

A «ideia Zuche» assume-se como uma teoria da autonomia do homem (e dos povos) e de confiança no poder criador do homem (e das massas populares). Sob condição de homem e dos povos terem a consciência revolucionária dessa autonomia e desse poder criador. Num texto de 1973, intitulado «Aceleremos com maior energia as Revoluções Ideológica, Técnica e Cultural», o presidente Kim Il Sung escreveu: «O conservadorismo, o servilismo em relação às grandes potências, o misticismo a respeito da técnica e o empirismo não têm nada a ver com a ideia Zuche do nosso partido, e como ideias nocivas que são, não podem conviver de modo algum com a ideia Zuche». Esta exige a irradicação do servilismo em relação às grandes potências e do dogmatismo e a reavaliação das experiências de outros povos à luz da experiência nacional e no confronto com as realidades nacionais.

Não depender da ajuda estrangeira, seja ela solidária e ditada por princípios internacionalistas, adoptando as três regras: plena soberania no plano político; auto-suficiência no plano económico; autodefesa no plano militar. Regras estas que completam a «ideia Zuche» que é a da autonomia no plano da ideologia, que é a da autonomia revolucionária criadora.

Esta síntese breve da «ideia Zuche» conduz-nos, naturalmente, a pensarmos na Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974 e no acidentado «novo curso» português. Poder-se-ia dizer – e sem catastrofismo o diremos – que em Portugal se adoptou um caminho diferente, se assumiu a atitude inteiramente contrária à que se inspiraria na «ideia Zuche». Sem termos realizado (na acepção anglicista da palavra) a potencialidade popular criadora da Revolução de 25 de Abril de 1974, caímos na corrida às ajudas «ideológicas» e «materiais» (aos mais diversos níveis) dos países, partidos e doutrinários estrangeiros. Constituímo-nos – e, talvez, mais do que no tempo triste do salazarismo opressor – em **dependentes.**

Dependemos das grandes potências e ante elas só somos servis; dependemos em ideias, capitais, tecnologias, armamentos, produtos alimentares, rações para a pecuária. Somos política e materialmente dependentes. A nossa diplomacia – mostrou-o recentemente – é apendicular, reage por retransmissão em questões em que não estão em jogo os verdadeiros interesses nacionais. Em relação à África, oferecemo-nos como intermediários. Solicitamos ajudas políticas. Copiamos modelos. Importamos ideias. Mendigamos às portas da Europa. Não nos comportamos como «senhores» e «criadores» do nosso próprio destino.

Não fomos – até hoje – capazes de definir o princípio **Zuche** da Revolução Portuguesa.

"Prisioneiros" libertados pela Unita recebidos ontem por Freitas do Amaral

Freitas do Amaral recebeu ontem na sede do CDS, no Largo do Caldas, o grupo de cidadãos portugueses trazidos para Lisboa como alegados prisioneiros da UNITA e cuja libertação teria sido obtida graças aos bons ofícios daquele partido. A ser verdade tudo quanto alguns órgãos de Comunicação Social afectos aos partidos de direita têm veiculado aqueles cidadãos teriam muito que contar.

Curiosamente não foi facultada aos jornalistas a mínima possibilidade de contacto com os «prisioneiros» e mesmo um familiar de um deles que tinha vindo do Algarve para o ver, ao fim de muito tempo de espera no Largo do Caldas ainda não o tinha conseguido.

Ontem à tarde os jornalistas puderam ver os «prisioneiros» ao lado do prof. Freitas do Amaral, do eng. Anacoreta Correia e do deputado José Gama. O líder centrista fez festas às criancinhas, distribuiu sorrisos, cumprimentos e deixou-se fotografar e filmar.

Escassos minutos durou esta cerimónia. Depois, Freitas do Amaral mandou sair da sala os «prisioneiros». Ficaram só os jornalistas. Mas o dirigente centrista recusou-se a fazer qualquer declaração remetendo-os para o eng. Anacoreta Correia e para o deputado José Gama que tinham sido os responsáveis pela operação.

O que ainda ninguém conseguiu saber verdadeiramente é por que foram estes cidadãos presos pela UNITA. O que é que fizeram para justificar a prisão? Ou foi só por que eram portugueses? Mas que guerrilheiros são esses que atacam civis, mulheres e crianças que não são parte na luta? Sistematicamente a UNITA prenderá todos os portugueses nas zonas que diz controlar? Nesse caso, ou deve ter ainda alguns milhares em seu poder ou então pouco ou nada controla do território angolano.

A resposta a estas questões por parte dos «prisioneiros» teria contribuído para uma melhor compreensão deste caso. Mas, como ontem referimos, eles só podem falar para «O Tempo».

Um facto a reter: estes portugueses foram presos sem saber porquê, passaram anos de cativeiro, nada fizeram que justificasse a prisão mas parece mesmo que estão agradecidos aos seus sequestradores que consideram «boas pessoas» e a quem agradecem muito.

Sargentos comemoram 8.º aniversário do 25 de Abril

Sargentos dos três ramos das Forças Armadas, da GNR e da Guarda Fiscal, vão comemorar, como em anos anteriores, a data histórica do 25 de Abril de 1974, «dia em que – assinala o comunicado da comissão promotora – interpretando os sentimentos mais profundos do povo português, os militares sob a égide do Movimento dos Capitães, lhe devolveu a liberdade, acabando de vez com a tão longa e dolorosa noite fascista».

A comemoração constará dum almoço-convívio, com intervenções de representantes de cada uma das armas e um momento cultural, a realizar no dia 24 de Abril, sábado, no Clube Recreativo Piedense, na Cova da Piedade.

Nos Açores

O 25 de Abril será assinalado em Ponta Delgada com uma cerimónia militar promovida pelo Comando-Chefe das Forças Armadas nos Açores, revelou á ANOP uma fonte militar.

Na cerimónia a que presidirá o general Conceição e Silva, ministro da República para os Açores, estarão presentes as principais autoridades civis e militares, do arquipélago, participarão destacamentos do Exército, Armada, Força Aérea, PSP e Guarda Fiscal.

A data da Revolução do 25 de Abril de 1974 será também comemorada nas nove ilhas dos Açores, com actividades populares promovidas pelo executivo local.

Madeira

O oitavo aniversário do 25 de Abril será comemorado no Funchal, Santa Cruz e Câmara de Lobos, com comícios e festas populares, revelou a comissão promotora da Madeira.

Em comunicado divulgado, no Funchal, a comissão anunciou para sábado a relização do primeiro encontro regional em defesa das liberdades «para debater e traçar caminhos de luta».

A comissão promotora afirmou que os objectivos das comemorações do 25 de Abril na região «é fundamentalmente, dar mais força ao povo em defesa do 25 de Abril, contra a direita no poder».

Alcácer do Sal

Igualmente extenso é o programa de comemorações do concelho de Alcácer do Sal, aliás já iniciado no passado dia 9 de Abril com jogos desportivos, e que prosseguem nos próximos dias com actividades culturais, incluindo sessões de cinema e concertos.

Momentos altos do programa são a concentração-manifestação marcada para as 21 e 30 do dia 24 de Abril, seguida de imponente festival de fogo de artifício e o baile na própria noite do dia 25, no Largo Pedro Nunes com um conjunto musical.

CAMARA MUNICIPAL DE LOURES

COMEMORAÇÕES DE ABRIL

TENIS DE MESA

torneio aberto no pavilhão do atlético c. moscavide

dia 18 com inicio às 9 h da manhã

DESTINADO AOS SEGUINTES ESCALÕES:

A-misto filiados – não federados ate 14 anos

B-feminino não federados com mais de 14 anos

C-masculino .. ..

inscrições abertas ate 15 abril nos seguintes locais

camara municipal loures – pelouro da cultura

atletico c. moscavide – r. antonio p. de carvalho nº 5

grupo recreativo do bº bela vista - r.s. francisco xavier nº 16 - loja stª iria azoia.

numerosos premios individuais e por equipas

A FELICIDADE ESPERA POR NÓS A CADA PASSO. NUNCA PERCA A ESPERANÇA!

MOSCOVO NÃO ACREDITA EM LÁGRIMAS

OSCAR da Academia Americana de Arte Cinematográfica ao melhor filme estrangeiro em 1981-Los Angeles

Realização de: VLADIMIR MENSHOV COR

ESTREIA HOJE ÀS 21.30 H

CINE

M/ACONS. A MENORES DE 13 ANOS

Eanes e as relações com Angola

"Meus senhores, é a hora da eficácia e competência"

A hora em que esta edição do «DL» chegar às mãos dos leitores estará o avião que transporta Ramalho Eanes a aterrar no aeroporto internacional «4 de Fevereiro», em Luanda.

Como o Presidente português lembrou ontem à tarde em Belém, ao falar para toda a sua comitiva – membros do Governo, convidados, empresários e jornalistas – com esta visita encerra-se um ciclo de iniciativas tendentes a normalizar as relações entre Portugal e Angola.

Esse ciclo de que falou Eanes, teve o seu ponto alto no encontro de Bissau, numa altura em que em Portugal se levantavam críticas de vários sectores à política seguida por Belém, em relação aos novos países africanos. Então, estava-se ainda longe do consenso que hoje se verifica quanto ao acerto dessa política, uma vez que os traumas da descolonização e a cegueira de muita gente não deixavam ainda ver claro.

Foi um ciclo feito de pressa, esse. Feito com a consciência de que o tempo voava e com a certeza de que, se queríamos manter uma relação privilegiada, com esses jovens países não nos poderíamos deixar enredar nos traumas da descolonização.

E hoje, Eanes torna-se o primeiro chefe de Estado dum país ocidental a visitar Angola, o que confere a esta viagem «a maior importância política», como também ontem acentuou o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Leonardo Matias. Um secretário que substitui o titular das Necessidades, mais interessado em cruzeiros pelos mares das Caraíbas do que em servir o seu País.

Capacidade e competência

Quando Ramalho Eanes a caminho do Futungo de Belas (sua residência oficial em Angola) passar esta tarde pelas ruas de Luanda, será aplaudido por uma multidão que não esquece a sua presença nos funerais de Agostinho Neto.

Porém, esse calor humano, esse reencontro sentimental entre duas nações soberanas sendo embora excelentes pontos de partida para uma cooperação que se antevê frutuosa, não podem fazer esquecer que o «ciclo» feito de pressa chegou também ao fim. A partir de agora o que mais contará não será certamente as afinidades culturais e afectivas, mas antes a capacidade e a competência de que dermos provas – facto que Eanes não se esqueceu de sublinhar ontem dirigindo-se muito claramente aos membros do Governo que o ouviam, bem como aos empresários.

Estes, de resto, estavam de acordo, pois o interesse por Angola é enorme, como o prova a avalanche de pedidos de empresários para serem integrados na comitiva de Eanes.

Foram cerca de 260 as empresas que, nesse sentido, se dirigiram a Belém – e das quase 50 escolhidas inicialmente por um grupo de trabalho coordenado pelo almirante Souto Cruz (e que integrava ainda o eng. Botequilha, Silva Lopes, Costa Leal) acabaram por ficar 18, dadas as dificuldades de momento, por parte das autoridades angolanas, de poderem receber mais.

Mabor, Tunamar (pescas), Manuel Rodrigues Lima e Riopele (têxteis), Fapobol (borrachas), Sociedade Nacional de Sabões, Crump (maquinaria e equipamento para os têxteis), FOC (mobiliário de metal), F. Ramada (estruturas metálicas), Mota & Comp. (construção civil), Somague (obras de grande vulto e metalomecânica pesada), Somafel (renovação das estruturas ferroviárias), Matalúrgica Casal (veículos motorizados) Associação Industrial Portuense, CTPI (consórcio técnico de produtos industriais), Equimetal (equipamento ferroviário) e Sodipal (equipamento metálico), são as empresas representadas na comitiva de Eanes, e de quem se espera possam obter rapidamente acordos com Angola, na base da competência e da eficácia. Resta esperar e ver se seremos capazes de vencer o desafio.

Uma novidade e uma surpresa

O encontro de ontem em Belém foi uma novidade nas viagens presidenciais e resultou da experiência adquirida na recente deslocação a Moçambique.

Eanes quis, fundamentalmente, duas coisas: fazer com que os membros da sua comitiva se conhecessem antes de entrarem no avião e proporcionar-lhes um esclarecimento acerca dos objectivos da viagem. Daí que, depois de uma breve introdução o Presidente, que se encontrava ladeado pelo ministro da Indústria, Baião Horta e pelo conselheiro da Revolução tenente-coronel Melo Antunes, tivesse passado a palavra ao primeiro, que falou sobre o enquadramento das relações económicas e empresariais com Angola.

Logo a seguir foi a vez de intervir o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros (falou na ausência de Eanes, que teve que sair para receber Gaston Thorn) que se debruçou com algum pormenor sobre a importância política da viagem do Presidente da República e traçou, fundamentalmente para empresários, uma análise da situação interna angolana. A forma como abordou este último ponto foi, no mínimo, surpreendente. Com a experiência e o «savoir faire» que se lhe reconhecem, Leonardo Matias foi de uma infelicidade gritante na análise que fez e sobretudo no modo como a fez, levantando fortes interrogações quanto aos reais motivos que o levaram a falar daquele modo para tal auditório. Pena foi que Leonardo Matias não tivesse assistido à exposição que o assessor político do PR fez mais tarde exclusivamente para os jornalistas.

Ribeiro Cardoso

Luanda comenta:

"Importante passo"

A Informação angolana referia-se ontem com raro destaque à visita do Presidente português. O matutino luandense, «Jornal de Angola» escrevia em editorial que «uma das mais velhas nações europeias e um dos mais jovens Estados africanos vem dar mais um importante passo no estreitamento das suas relações bilaterais».

Mais adiante, o jornal salienta que «para além dos mais óbvios factores de natureza histórica, importa sublinhar um significativo ponto de contacto na actualidade, por motivos conjunturais, entre países de tão diferente idade – o da necessidade de cuidarem e reforçarem os seus respectivos nacionalismos».

«É a ânsia de serem eles próprios que anima o encontro entre os nacionalismos angolano e português. Por motivos óbvios» – prossegue o «Jornal de Angola», no entender do qual à dissolução do império se seguiu em Portugal uma «crise de nacionalidade» que o poder civil não conseguiu ainda superar.

«A única grande linha de continuidade nacionalista encontra-se até agora nas Forças Armadas» – afirma ainda o editorial.

«Foi no contexto da recuperação do nacionalismo que se inseriu a emergência do Movimento das Forças Armadas (MFA), e a sobrevivência da constitucionalidade do Conselho da Revolução, paralelamente à continuidade do ascendente militar sobre a Presidência da República» – entende o «Jornal de Angola».

«O reconhecimento generalizado, sobretudo no plano externo, da Presidência da República Portuguesa como instituição apartidária da suprema representatividade nacional é um dos factores que hoje valoriza com especial realce e significado a visita à República Popular de Angola do general Ramalho Eanes, o Presidente de todos os portugueses» – afirma ainda o jornal.

Por outro lado, o mesmo matutino recorda palavras proferidas pelo primeiro presidente do país, depois do «Encontro de Bissau» com Ramalho Eanes, em Junho de 1978: «A República Popular de Angola, o povo angolano e o seu partido, o MPLA, farão tudo o que for necessário para a realização da cooperação com Portugal».

A Informação luandense também refere que haverá hoje milhares de pequenas bandeiras de Portugal e de Angola nas mãos da população da capital angolana.

Programa oficial

Uma deslocação à Barragem de Cambambe, próximo de Luanda, foi incluída no segundo dia da estada oficial do Presidente português em Angola – indica o programa definitivo, divulgado pelo Palácio de Belém.

O general Ramalho Eanes chega a Luanda às 16 horas de hoje (mesma hora em Lisboa) depõe às 17 e 30 uma coroa de flores no túmulo de Agostinho Neto e conferencia às 18 horas com o chefe do Estado angolano, José Eduardo dos Santos.

Dia 16, depois de visitas à refinaria da Petrangol e à Barragem de Cambambe, de manhã, o Presidente tem, à tarde, conversações com os dirigentes de Angola e recebe cumprimentos dos chefes das missões diplomáticas acreditadas em Luanda. Um banquete é-lhe oferecido pelo seu anfitrião, à noite, ocasião para os únicos discursos oficiais desta visita de Estado.

Dia 17 a comitiva portuguesa desloca-se durante oito horas à província da Huila, no Sul do país, e a 18, o Presidente Eanes visita, de manhã, o Museu das Forças Armadas e a Embaixada de Portugal. À tarde, encontragse com a comunidade portuguesa e à noite assiste a uma sessão cultural num dos teatros da cidade.

Dia 19, o Presidente Eanes reúne-se, às 8 e 40 com o seu homólogo José Eduardo dos Santos, depois do que encerram oficialmente as conversações entre os dois países, encontrando-se presentes do lado português o ministro da Indústria, Energia e Exportação, bem como seis secretários de Estado.

Às 9 e 30 desse dia, segunda-feira, realiza-se uma conferência de Imprensa, finda a qual a comitiva oficial portuguesa, de cerca de 80 pessoas, se dirige para o Aeroporto «Quatro de Fevereiro» e toma um voo especial dos TAP de regresso a Lisboa.

O Presidente da República portuguesa desejou que esta viagem se efectuasse exclusivamente a Angola, sem escalas, a fim de evidenciar o interesse que tem por esse país – indicaram à ANOP colaboradores seus.

comunicação social

Com críticos de TV

"Informação na RTP": colóquio amanhã na Casa da Imprensa

Na Casa da Imprensa, e por iniciativa do Sindicato dos Jornalistas, efectua-se amanhã, às 21 e 30, um colóquio subordinado ao tema «Informação na RTP».

Participam no colóquio (seguido de debate) críticos de TV, representantes dos Sindicatos das Telecomunicações e das Actividades Cinematográficas e, ainda, os jornalistas saneados da Radiotelevisão Portuguesa no decurso dos acontecimentos do 25 de Novembro.

Refira-se que estes profissionais não foram ainda reintegrados na RTP apesar da Lei da Amnistia, oportunamente aprovada na Assembleia da República.

O colóquio em questão é aberto a todos os jornalistas.

Jornais aumentam de preço

Os jornais diários vão aumentar de preço – segundo se conclui de um despacho conjunto da Presidência do Conselho de Ministros e do Ministério das Finanças e do Plano hoje publicado no «Diário da República».

Com efeito, lê-se no despacho que «estão em curso diligências, no âmbito da Associação da Imprensa Diária, com vista ao aumento de preço de venda dos jornais diários.»

O despacho tem por objectivo autorizar as empresas públicas proprietárias de jornais diários a praticar o novo preço de venda na data que vier a ser fixada no âmbito da Associação.

Jornalistas holandeses mortos

O Governos holandês não está satisfeito com a atitude das autoridades salvadorenhas relativamente à morte dos quatro jornalistas da Televisão mortos numa emboscada, a 17 de Março passado, nas proximidades de San Salvador – e já não exclui a hipótese de atentado deliberado.

Perante a Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara, o titular das Relações Exteriores, Van der Stoel, anunciou que iria protestar junto do encarregado de Negócios salvadorenho contra a recusa das autoridades de Salvador em autorizar a audição dos militares implicados na emboscada por uma comissão de investigação holandesa.

No seu relatório, agora publicado em Haia, a Comissão de Investigação conclui formalmente que os quatro jornalistas foram mortos pelas armas do Exército regular salvadorenho.

Contudo, o relatório verifica em abono das autoridades salvadorenhas que o Exército não fez desaparecer os corpos dos jornalistas e que os transportou para San Salvador por sua livre iniciativa.

Prémios espanhóis

A cadeia radiofónica «Ser», os serviços fotográficos da agência noticiosa EFE e os jornalistas espanhóis Juan José Porto e Emilio Romero obtiveram os prémios «Mariano José de Larra», atribuídos pela Livraria Perdiguero Gil.

Os serviços informativos da «Ser» conquistaram o prémio do melhor trabalho radiofónico com a reportagem sobre o assalto de forças da guarda civil espanhola ao Congresso de Deputados em 23 de Fevereiro de 1981.

Os seviços fotográficos da EFE ganharam o prémio pelas fotografias tiradas no Congresso no dia do assalto.

Jornalistas do "Diário Popular" demarcam-se do director

Trinta e sete jornalistas do «Diário Popular», incluindo todos os membros eleitos do Conselho de Redacção, foram impedidos pelo director daquele vespertino de publicar uma posição em que se demarcam do editorial de Pacheco de Andrade, anteontem inserto no «DP», sobre o discurso pronunciado pelo Presidente da República, dia 8, no II Encontro de Jornalistas do Norte.

Como ontem noticiámos, José Alfaia, secretário de Estado para os Assuntos da Comunicação Social, a quem as palavras do PR não agradaram, convocou terça e quarta-feira os directores e outros responsáveis dos órgãos estatizados de comunicação para os auscultar sobre o discurso de Ramalho Eanes.

Dessas audiências, sairia uma nota da Direcção-Geral da Informação dando conta de um eventual repúdio pela tomada de posição de Eanes no referido encontro de jornalistas. Desse «repúdio», e como ontem o «DL» referiu, se demarcaram já o director e o director-adjunto do «Diário de Notícias».

Hoje inserimos a posição de jornalistas do «DP», e do respectivo CR, recusada por Pacheco de Andrade, sobre a mesma questão:

O director do «DP» entendeu anteontem criticar, em editorial, com rara violência recentes declarações do Presidente da República acerca da informação estatizada, proferidas durante o II Encontro de Jornalistas do Norte. Não contesta o Conselho de Redacção do «DP» o direito que assiste ao director do jornal de exprimir as suas opiniões pessoais ou do grupo socioprofissional em que se integra – o dos «homens de confiança» do Governo actual no sector da Comunicação Social – acerca de matéria que interessa a todos os jornalistas; mas o CR nega ao director do «DP» o direito de falar em nome dos jornalistas portugueses que não são manipulados nem estão à venda, como é o caso da grande maioria daqueles que trabalham nesta casa.

«A Constituição da República Portuguesa estabelece, no seu artigo 39.°, que «Os meios de Comunicação Social pertencentes ao Estado, ou a entidades directa ou indirectamente sujeitas ao seu controlo económico serão utilizados de modo a salvaguardar a sua independência perante o Governo e a Administração Pública». Manifestamente, o director do «DP», ao «colar» o seu editorial a um comunicado da Direcção-Geral de Informação, destinado a veicular a pretensa unanimidade das direcções dos órgãos de Comunicação Social estatizados **contra** o discurso do Presidente da República, mais não fez do que integrar-se na «manifestação de desagravo» orquestrada pelo secretário de Estado José Alfaia e evidenciar inequívoca submissão ao Poder, aliás denunciada pelo general Eanes no Encontro do Porto. Acresce que a insinuação de «irresponsabilidade» presidencial, vinda de quem vem, não pode deixar de ser considerada no contexto da campanha governamental contra um órgão de soberania que seria desejável ver respeitado – ainda que criticado – pela Comunicação Social estatizada.

«O CR do «DP» salienta que a maioria dos jornalistas presente no Encontro do Porto aplaudiu de pé o Presidente da República, pois muito justamente não poderia ter «enfiaco uma carapuça» que não lhe era destinada mas sim a quem, seja qual for o poder, possui a inefável virtude de se perfilar como seu fiel serventuário. O CR do «DP» faz notar, também, que a individualidade vaiada pelos jornalistas no Encontro foi, não o Presidente da República, mas o secretário de Estado José Alfaia.

«O CR do «DP» reafirma, pois, não ter sido atingido pelas palavras do Presidente da República; antes faz questão de deixar bem claro que o general Ramalho Eanes apenas «beliscou» a miserável «dignidade» dos jornalistas corruptos, sempre dispostos à venda pela melhor oferta, que infelizmente ainda mancham uma profissão que se desejara, agora e sempre, independente do poder.»

de ontem para hoje

Mudam as notas de 500$00

NOVAS notas de 500 escudos circulam a partir de hoje. Têm a efígie de Francisco Sanches, uma planta antiga da cidade de Braga e o tom é diferente: predomina o castanho, por vezes avermelhado. Tamanho: 15,6 centímetros, por 7,8. O número 500 está envolvido por uma mancha branca e preta. Uma mancha ovalóide sem qualquer impressão, um escudo nacional e a imagem de Braga em 1594 completam a face dos novos 500. Junto às margens o trabalho tem por base o símbolo da Medicina. Na outra face, predominando o castanho avermelhado, Braga ocupa quase toda a superfície.

Guarda Fiscal em «visitas»

A Guarda Fiscal meteu-se a fazer visitas a estabelecimentos comerciais da área da Grande Lisboa. O objectivo é detectar material em situação fiscal irregular, vulgo contrabando, particularmente de electrodomésticos.

O saldo dessas visitas vem em forma de lista: colunas de som, video-cassetes de origem japonesa, antenas, outro material de som, ferros de engomar, secadores de cabelo, esquentadores, vestuário, etc.

Números de tudo isto: colunas de som foram apreendidas 2017; rádios, 1250. O montante das várias apreensões é de 4700 contos. O «som» veio do Japão. Agora é com os tribunais, diz a GF.

Gasóleo preocupa CNA

O eventual corte ou diminuição do subsídio de gasóleo à lavoura já foi repudiado pela Confederação Nacional da Agricultura. Fê-lo em comunicado que defende a manutenção do subsídio mas com valor actualizado.

Exigindo que o Governo clarifique de imediato o assunto, a CNA afirma desde já que apoiará o protesto dos agricultores e das suas organizações contra a eventualidade do corte do subsídio.

«A lavoura tem recebido, em teoria», segundo a CNA, 4,5 escudos por cada litro de gasóleo consumido na sua actividade.

Câmara altera o trânsito

A Câmara Municipal de Lisboa decidiu-se por mais umas alteraçõezinhas no trânsito da capital, mais concretamente na Rua do Mirante. Esta rua passa a ter sentido único para a do Campo de Santa Clara e da Verónica.

Sentido único, ainda, é estabelecido do Largo de S. Vicente, pela Rua do Arco Grande de Cima, Campo de Santa Clara, Calçada do Cascão até à Rua do Paraíso. Tudo isto excepto em dias de Feira da Ladra: terças e sábados.

Abecasis está de regresso

Vem aí Krus Abecasis. Foi à China, já viu o que tinha a ver. Hoje deverá estar de partida de Macau, via Hong Kong. Ontem, ao chegar a Macau, foi recebido pelo governador Almeida e Costa.

Mais pedidos de perdão

Um grupo de reclusos da cadeia de Paços de Ferreira, arredores do Porto, pediu que lhes seja concedido um perdão por altura da visita do Papa João Paulo II a Portugal.

«Nós os presos sentimos grande desgosto por não podermos ver pessoalmente Sua Santidade» – lê-se no apelo subscrito por cinco reclusos daquele estabelecimento prisional.

«Em nome dos presos desta cadeia» – adianta – «pedimos aos nossos governantes que nos seja concedido um perdão e assim muitos de nós possamos em breve reaver a liberdade que Deus nos deu».

O ministro da Justiça já anunciou entretanto, que por ocasião da visita de João Paulo II será decretada uma amnistia.

Heroína de passagem em Lisboa

A Polícia espanhola revelou que foram presas oito pessoas em Barcelona por se encontrarem na posse de quatro quilos de heroína.

O grupo ontem detido viajava frequentemente à Tailândia, regressando depois a Espanha através de Portugal.

As oito pessoas presas, entre as quais duas mulheres, são da nacionalidade espanhola. A heroína afirmou a Polícia, fora desembarcada de avião em Lisboa seguindo para Espanha num automóvel.

Mortos na estrada

Cinco mortos e 61 feridos é o balanço dos 63 acidentes registados nas estradas do Continente, entre as 12 horas do dia 13 e a mesma hora de quarta-feira, anunciou a Brigada de Trânsito da GNR.

Dos feridos, 45 encontram-se em estado grave.

Liamba que vinha do Zaire

Valia mil e quinhentos contos a liamba que a Polícia apanhou no aeroporto de Lisboa. Eram oito quilos de droga que viajavam dissimulados na bagagem de um cidadão zairense, desembarcado do seu país.

A liamba deveria ser entregue em Lisboa, a um «branco». O CICD, que levou o passador para os seus calabouços, ainda não conseguiu identificar o destinatário.

JAE tem dificuldades de financiamento...

Ministro insiste em aeroporto e nova ponte sobre o Tejo

O ministro Viana Baptista confirmou a construção de um novo aeroporto internacional de Lisboa e de uma segunda ponte sobre o Tejo, a montante da actual. Não se referiu, contudo, a datas nem à origem dos indispensáveis financiamentos.

Falava, o ministro da Habitação, Obras Públicas e Transportes, no final de uma reunião com responsáveis da Junta Autónoma das Estradas, a que também estiveram presentes os secretários de Estado que trabalham com Viana Baptista.

Por seu lado, o presidente da Junta Autónoma das Estradas, brigadeiro Almeida Freire, reconheceu que subordinados seus tomaram recentemente posição devido ao departamento ter deparado com uma «falta de meios mínimos indispensáveis» à sua acção.

«É evidente que quando a Junta analisa a sua situação e vê que vai atravessar um período de grande dificuldade há o risco de um certo desânimo, devido à falta de meios mínimos indispensáveis... dái, e dada a dignidade dos dirigentes da Junta poder-se deduzir que seriam obrigados a tomar quaisquer decisões».

Acrescentou que os responsáveis da Junta Autónoma das Estradas, reiterando a confiança no ministro da Tutela, lhe expuseram tais dificuldades, «como competia».

Ministro procura financiamentos

Estas declarações foram feitas durante a visita ministerial. O membro do Governo disse estar «a procurar arranjar meios financeiros» destinados a um reforço do orçamento para abrir obras planeadas para 1982.

Esse reforço será de cerca de 1,5 mil milhões de escudos e deverá – disse o ministro – «corresponder a uma soluçção economicamente viável» que se destina nomeadamente ao reforço de pavimentos da rede de estradas principais.

Foi também afirmado que a melhoria do estado das vias rodoviárias nacionais deve-se ao aumento de investimentos, mais acentuado após 1978, e que se «espera» que a situação no Verão deste ano seja bastante melhor, com as obras a efectuar».

Também no próximo Verão entrará em funcionamento o troço da auto-estrada do Norte entre Condeixa e Mealhada, bem como uma ponte provisória sobre o Sado, que funcionará até acaberem as obras da nova travessia do rio, em Alcácer do Sal.

O ministro Viana Baptista disse que foi decidido lançar sobre o rio Douro uma nova travessia ferroviária, cujo projecto está em execução, e que se estuda uma nova ponte para o tráfego automóvel.

Para outras duas pontes está a ser procurado financiamento: uma sobre o Vouga e outra que atravessa o rio Sabor.

Viana Baptista adiantou também que a projectada auto-estrada entre Lisboa e Cascais será «inadequada» enquanto não estiver resolvido o problema dos acessos a Lisboa.

O ministro debateu com os responsáveis da Junta o plano rodoviário nacional e o seu impacto económico, vários projectos de diploma de interesse para o organismo, os acessos aos centros urbanos e as mais-valias dos terrenos adjacentes à auto-estrada e vias rápidas.

O ministro disse que irá sair um decreto-lei que pretende captar as mais-valias que vierem valorizar terrenos adjacentes às novas vias rápidas para o investimento na valorização da rede de estradas.

Já temos "barmen" apurados para o Festival de Cocktails

Os «barmen» José Nunes, Richard Hawkins e José Cristino representarão Portugal no 14.º Festival Mundial de Cocktails a realizar em Outubro em Albufeira.

O apuramento decorreu no IV Concurso Nacional de Cocktails, realizado no Hotel de Montechoro, naquela localidade algarvia, a que concorreram cerca de três dezenas de profissionais de bar, do continente e Madeira.

José Mendes Nunes, de Lisboa, foi o apurado na classe SHORT-DOCE com o cocktail «My Sweet», e Richard Hawkins, do Algarve na de SHORT-SECO, com o cocktail «Marieta Júnior».

José António Cristino, também do Algarve, foi o apurado na classe LONG-DRINK, com o «cocktail» «Sol Nascente».

Para o apuramento dos «barmen» nacionais que irão disputar o Mundial de Cocktails, a que concorrem cerca de 90 profissionais de 30 países, o júri teve fundamentalmente em consideração o gosto da bebida, bem como a sua apresentação.

Estas serão, com efeito, as bases de apreciação do júri do Festival Mundial, pouca influência tendo na decisão a técnica de elaboração do «cocktail», que só será tida em conta caso se verifique um empate de pontos entre dois ou mais concorrentes.

O concurso nacional de «barmen», em que contava a questão técnica, foram vencedores Richard Hawkins, Augusto Gabriel (Porto) e José Almeida, do Algarve, o primeiro na classe SHORT-SECO e os restantes nas de SHORT-DOCE e LONG-DRNK, respectivamente.

O «cocktail» SHORT-SECO, que representará Portugal no festival mundial é composto de três décimos de gin «Gordon's», três décimos de «Campari», dois décimos de «Cinzano Bianco», um décimo de «Lime-Juice» e um décimo de maracujá concentrado Diese.

A sua elaboração é efectuada num copo de misturas, sendo a decoração constituída por uma casca de laranja e um olho de hortelã.

O SHORT-DOCE é feito no «Shaker» com quatro décimos de «Cointreau», dois décimos de medronho Sanchez, dois décimos de «Mandarine Napoléon» e dois décimos de natas.

A sua decoração tem na base uma gotas de «Tia Maria», no fundo da taça, e um grão de café no topo, que se deve trincar quando se toma a bebida.

O LONG-DRINK, igualmente batido no «Shaker», é constituído por um décimo de clara de ovo, dois décimos de sumo de limão, um décimo de «Curaçau vermelho Bols», dois décimos de creme de «Banana Bols», quatro décimos de «Gin Beafeeter's» e limonada.

A sua decoração – uma verdadeira obra de arte – feita com uma rodela de limão, casca de pepino em flor, meia cereja vermelha no meio da flor, sol feito em casca de laranja e hortelã, sendo pulverizada com açúcar em pó.

CÂMARA MUNICIPAL
DA AMADORA

CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIO
LOTE MUNICIPAL
DA FALAGUEIRA

CONCURSO PÚBLICO

Encontra-se aberto concurso público para arrematação da empreitada de construção do edifício a implantar no lote municipal da Falagueira, nas seguintes condições:

1 — **preço base** — 10.750.000$00;
2 — **caução provisória** — 268.750$00;
3 — **alvará exigido** — 1.ª subcategoria da I categoria e da classe correspondente ao valor da proposta;
4 — **entrega de propostas** — nos Serviços Municipais de Habitação da Câmara Municipal da Amadora até 30 dias após a publicação deste aviso no «Diário da República»;
5 — **acto público do concurso** — sala de sessões da Câmara Municipal da Amadora e no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado para a entrega e pelas 11 horas;
6 — **exame do processo e informações** — Serviços Municipais de Habitação da Câmara Municipal da Amadora (5.º andar), durante as horas normais de expediente.

Amadora, 2 de Abril de 1982

O Presidente da CMA
Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida

Serviços Municipalizados

CÂMARA MUNICIPAL
DO CONCELHO
DE LOURES

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA NOVA REDE DE M. T. A 10 KV EM S. JOÃO DA TALHA (LIGAÇÃO A VALE FIGUEIRA) A PARTIR DO P. T. S. N.º 217

Faz-se público que, por despacho superior de 25 de Janeiro do ano em curso se encontra aberto concurso, pelo prazo de trinta dias a contar do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no «Diário da República», para arrematação da obra designada em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços Municipalizados todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

Preço base Esc. 8.000 000$00.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 200 000$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes devem estar inscritos como empreiteiros de obras públicas na 2.ª subcategoria da VI categoria e da classe que cubra o valor da sua proposta ou superior, provando-se a titularidade do alvará pela indicação na proposta, do respectivo número, categoria ou subcategoria e classe e pela sua exibição sempre que exigida.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE LOURES, 2 DE ABRIL DE 1982

O Engenheiro Director — Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

Instituto Piaget promove seminário sobre modelos de investigação educativa

O departamento de psicossociologia do Instituto Piaget vai promover de 28 a 30 de Abril um seminário sobre «Modelos de investigação nos sistemas de educação», animado por Guy Berger, professor da Universidade de Paris 8.

O seminário dirigido a professores, assistentes sociais, animadores culturais, psicólogos, pedagogos e sociólogos, parte da constatação de que os sistemas educativos da maioria dos países do mundo estão em crise, e que as reformas adoptadas apenas pretendem minimizar.

Nesta perspectiva os «saberes» sobre os quais essas reformas se fundamentam, apenas instituem mais profundamente essas crises. A hipótese que se vai colocar no seminário refere-se, pois, à necessidade de interrogar os modelos de referência e os modos de passagem da teoria à prática dominantes no campo educativo.

O programa, dividido por temas, abordará, entre outras, as questões relacionadas com a identidade das ciências da educação, a interdisciplinaridade da abordagem ou multi-referencialidade do objecto, a intervenção sobre situações, prática e teoria e investigação em educação e limites radicais.

Um mês antes da visita do Papa

O episcopado português multiplica as suas intervenções na vida social e política

A viagem a Portugal de João Paulo II, que terá lugar entre 12 e 15 de Maio, preocupa os sectores progressistas da Igreja portuguesa. «É uma Igreja de fachada, de peregrinações e procissões, mas completamente separada dos valores humanos, que se prepara para receber o Papa!» exclama um sociólogo especialista em estudos sobre a religiosidade dos portugueses. «É a única Igreja da Europa, insiste, que ainda não pôs em funcionamento uma comissão nacional para a justiça e para a paz».

Em Fátima, em Braga e em Vila Viçosa, as celebrações serão dominadas pelo culto da Virgem. Em Lisboa, João Paulo II colocará a primeira pedra de uma basílica consagrada a santo António. Trata-se de um projecto muito contestado, que ilustraria, segundo alguns críticos, a «megalomania» do presidente da Câmara da capital, Krus Abecasis, um dos dirigentes do Centro Democrático e Social (CDS), formação política de direita.

Nada foi feito para associar as estruturas católicas de base à organização da visita. Tudo se passa no segredo de uma comissão de três membros, presidida pelo bispo António dos Reis Rodrigues, antigo responsável pela formação espiritual das Forças Armadas portuguesas, principalmente durante a guerra colonial, e considerado nessa época «mais militarista do que os próprios militares».

Votado ao silêncio desde a revolução de 25 de Abril de 1974, este prelado retomou funções importantes como vice-presidente da Conferência Episcopal em Julho de 1981. Beneficiando do retraimento do presidente da conferência, o bispo Almeida Trindade, é ele, com efeito, quem toma a maior parte das decisões. Isto explica, muito provavelmente, a modificação operada no comportamento da hierarquia, durante os últimos meses.

Antes muito reservada, a Igreja portuguesa já hoje não hesita em intervir nos problemas mais escaldantes da vida social e política do País. Uma semana depois da greve geral de 12 de Fevereiro ela condenava deste modo o uso «abusivo» de um direito **que não deve ser utilizado com fins políticos**. Pela mesma ocasião manifestava-se indirectamente contra as unidades colectivas de produção, forma de exploração agrícola que substituiu os antigos latifúndios do Alentejo: A Reforma Agrária, lê-se numa pastoral difundida no dia 19 de Fevereiro, **deve ter por objectivo a personalização do trabalho agrícola, o que exige a protecção dos pequenos proprietários e das explorações familiares.**

Tomando como seus alguns dos argumentos geralmente invocados pelos partidos conservadores, o episcopado não esconde, por outro lado, uma certa desconfiança perante o Presidente da República. Logo no dia seguinte àquele em que foi publicado um comunicado anunciando a decisão de o general Eanes renunciar ao mandato no caso de a Assembleia adoptar um projecto de revisão constitucional que lhe retirasse uma parte dos seus poderes, os bispos mostraram a sua **apreensão perante todas as formas de pressão com vista a impedir o funcionamento das instituições e a perturbar o clima de serenidade que deve rodear o trabalho dos deputados.**

Mas, o problema mais escaldante, o que agita fortemente os meios eclesiásticos, é, sem dúvida, a próxima discussão no Parlamento de um projecto de lei apresentado pelo Partido Comunista sobre a liberalização do aborto. Apoiado pelo grupo parlamentar do PS este projecto também foi recebido favoravelmente por alguns deputados sociais-democratas que exigem, junto da direcção do seu partido, liberdade de voto. O conselho permanente do episcopado sentiu o perigo e passou à ofensiva. Insurgindo-se contra a tentativa de legalizar este «crime abominável», convidou os fiéis a «julgar os partidos políticos em conformidade com os princípios da doutrina cristã».

José Rebelo
(Exclusivo «Le Monde/«DL»)

Poder Local

Governo prepara novo 'pacote' legislativo

«A consolidação democrática do Poder Local no desenvolvimento pleno dos princípios constitucionais carece ainda de profundas reformas no quadro legal vigente», declarou o secretário de Estado da Administração Regional e Local, Roberto Carneiro.

Com esta declaração, aquele membro do Governo parece justificar o novo conjunto de diplomas sobre Poder Local que o Governo actualmente prepara. Com efeito, e para além da revisão do Código Administrativo, está em ultimação a lei-quadro da regionalização, o estatuto dos eleitos locais, a lei-quadro das empresas públicas locais e o «aperfeiçoamento» da legislação sobre sociedades de desenvolvimento regional.

Segundo Roberto Carneiro, o Governo prepara também a reorganização dos serviços municipais, a regularização da situação dos matadouros municipais, a definição do modelo de distribuição de electricidade, e um conjunto de legislação sobre pessoal, que visa, a um tempo, dar «satisfação» a um amplo leque de reivindicações dos funcionários locais e consagrar o princípio constitucional da autonomia local em matéria de gestão dos seus quadros de pessoal.

«Por toda a Europa, e não apenas em Portugal, as administrações vêem-se compelidas a gerir os interesses públicos em ambiente de grande austeridade governamental» – afirmou o secretário de Estado.

«As críticas que, designadamente sectores afectos ao PCP, vêm fazendo, são demagógicas, destrutivas e reveladoras de evidente má-fé», adiantou, anotando que «o Governo se mantém aberto à crítica serena e construtiva, mas nunca pactuará com aqueles que, sob a bandeira do poder local, desenvolvem uma estratégia leninista de tomada revolucionária do poder».

Roberto Carneiro acusou ainda o PS de «manter nesta matéria uma colagem total e destituída de imaginação às teses do Partido Comunista».

Amanhã em Portimão

APU promove debate sobre uso do solo

O uso irracional do solo na perspectiva do desenvolvimento integrado municipal estará amanhã em debate em Portimão por iniciativa do Conselho Coordenador da APU do Algarve.

A especulação desenfreada, o desrespeito pelo ambiente e pela paisagem, por um lado, e pelo património e a cultura, por outro, bem como a ausência de equipamentos e infra-estruturas, são algumas das questões a tratar durante o debate, que é público.

Nele participam como convidados, Luís Catarino (pela APU do Algarve), Octávio Teixeira (deputado do PCP na AR) e os arquitectos Rui Paulo, José Veloso e Lopes da Costa.

Economia EC
questões económicas e sociais

DEBATE PÚBLICO

promovido pela revista EC
centro social e cultural
dos trabalhadores do comércio
Rossio, 113 – Lisboa

hoje
21 horas

TEMA

A DÍVIDA EXTERNA
E A SITUAÇÃO FINANCEIRA DO PAÍS
com a participação de:

- OCTÁVIO TEIXEIRA (economista e deputado do PCP)
- J. MARTINS BARATA (professor do ISE)

e outros técnicos

ESTÁ À VENDA EM TODO O PAÍS O NÚMERO DE ABRIL

16 ABRIL • Mais

Nunca se está a mais
quando se está certo.
Certa está a Mais.
Uma revista de grande
actualidade que surge no
momento certo, com a
equipa certa, para o público
certo. Por isso
a Mais não está a mais.

Mais *

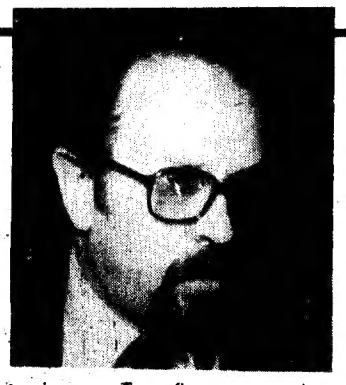
Director: Carlos Cruz
Publicação Semanal
Sai às 6.as-feiras
64 páginas
32 páginas a cores

Preço: 50$00

* Não se trata de mais uma revista: é Mais!

"Quando nós formos

entrevista Silva Graça



«Dissemos na altura e com muita clareza.» Transfigura-se aqui o discurso no cerco de Lisboa: Silva Graça, 44 anos, fala-nos no Centro de Trabalho Vitória, do PCP. Um ex-quarto de hotel, agora sala de entrevistas. «Eu penso que sim, a Câmara de Lisboa mudou. Não a cidade mas a Câmara, a gestão.»

Trata-se aqui de uma resposta concreta, com a actual gestão no banco dos réus. «A APU nunca teve qualquer responsabilidade a nível da cidade de Lisboa», estabelece, quando fazemos uma incursão ao passado. Caldeira Rodrigues, claro, um homem que por vezes aparece como álibi do actual presidente.

Lenine também está presente à conversa. Tem uma gravura na parede, com legenda em russo. Assustem-se, ó gentes, que a mesa grande está forrada a vermelho. Silva Graça deixou de fumar há dois anos. Vereador eleito da Câmara Municipal de Lisboa tem contado das desgraças que encontra no concelho.

Abecasis vem necessariamente à baila. «Uma pessoa que se reivindica de democrata. Que não é.» Pela afirmativa, «a Câmara deve funcionar como um colectivo».

Fala no plural, Silva Graça. E isso corresponde a uma gestão que considera diferente para a Câmara de Lisboa: «Deve ser colectiva, não deve pressupor marginalizações.» Mais: «Nós não devemos encarar o Poder Local como se fosse a Assembleia da República, uma maioria e uma oposição.»

Falemos do homem? «Eu não gosto muito de falar de mim. Mas já que me faz a pergunta...» Afinal, reconhece, é legítimo que os leitores e a população em geral saibam quem, ao nível do PCP, «intervém de uma maneira ou doutra na procura das resoluções dos problemas nacionais».

Lisboa faz parte do todo. A lista de erros que Silva Graça exibe passa também pelo PS, mas com qualificativos diferentes quando se refere ao actual executivo. Aqui, a palavra «desastrosa» deixa marca indelével. A gestão do PS – Aquilino Ribeiro Machado – «foi muito amadora». A actual, diz, é «antidemocrática e pessoalizada».

A gestão? «Deve ser colegial, não pode pressupor marginalzações.» Ligada às Assembleias e Juntas de Freguesia. Ter um serviço de atendimento permanente para o público. Descentralizar competências. E por aí fora.

Problemas de Lisboa: habitação, nova e velha; depois, lado a lado, trânsito e saneamento básico; e ocupação dos tempos livres. Silva Graça diz: «Quando nós formos gestão municipal»...

Habitação: Mente, faz demagogia

A habitação, portanto. O problema vem à cabeça da lista das preocupações, vejam-se as reuniões públicas da Câmara, uma vez por mês. Aí acorrem as pessoas, levando problemas dos tectos, da degradação da sobrelocação.

A resolução desse problema, garante Silva Graça, «não passa só pelo executivo de Lisboa».

«Quem disser às populações que o executivo municipal de Lisboa vai resolver o problema da habitação da capital em 10 ou 20 anos, mente. Mente, faz demagogia» – e aqui o vereador da APU não admite dúvidas, incluindo na sua negativa os sectores público e privado.

E explica: «o problema habitacional é um problema nacional, não existe só na cidade de Lisboa».

Uma solução muito mais rápida do que aquilo que actualmente é proposto viria da actuação de um Governo que desse grande prioridade ao sector público, seja Fundo de Fomento da Habitação seja outra estrutura. E, mesmo aí, para Silva Graça, não se tinha esgotado a necessidade de intervenção: temos o problema do solo urbano. «Você não pode resolver o problema da habitação em nenhum concelho deste país se não produzir primeiro solo urbanizável, se não o controlar e não o obtiver barato entre aspas.»

Nessa circunstância, adianta, permitir-se-ia a construção barata, permitindo o realojamento prioritário das «pessoas que vivem em barracas».

Só que, na opinião de Silva Graça, passa-se exactamente o contrário em Lisboa. «Está-se a passar o contrário pois em vez de se expropriar o que falta para se poder controlar e urbanizar a cidade está-se a vender os melhores terrenos da cidade por tuta e meia, por preços irrisórios, aos grandes especuladores imobiliários.»

O resultado é perspectivado pelo vereador eleito nas listas da APU: «Os grandes especuladores imobiliários amanhã reterão esses terrenos e impedirão o plano de urbanização e o realojamento das populações carenciadas.»

Contrapõe: «o sector público é sempre um sector essencial em qualquer país do mundo para resolver o problema da habitação». Justifica: «o problema da habitação começa a ser resolvido com o realojamento daqueles que têm carência de habitação».

O casco velho

«Nós estivemos a fazer cálculos através dos nossos técnicos e chegámos à conclusão de que é um terço do preço recuperar um casa do que fazer um fogo novo.»

Aqui, Silva Graça retoma a batata quente que é o chamado «casco velho» da cidade. A sua recuperação foi intentada logo depois do 25 de Abril, a pouco e pouco foi caindo no esquecimento.

A recuperação de um fogo pode ser feita por 300 ou 400 contos, nos cálculos dos técnicos da APU. Um fogo novo custará, claro, muito mais do que isso.

Mas as preocupações neste domínio são mais vastas. Recuperar os bairros típicos de Lisboa implicará, também, a permanência dos actuais moradores no seu meio e «que não sejam expulsos para a periferia da cidade ou mesmo para os concelhos periféricos».

«Isso era o que o fascismo fazia» – comenta Silva Graça, acrescentando que a mesma ameaça paira, de momento, sobre certas zonas de Lisboa.

Terceiro ponto no raciocínio rápido do vereador: «Você com este plano preservava o património arquitectónico da cidade de Lisboa.»

E isso é importante, esclarece, porque os lisboetas gostam muito da sua cidade e não a querem ver transformada numa «Nova Iorque de pacotilha».

Retrocesso? Não, eu creio que não.

Abrir as prioridades na resolução do problema habitacional, ao sector público, não poderia significar um perigoso retrocesso no nível da iniciativa privada? Ou seja, acenamos com esses dados a Silva Graça, não se registaria uma paralisação idêntica à que sobreveio com o 25 de Abril?

«Não, eu creio que não» – recusa. E explica que «não é comparável uma situação revolucionária, porque de facto houve uma ruptura do sistema de sociedade, do estilo de vida no dia 25 de Abril».

Ora, pensa em voz alta, «não se pode comparar esse período, que não pode ser feito a esquadro e que não pode ser premeditado em todas as suas nuances».

Actualmente, estamos num período de institucionalização da democracia, temos um quadro constitucional claro, vigora legislação sobre poder local e autarquias.

«Portanto, o que se passou logo a seguir ao 25 de Abril é uma coisa. O que se pode fazer hoje com o fomento da iniciativa privada por um lado e o sector público por outro é diferente».

«Por exemplo» – acrescenta, «você pode estimular a intervenção do sector privado através da dinamização dos contratos de desenvolvimento da habitação. Dá terrenos em condições razoáveis a construtores civis, dá isenções de diversos tipos. As rendas são limitadas».

Recordamos que os contratos de desenvolvimento do pós-25 de Abril foram considerados um fracasso, a resolução de muitos casos ainda hoje se arrata...

«Boicote» – eis quase a palavra mágica para fazer luz, que Silva Graça encontra. E diz de sua justiça: o plano de recuperação dos imóveis degradados não foi um fracasso. «O que houve foi um boicote a nível de administração central particularmente a nível da viragem à direita do processo político português».

O Partido Socialista leva, então, por tabela. Silva Graça fala de quando o PS esteve no poder, metendo a pique contratos de desenvolvimento, plano de imóveis degradados, fomento da autoconstrução, apoio às cocperativas de construção económica.

E recorda que o seu partido, o PCP, até apresentou na Assembleia da República um plano nacional de habitação. No documento, diz Silva Graça, dá-se espaço para o liberalismo, para o cooperativismo, para o sector público estatal.

«E fundamentalmente, quanto a nós, a nível municipal» – acrescenta.

Não há contradição

Do discurso de Silva Graça, parece relevar uma contradição: como se resolverá o problema, através do poder central ou local?

Recusa total do nosso ponto de vista. «Penso não estar a cair em qualquer contradição: passa por um grande incremento do sector público. E quando falo em sector público, falo em administração central e local».

Trabalho de conjunto, sugerimos e Silva Graça corrobora. Aproveita para se referir à loucura que vê na extinção do Fundo de Fomento da Habitação sem ser substituído. Loucura igualmente, considera ser a falta de apoio aos municípios na produção de habitação.

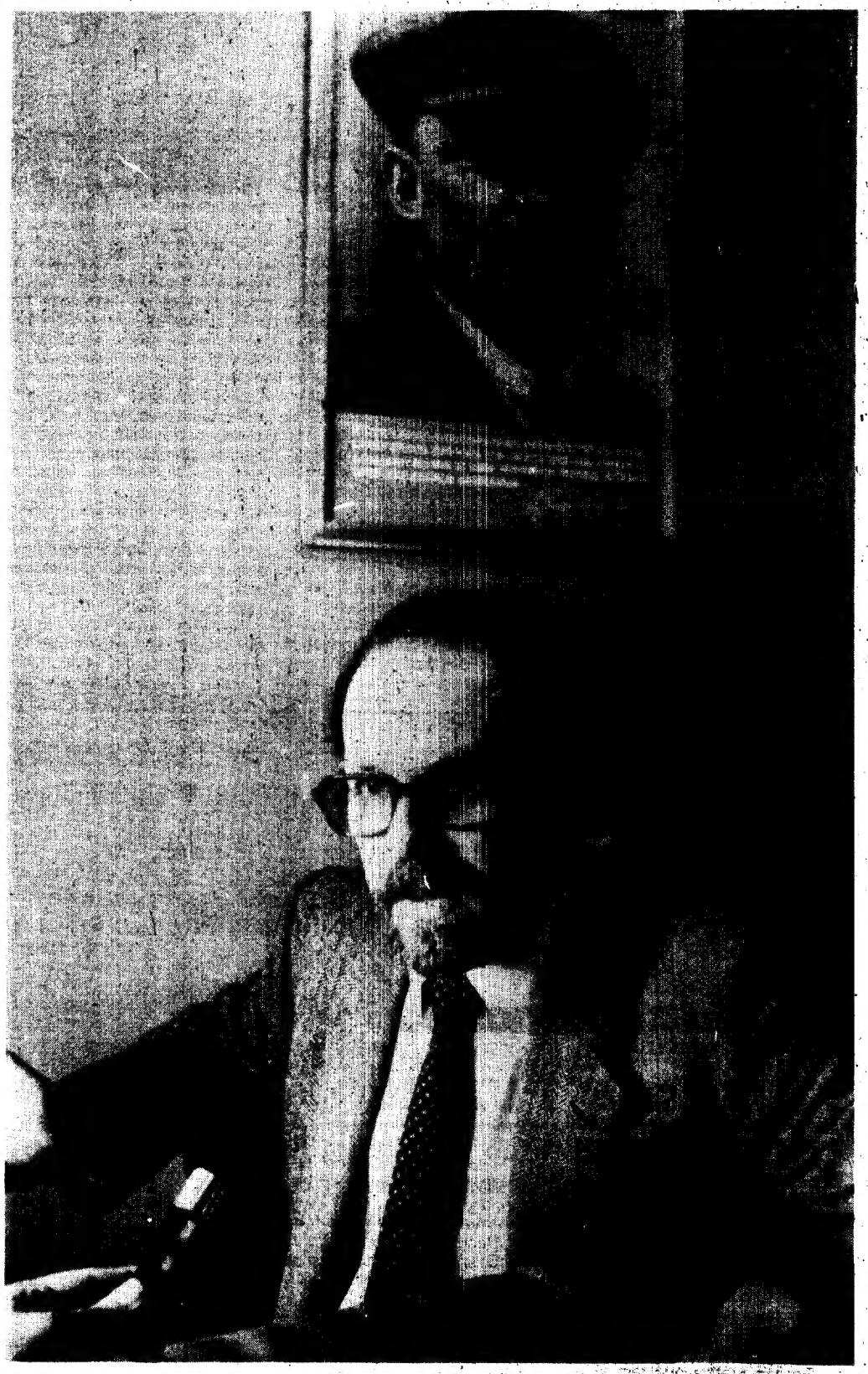
O caminho actual levará a «uma situação gravíssima: não há aumento da oferta de fogos, seja da iniciativa privada seja do sector público. E tudo isto sob o pretexto de que em 74/75 não se fez aquilo que se podia fazer».

Rebate depois o ponto de referência 74/75: Abecasis arroga-se a autoria do desaparecimento da Quinta do Narigão, por trás da Igreja de S. João de Brito.

Silva Graça recorda que esse plano de realojamento se inicia com a gestão de Caldeira Rodrigues e poderia ter sido concluído em 77.

«Boicote», novamente, eis a justificação para que tal não acontecesse. No caso, a partir da Câmara de Lisboa e do aparelho de Estado.

Depois saca de mais exemplos: realojamentos, codperativas, «tantos e tantos projectos que já teriam absorvido grande parte das populações das barracas...»



Um lisboeta que veio de Moçambique

Quem é Silva Graça? Donde é, como chegou a Lisboa? O que o levou às fileiras do Partido Comunista? O que faz quando não enverga as funções de vereador da Câmara db
sério, encara como função necessariamente a tempo inteiro?

Veio da República Popular de Moçambique, que na altura o não era. Nasceu em Inhanbane, cursou o liceu na ex-Lourenço Marques, actual Maputo. Aos 18 anos, desembarcou em Lisboa para acabar os estudos.

Considera-se um lisboeta?

«Vivi sempre em Lisboa, desde os 18 anos de idade. Portanto, considero-me um lisboeta, não de nascimento, mas por ter vivido grande parte da minha vida na cidade de Lisboa» – conta-nos. E isto depois de ter afirmado: «Bem, eu não gosto de falar muito de mim».

Tem 44 anos; é licenciado em medicina. Só que «nunca exerci clínica».

E porquê? «Digamos que o fascismo me facilitou a vida porque, a partir de um despacho do Conselho de Ministros de 1965, fui afastado de tomar posse dum lugar nos hospitais civis e de qualquer lugar público».

Era Salazar, então. O impedimento a Silva Graça veio «ao abrigo da legislação que condenava actividades subversivas». A vida do jovem médico tomou outro rumo, foi para investigador da Fundação Gulbenkian, como farmacologista.

As actividades subversivas, também ele no-las explica: filho de um advogado antifascista, as suas convicções ideológicas e políticas datam de desde que se conhece.

«A opção ideológica em relação ao Partido Comunista surge em 1962 com a grande crise académica de que os jornais ultimamente têm falado».

A participação de Silva Graça na vida da cidade de Lisboa é que só começou a seguir ao 25 de Abril, «muito em particular desde que fui eleito pela primeira vez em 1976».

Porquê o PC durante a crise de 1962 e não qualquer outra corrente ou partido? Explica: «A meio dessas grandes lutas tive contacto com a ideologia marxista, com o marxismo-leninismo, a partir do que optei ideológica e politicamente. E tenho-me situado sempre neste quadrante».

«Nós não somos triunfalistas»

«Nós não somos triunfalistas, nós não dizemos que vamos ser isto e aquilo até aos 57 anos de idade ou até aos 67 anos de idade». Aqui já Silva Graça regressou à primeira pessoa do plural, integrando-se no colectivo que faz APU.

A resposta veio para justificar uma afirmação do próprio Silva Graça: «quando nós formos gestão municipal». Será uma promessa eleitoral (isto)?

«Nós somos muito pragmáticos e estudamos com cuidado a situação» – continua, plural sempre, referindo que problemas de candidaturas para as próximas eleições estão em discussão, andam nas reuniões dos partidos da coligação.

gestão da Câmara"

Continuação da pág. 8

«E a situaçao da cidade de Lisboa, neste momento, é a seguinte: a Aliança Povo Unido é a maior força da oposição à gestão da AD, que nós classificamos de muito má e que só piorou a vida na cidade» – caracteriza.

Análise, ainda, é a evolução registada nas últimas eleições: «o PS teve uma queda vertical», a APU subiu, ganhou presidências de grandes Juntas de Freguesias, o PS perdeu 46 das 47 freguesias que detinha, diz Silva Graça.

A conclusão que tira parece óbvia: o seu partido, a sua coligação, é uma força em crescimento. «A alternativa que a população da cidade de Lisboa tem, em relação à Câmara de Lisboa, é a APU».

«Já experimentou uma gestão bastante incompetente do PS, já experimentou uma gestão actual desastrosa». Resta, pois, experimentar concretamente o que poderá ser a gestão da APU na cidade de Lisboa».

Situa, ainda, esta movimentação no «xadrez» da região: 13 câmaras são da APU a Sul, no distrito de Setúbal. A Norte passou de um concelho para cinco.

«Dois deles são muito importantes, Amadora e Loures» – entende. Mas há mais: Sobral de Monte Agraço, Azambuja, Vila Franca de Xira.

Acalenta o sonho na subida verificada aquando das intercalares de Loures. Recorda que em 1979 a APU esteve a menos de um milhar de votos para eleger mais um vereador. A AD perderia, assim, a maioria que detém – assinala.

Dividir pelouros? Por que não?

A tese das decisões tomadas por consenso, no contraditório do que actualmente se verifica, resulta das palavras de Silva Graça.

«Respondo-lhe com uma pergunta: Por que não? Tudo dependia» – admite o vereador na hipótese de a força política que representa vir a ser maioria no município lisboeta.

Nem sequer seria novidade, explica-nos, citando exemplos. Temos aí Setúbal, conta: «Quem quiser colaborar na gestão colabora, participa, quem não quiser automarginaliza-se».

«É evidente que nós temos o nosso programa. Quem quisesse amanhã participar connosco teria de estar pelo menos nas grandes linhas gerais de acordo com o programa de melhoria das condições de vida da população de Lisboa».

A orientação da APU é diferente nas autarquias e no plano nacional, precisa Silva Graça. «Nas autarquias apoiamos e votamos favoravelmente todas as decisões que sejam em benefício das populações.»

Essa a prática que tem sido seguida no caso de Lisboa. Silva Graça, a APU, não têm relutância em votar quando «esta Câmara propõe coisas razoáveis». E cita exemplos, até um caso em que uma proposta da APU teve apoio total. Era para que se fizesse em Lisboa uma retrospectiva do cinema de Rui Guerra, na óptica da intensificação das relações culturais com o Brasil. Mesmo a AD votou pró. Mas não lhe deu execução.

Não houve retrocesso

Tomemos uma data para referência. Talvez 1974, mesmo 1972. Será que, crítico feroz das gestões eleitas da Câmara lisboeta, Silva Graça pensa que andámos para trás no tempo?

Ele pensa que não. Aposta nas sementes deixadas por tudo o que se passou com a tal ruptura verificada a 25 de Abril de 1974. Retrocesso, admite-o, registou-se relativamente «a períodos em que já houve maior animação cultural e desportiva».

«Você repare a democratização que este País sofreu no sector do desporto, por exemplo.» Reforça. «Só para lhe dar um exemplo, foi das coisas que no campo da democratização geral da vida portuguesa mereceu o reconhecimento de grande número de cidadãos.»

Recorda: «Na altura, criticava-se muito as operações de democratização desportiva que a então Direcção-Geral dos Desportos fazia. Hoje isso está consagrado constitucionalmente.»

Mais: «Você hoje não vai a nenhum sítio ou não ouve falar em todo o lado que as pessoas gostam é de correr na rua, de correr na praia, de praticar aquilo a que se chama **jogging**?.»

Nesse campo, admite um retrocesso, resultado da política que ultimamente foi seguida.

Trânsito: pressa, tanta pressa, qual pressa?

Um dos problemas de Lisboa a que Silva Graça e os seus correligionários APU se têm mostrado muito sensíveis é o trânsito. Recusando alternativas de Abecasis, têm-se batido pelas suas alternativas, tanto na Câmara como na Assembleia Municipal.

A sua perspectiva é substancialmente diferente da que foi adoptada pelo actual executivo municipal. «É um problema que, quanto a nós, tem que ser encarado a uma escala que não é municipal».

Ou seja, não é solução alterar sentidos de ruas, impedir o trânsito aqui, pôr mais um sinal acolá. Um viaduto não é remédio santo.

«O problema tem de ser resolvido à escala regional, independentemente de operações pontuais, mas só assim não será possível resolver o problema do trânsito em Lisboa.»

A Câmara anterior, a de Aquilino Ribeiro Machado, criou uma comissão com a específica incumbência de fazer relatório sobre a questão. Um membro do PCP foi redactor e coordenador desse documento. O resultado foi da maior importância, fazendo fé em Silva Graça.

O relatório seguiu para diversas estruturas interessadas. E agora? «Está bloqueado e boicotado nas gavetas dos ministérios e da Câmara Municipal de Lisboa» – acusa.

Aí se apontava a criação de uma estrutura, «para nós essencial», que é a comunidade de transportes. Aglutinaria as Câmaras de Lisboa e circunvizinhas e os operadores vários. Além disso incluiria os agentes que intervêm nos problemas de trânsito: GNR, PSP, Direcção-Geral de Transportes Terrestres.

Um caso concreto: «Você repare que toda a circulação Norte-Sul tem de passar pelo interior da cidade. Você circula pela Ponte 25 de Abril, chega a Alcântara e está dentro da cidade. Não vai dar por exemplo à 2.ª circular. Deve ser uma das poucas capitais europeias onde acontece disto» – diz, com ar seguro.

A «operação» no largo de Alcântara urge, pois, no entender de Silva Graça. Tal como a do Relógio do aeroporto, ou o fundo da 2.ª circular, ao pé do Califa.

A estranheza quanto ao viaduto das Calvanas entronca aqui. Se havia pressa, porquê só agora? Se havia pressa, por que esperou Abecasis desde que foi eleito?

«Muitas obras aguardaram o ano de 82 para serem executadas com objectivos eleitorais» – comenta.

Um mergulho das Torres

«Se não se tomam medidas urgentes, ou seja se não se substituir rapidamente esta Câmara, podemos ficar com algumas riquezas arquitectónicas e culturais destruídas.»

Estamos numa área em que a contestação ao executivo de Abecasis tem sido quase ininterrupta, com fogachos de dentro da própria AD. Foi o caso de Ribeiro Teles, que contestou muitas iniciativas do actual presidente da Câmara. E até do ministro das Obras Públicas, Viana Baptista, que deu o golpe de misericórdia nas planeadas Torres do Tejo.

«Já há coisas irrecuperáveis no Castelo de S. Jorge. Gastaram-se ali cerca de 50 mil contos, se não estou em erro...» – concretiza Silva Graça.

«Vamos classificar tudo antes que o Abecasis lhe deite a mão» – diz-nos Silva Graça, citando um secretário de Estado da Cultura.

«Nós pensamos que a preservação do património deve ser cuidada e intensificada. A classificação dos edifícios é uma questão, quanto a nós, central» – adianta.

O impedimento de construção das Torres do Tejo vem a propósito. Assim se impediu, simultaneamente, que fosse destruído o antigo edifício da Standard.

«Esse edifício já foi classificado. É um edifício característico de uma época». Silva Graça comenta que nada é feito, apesar disso. «As janelas todas destruídas, aquele aspecto horroroso...».

«Nós pensamos que ou a Standard Eléctrica o recupera ou a Câmara o deve expropriar a uma velocidade muito grande. E transformá-lo, sei lá, num museu, ou numa zona de animação cultural, para utilização como centro cívico» – preconiza.

Depois visiona: arranjado o espaço à volta do edifício, ajardinado, bancos, zona de lazer. Um futuro: restituir o Tejo à cidade de Lisboa, ou seja, levar a nossa cidade para mais perto do Tejo.

E, ainda, um dedo em ferida velha da actual gestão: a Feira de Belém. Também para aí, «quando formos gestão municipal»...jardim.

«Não cheiram bem»

«Há determinadas operações que se fazem na cidade de Lisboa que, de facto, não cheiram bem às pessoas» – eis como Silva Graça se situa, quando lhe falamos de corrupção.

Contudo, previne que é matéria difícil. A sapiência popular serve-lhe de ponto de referência: «As pessoas não percebem por que se fazem determinadas operações que não se destinam a melhorar as suas condições de vida. Ou seja, como é que elas se fazem, a coberto de quem e com que objectivos».

A APU, por seu lado, chegou ao extremo de impugnar uma obra de Abecasis, como foi o caso do viaduto de Calvanas e ainda a estação de tratamento de lixo.

Trata-se, em ambos os casos, de obras de vulto. «Pensamos que as leis devem ser cumpridas, todas as leis da República devem ser cumpridas. São duas obras completamente ilegais».

O viaduto vai custar mais de 100 mil contos, pagos por permuta de terrenos com a empresa encarregada da obra. «Pois não me venham dizer que e urgência da obra, porque se é, logo a seguir à posse desta gestão ela teria sido lançada».

«Aqui estão dois exemplos de coisas que não cheiram bem, de coisas que nos levam, a nós e a muita gente da cidade, a acusar a Câmara de ilegalidades.»

«Prova disso tudo?» – interroga-se. «Não é fácil provar corrupções e ilegalidades. A corrupção faz-se a dois».

APU: bom gestor de municípios?

«Nós administramos com muita eficiência e a contento das populações uma vasta zona do trritório nacional, cerca de 30 por cento» – eis um selo de garantia para uma dúvida que pusemos a Silva Graça. Ou seja, o confronto de câmaras de esquerda com um poder central de direita.

«E administramos tudo isso sem nunca ter qualquer responsabilidade a nível do Poder central» – acrescenta.

Além disso, aponta-nos a situação internacional, mais concretamente o caso da Itália: um Governo de direita com uma grande maiora do território italiano administrada por comunistas.

Será vocação dos comunistas gerir os municípios e deixar as mãos livres à direita para as rédeas dos governos?

«A nossa vocação não é para isto ou para aquilo, nesses termos. Nós existimos, fundamentalmente, para resolver os problemas do nosso Povo.»

Mas torna-se claro, Silva Graça reconheceu-o, que se tivéssemos responsabilidade a nível do Poder central, ou se não se tratasse de um Governo reaccionário como este, as coisas andariam muito mais depressa».

Por isso «a necessidade de se alertar as pessoas para a necessidade de se criar uma alternativa geral democrática do País».

«O perigo que existe de se chegar a situações, por exemplo a de agora, situações criadas por esta gestão AD, irreversíveis» – era Silva Graça quase à despedida.

Entrevista de Rogério Vidigal
Fotos de Rui Pacheco

em duas palavras

● NÃO QUEREMOS PONTE SOBRE O GUADIANA?

O ministro espanhol das Obras Públicas afirmou ontem em Huelva que Portugal não estaria interessado na construção da ponte internacional sobre o Guadiana. Será verdade? Fica a dúvida, tendo em conta que Castro Marim e Vila Real de Santo António se digladiam por causa da dita ponte. O ministro espanhol Luís Ortiz acrescentou não existirem inconvenientes insanáveis para encetar a empreitada desta ponte internacional de forma satisfatória para as duas partes.

● EANES NA «AGRO/82» NO DIA 24

O Presidente da República aceitou o convite para presidir em 24 do corrente à inauguração da Exposição Agro-Pecuária «Agro-/82», em Braga. Ramalho Eanes recebeu anteontem uma delegação da CM bracarense do Parque Municipal de Exposições, que formalizaram o convite. A deslocação de Eanes a Braga faz-se entre duas viagens oficiais: a Angola (iniciada hoje) e Bélgica (a partir de 27). A «Agro/82», este ano com estatuto internacional pela primeira vez, estará patente ao público até 2 de Maio.

● ICESA REESTRUTURA-SE PARA CONSTRUIR

A Icesa está em fase de reestruturação, segundo nota que nos foi enviada, a fim de poder concretizar alguns importantes planos de fomento, no âmbito do sector que integra. A Icesa, recorda-se, está ligada a planos em Santo António dos Cavaleiros, Agualva, Quinta do Morgado, Miraflores, Vialonga e Laranjeiro.

● DEFICIENTES: BALANÇO DO AID

Num balanço obviamente curto ao que foi o Ano Internacional do Deficiente, a ADFA acusa o Governo de ter evitado que a problemática dos deficientes tivesse atingido a sua verdadeira dimensão nacional, registando como ponto positivo a receptividade da população às comemorações.

● REFORMADOS DA COVILHÃ: ENCONTRO DOMINGO

O I Encontro Unitário dos Reformados do Concelho da Covilhã é já domingo, sendo aberto a todos os reformados, pensionistas e idosos. A anulação da taxa de 25$00 por unidade farmacêutica, actualização das pensões e protestos contra o aumento dos transportes são alguns pontos agendados.

● REUMATÓLOGOS PORTUGUESES: PRESTAMATENÇÃO

As doenças reumáticas afectam 10 por cento dos portugueses, levando a suspensão do trabalho e à invalidez. Custam ao Estado 40 milhões de contos/ano. Tudo isso será amanhã exposto à Comunicação Social durante um almoço no «Alfa», da iniciativa da Sociedade Portuguesa de Reumatologia.

● «END/82– DECORRE NO SÁBADO

O Encontro Nacional de Deficientes, «END»/82» é depois de amanhã, em Alcoitão, no Centro de Medicina e Reabilitação. Temas em agenda: balanço do Ano Internacional, segurança social (saúde e pensões sociais), integração social (ensino especial e reabilitação física ocupacional), habitação, urbanismo e transportes.

Loiças de Sacavém

USL e MAI debatem esta tarde ocupações ilegais da empresa pela GNR

Administração apresentou a sua versão

Esta tarde, dirigentes da União dos Sindicatos de Lisboa (USL) são recebidos, a seu pedido, pelo ministro da Administração Interna, Ângelo Correia, com quem pretendem debater a situação criada na Fábrica de Loiças de Sacavém com as ocupações ilegais da empresa pela GNR, nos dias 7 e 13 do corrente mês.

Também esta tarde (cerca das 17 e 30) os grupos parlamentares do PCP, MDP, PS, ASDI e UEDS visitarão aquela unidade fabril, a pedido dos trabalhadores. Estes consideram importante que os deputados se inteirem da «gestão ruinosa» da administração e das ilegalidades cometidas pelo MAI, ao ordenar a intervenção da força polícila num assunto laboral, na empresa, sob o pretexto de «impedir a alteração da ordem».

Visando a discussão do mesmo problema, quatro elementos da estrutura sindical e da comissão de trabalhadores (CT) reuniram-se esta manhã com os parlamentares do PPM e da ASDI, e na terça-feira serão recebidos pelos deputados do CDS.

Com efeito, as ocupações registadas na Fábrica de Loiças de Sacavém constituem uma violação flagrante ao disposto no parecer 114/79 da Procuradoria-Geral da República; e é com base neste processo que os representantes dos trabalhadores definem a ilegalidade praticada pelo MAI, ao ordenar a intervenção da GNR, num conflito de natureza laboral, da competência das autoridades civis. Por outro lado, o oficial que comandou as forças da GNR violou a lei sindical ao impedir o acesso à empresa de dirigentes sindicais e ao expulsar das instalações os delegados sindicais e membros da comissão de trabalhadores.

De acordo com o referido parecer, à GNR não é permitido «substituir-se às autoridades civis competentes quanto aos respectivos poderes de apreciação e decisão de pretensões da tutela jurídica de interesses que não impliquem perturbação da ordem pública».

No entanto, a intervenção da GNR poderia excepcionalmente justificar-se, se tivessem ocorrido «conflitos ou situações» que perturbassem «a paz e tranquilidade públicas ou a segurança de pessoas e bens», o que não se verificou já que, na altura, os trabalhadores se encontravam a laborar normalmente.

Entretanto, hoje e amanhã, prosseguem no Tribunal de Polícia os julgamentos dos trabalhadores da empresa Saraiva de Oliveira e Manuel Baptista, acusados de agressão a uma praça da GNR, por ocasião da ocupação da fábrica, no passado dia 7.

Sobre estes julgamentos, a CLOR (Comissão de Luta contra a Repressão), emitiu um comunicado em que analisa o conflito, pelo qual responsabiliza o administrador Monteiro Pereira «pelas inúmeras arbitrariedades e prepotências por ele perpetradas, que saldam no momento com vários saneamentos, fraudes, despedimentos e castigos, visando principalmente a CT e os delegados sindicais».

O documento sublinha que os trabalhadores têm agora como acusadores «os elementos que os agrediram à sua chegada ao posto da guarda, após a sua detenção».

A administração pronuncia-se

Ontem a administração da Fábrica de Loiças de Sacavém afirmou, em conferência de Imprensa, que o clima que actualmente se vive na empresa, e que culminou com o despedimento de uma delegada e de três dirigentes sindicais, tem a sua origem numa nota de serviço emitida em Junho.

Na referida nota, a administração afirmava que a comissão de trabalhadores e os delegados sindicais «tinham vindo a desrespeitar e abusar da Lei do Contrato Colectivo de Trabalho» no que se refere a crédito de horas. «A política tem sido o factor comum a evidenciar as suas actividades, havendo por isso que lhe pôr cobro, sem perda de tempo» – acrescentava o documento.

A administração estipulava ainda que os membros dos referidos órgãos de trabalhadores teriam de avisar com 24 horas de antecedência sempre que pretendessem fazer uso do crédito de horas a que legalmente têm direito.

«Esta disposição nunca foi acatada e o tempo que usam sem aviso prévio passou a ser contado como falta não justificada» – acrescentou o conselho de gerência.

Foi assim que surgiram vários processos disciplinares e se iniciou um processo na empresa pelo qual o director-geral Monteiro Pereira responsabilizou o Partido Comunista.

Monteiro Pereira afirmou que no dia 29 de Março chegou a ser alvo de agressões físicas por parte dos trabalhadores que insistiam em ser recebidos e por isso contactou a GNR.

A partir dessa data a administração não voltou a entrar na fábrica até que, no dia 7, o administrador Monteiro Pereira – o principal visado pelas críticas da CT – pretendeu entrar nas instalações.

Ocorreram então os incidentes que fizeram com que nenhum dos administradores tenha ainda voltado à fábrica e que levaram à suspensão de 13 trabalhadores «considerados os mais provocadores e agitadores e que não têm acatado a suspensão».

Marconi

Greve prosseguirá se o conflito não for desbloqueado

Decorre hoje o terceiro dia da paralisação na Marconi que, segundo a Federação dos Sindicatos das Comunicações e Telecomunicações regista uma «elevadíssima adesão». Esta acção de luta é o «resultado da ampla participação de todos os trabalhadores» e visa pressionar a administração da empresa a negociar o acordo colectivo de trabalho com as organizações sindicais que maioritariamente os representam.

A administração da Marconi mantém a sua «recusa» em sentar-se à mesa de negociações tendo pedido a passagem do conflito à fase de conciliação. Esta atitude da administração e o «silêncio do MT que não promoveu ou marcou o início da conciliação» torna-os, segundo os sindicatos, «responsáveis pela agudização deste conflito que está a acarretar graves prejuízos ao País e à empresa».

A FCT/STT manifesta em comunicado a sua total abertura para o diálogo o que «contrasta com a intransigência do Governo e da administração». A Federação sindical acrescenta, no entanto, que a não ser tomada qualquer iniciativa por parte dos gestores da Marconi e do MT, a «greve prosseguirá pois os trabalhadores da Marconi têm consciência de que a sua luta mais do que objectivos imediatistas visa salvaguardar o futuro, visa preservar a liberdade de negociação e contratação».

Seguradoras estrangeiras

Os trabalhadores das delegações em Portugal de companhias de seguros estrangeiras prosseguiram ontem, com adesões da ordem dos 85 e 90 por cento, uma greve intermitente por motivos de contratação. Segunda, terça e quarta as paralisações foram observadas das 8 e 45 às 9 e 45 e prosseguirão das 8 e 45 às 10 e 45 em 19 e 20 deste mês. Registe-se que se poderá realizar uma greve de 24 horas no dia 26, com uma paralisação simbólica nesse dia, de uma hora, por parte das empresas nacionalizadas.

Segundo o Sindicato de Seguros do Sul os três mil trabalhadores das 33 empresas opõem-se à pretensão da Associação dos Seguradores Estrangeiros em Portugal (ASEP) de celebrar um contrato colectivo de trabalho paralelo ao das empresas nacionalizadas do sector.

Está prevista para amanhã uma reunião no Ministério do Trabalho entre a ASEP e o Sindicato dos Seguros do Sul.

Porto de Leixões

O conflito que há 15 dias mantém praticamente paralisada a actividade do porto de Leixões, devido à não aceitação por parte dos estivadores e conferentes marítimos da tutela do Centro Coordenador do Trabalho Portuário do Porto de Leixões, está a causar graves problemas ao abastecimento de batata à cidade do Porto que, aliás, já escasseia há vários dias em todos os locais de vendas.

lisboa
cinema europa
17 e 18 de abril

A unidade antifascista é possível, necessária e, hoje mais do que nunca, uma arma indispensável para bloquear a ofensiva fascizante da AD.

A violação dos direitos constitucionais, das liberdades democráticas e das conquistas de Abril reclama a mais firme denúncia.

A realização desta Conferência foi decidida no Encontro Nacional de Defesa das Liberdades, efectuado em Janeiro passado e convocado pela CSPA — Comissão de Solidariedade com os Presos Antifascistas.

A Conferência, contando desde já com a participação de democratas e antifascistas dos vários quadrantes da oposição, permitirá reunir antifascistas de diversas tendências, representantes de Sindicatos, Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores e Associações populares e culturais.

E porque o 25 de Abril é em si mesmo um expoente e o símbolo da liberdade restaurada, a Comissão Promotora manifesta desde já a sua predisposição em dar o seu contributo para a união de esforços dos antifascistas e democratas em grandes comemorações unitárias nesta data histórica.

MOSCOVO

1º MAIO*

27/ABRIL A 11/MAIO

MOSCOVO • KIEV • LENINEGRADO • MINSK • MOSCOVO

. reço: 49.500$00

Inclui: Passagens aéreas, alojamento em regime de pensão completa em **hotéis de 1.ª classe com quarto de banho privativo**, transfers, excursões, visitas guiadas e acompanhamento de guia em português ou espanhol

*Viagem organizada em colaboração com o Conselho Central para o Turismo e Excursões dos Sindicatos Soviéticos

GITUS

GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL
Av. da Liberdade 73-3 Dt. 1200 Lisboa
Tel. 3200 70 3205 56 364303

AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL

IMPOSTO SOBRE VEÍCULOS

Comunica-se aos Senhores Associados que o referido serviço funcionará de 2.ª a 6.ª feira (excepto feriados), das 19 às 22 horas, nos locais e dias a seguir indicados:

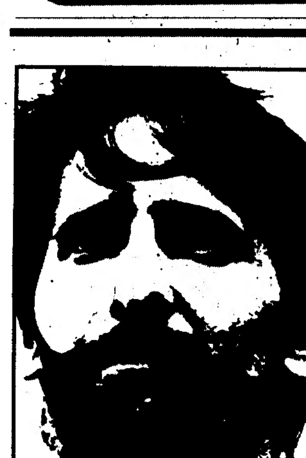
SEDE E SECÇÃO REGIONAL DO NORTE

3 a 31 de Maio inclusive

DELEGAÇÕES DE BRAGA, AVEIRO, COIMBRA, FARO E FUNCHAL

17 a 31 de Maio inclusive

A DIRECÇÃO



Luís Cília

com
Pedro Caldeira Cabral e José Eduardo

Teatro Aberto

de 7 a 18 de Abril às 21h.30
Praça de Espanha Tel. 770969

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO

Para os Trabalhadores da Saúde sobre «Actual situação Política»

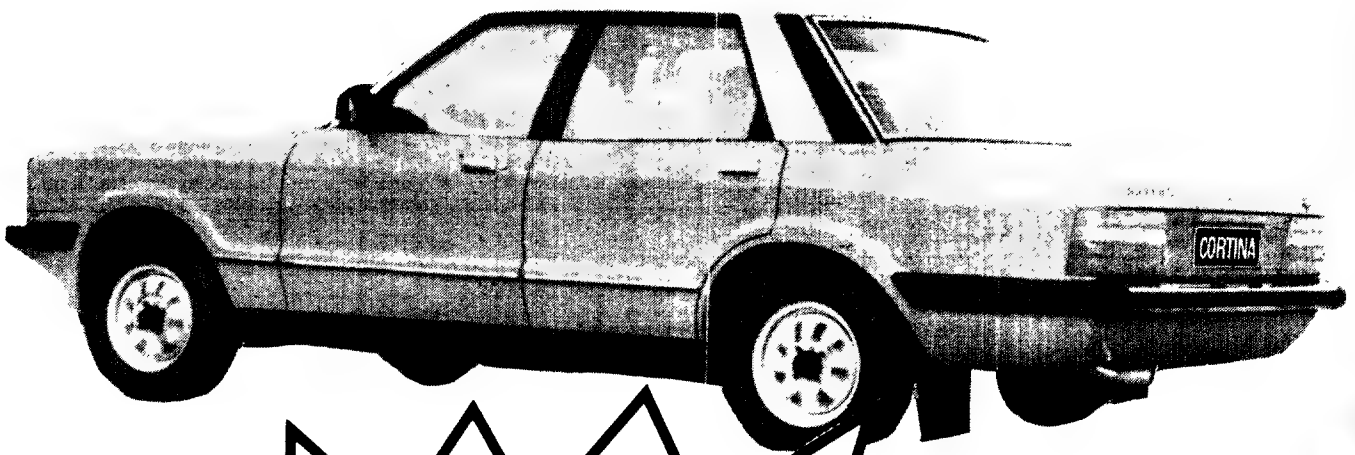
Com Carlos Brito membro da C. Política do CC do PCP. Dia 16 de Abril — sexta-feira às 21.30 na Ass. Hum. Bombeiros Voluntários Lisbonenses.

Rua Camilo Castelo Branco, 33
(ao Marquês de Pombal)

Concurso «DL»/82

1.º PRÉMIO

1.º PRÉMIO – FORD CORTINA L 4 PORTAS (1300): 4 cilindros, 1297 cc, 62.5 cavalos DIN a 5750 rpm, 4 velocidades sincronizadas, coluna de direcção de segurança, suspensão independente à frente e eixo rígido atrás, travões de disco à frente e de tambor atrás, servo-assistidos, jantes de tipo desportivo, pára-choques inoxidáveis com guarnições a preto, espelho retrovisor exterior, limpa-vidros intermitente, apoios de cabeça, bancos forrados com tecido, luzes avisadoras de emergência, faróis de marcha atrás, pára-brisas laminado, desembaciador de vidro traseiro, porta luvas com chave, embraiagem auto-ajustável, bancos reclináveis, cintos de segurança de enrolamento automático, faróis de halogéneo, consola vertical, espelho na pala do passageiro, isqueiro eléctrico, relógio de quartzo, 142 Km/h de velocidade máxima e consumo de 7,6 litros a uma velocidade média de 90 km/h; 17,7 segundos dos 0 aos 100 km/h.



É FÁCIL CONCORRER

BASTA:

1. Recortar e coleccionar os 30 cupões que serão publicados na 2.ª página do «Diário de Lisboa» a partir de **19 DE ABRIL.**

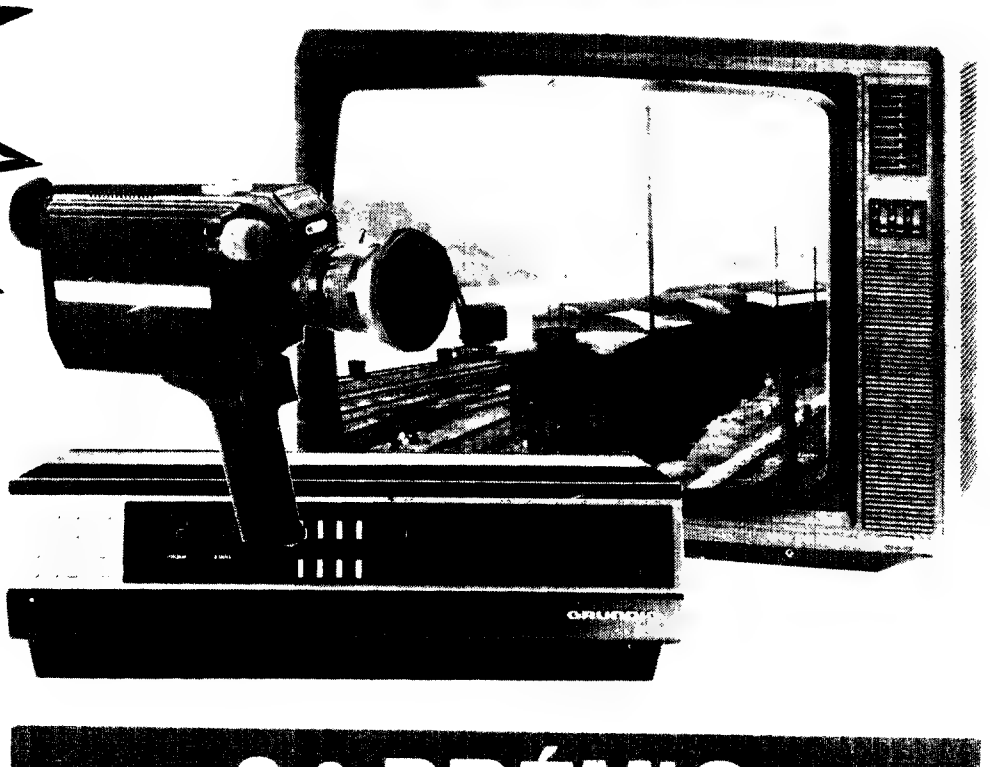
2. Recortar e preencher, com letra bem legível, o boletim de identificação que será publicado várias vezes durante o período do concurso.

3. Enviar a colecção de cupões e o talão de identificação pelo correio, em data a anunciar, juntamente com um selo de 10$00 para a devolução (se o leitor assim o desejar) do talão-recibo numerado.

4. Pode concorrer com quantas colecções desejar, mas deverá enviar **APENAS UMA EM CADA ENVELOPE**, para

«DIÁRIO DE LISBOA» – CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

A partir de segunda-feira 19 de Abril no Diário de Lisboa

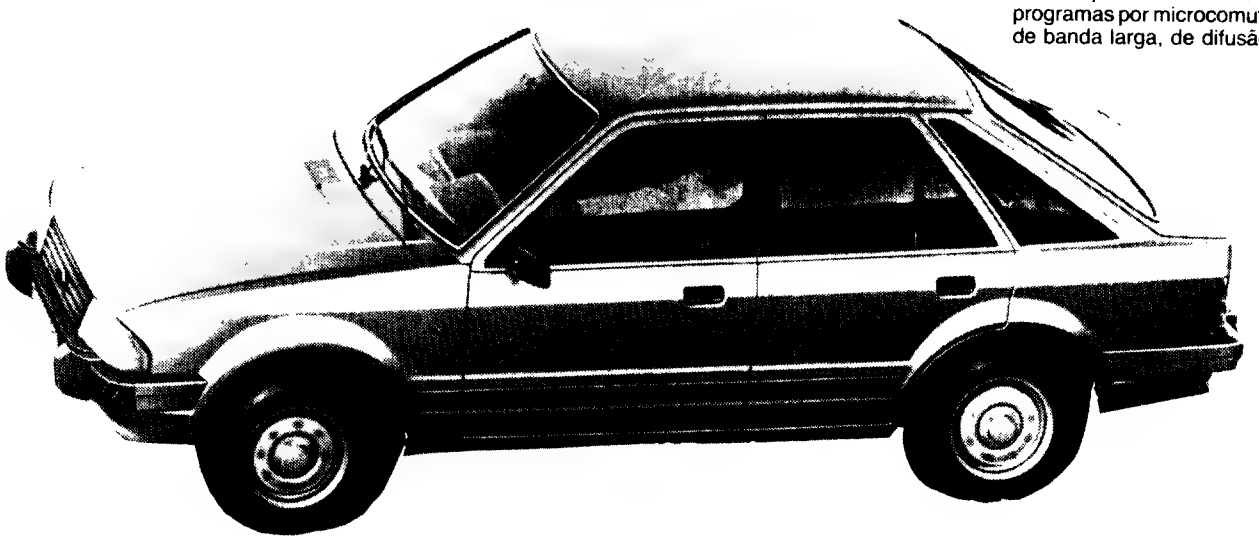


2.º PRÉMIO

2.º PRÉMIO – FORD ESCORT L 5 PORTAS (1300): 4 cilindros, 1117 cc, potência máxima PS/KW-55/40, 4 velocidades sincronizadas, tracção à frente, sistema de travões de duplo circuito de disco à frente e tambor atrás servo-assistidos, jantes em aço, faróis de halogéneo, assentos forrados a tecido, limpa-vidros de 2 velocidades e intermitente, ventoinha de aquecimento de 3 velocidades, farolins de marcha atrás, pára-brisas laminado, vidro traseiro aquecido, apoios de cabeça e cintos de segurança de enrolamento automático, fechos nas portas à prova de crianças; bancos reclináveis, espelho de cortesia, dois cinzeiros atrás, isqueiro; velocidade máx. a 145 Km/h, consumo à velocidade constante de 90 km/h – 5,7 litros, 15,8 segundos dos 0 aos 100 km/h.

3.º PRÉMIO

3.º PRÉMIO – Uma Câmara de Filmar Vídeo FAC 1700, um Vídeo Tape Grundig 2 x 4 Super e um Televisor e Cores Grundig A840 (66 cm com telecomando): câmara de televisão a cores, objectiva zoom com 3 aumentos 14-42 mm, luminosidade 1:1,8, regulação automática do diafragma e ampliador, unidade de controlo integrada, microfone de condensador incorporado para a sincronização do som, telecomando directo da câmara para o Vídeo Tape, cabo de 8 metros Vídeo gravador com 8 horas de gravação em cada cassette reversível, múltiplas informações sobre as gravações imagem parada, lenta ou rápida, busca electrónica das imagens, sistema de supressão automática do ruído, pré-selecção de 5 programas diferentes até 99 dias de antecipação, busca automática de sintonia para 32 emissoras. Televisor com cinescópio de 66 cm, imagem Super Color, selecção de 8 programas por microcomutadores, dois altifalantes (um de agudos, de difusão frontal e um Superphon de banda larga, de difusão lateral), telecomando, à distância e sem cabo.

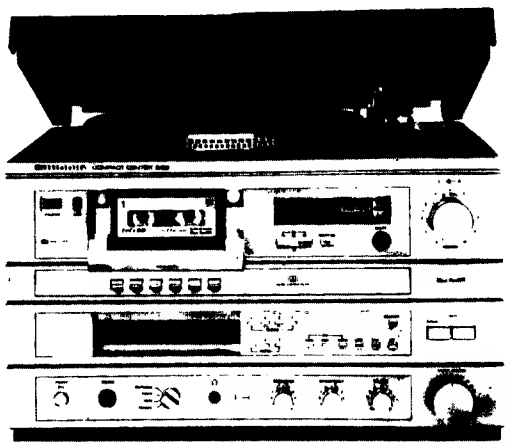


4.º PRÉMIO

4.º PRÉMIO – Um Vídeo Tape Grundig 2 x 4 Super e um Televisor a Cores Grundig A840 (66 cm com telecomando): Vídeo gravador com 8 horas de gravação em cada cassette reversível múltiplas informaçoes sobre as gravações, imagem parada, lenta, ou rápida, busca electrónica das imagens, sistema de supressão automática do ruído, pré-selecção de 5 programas diferentes até 99 dias de antecipação, busca automática de sintonia para 32 emissoras Televisor com cinescópio de 66 cms, imagem Super Color, selecçao de 8 programas por microcomutadores, dois altifalantes (um de agudos, de difusão frontal e um Superphon de banda larga, de difusão lateral), telecomando, à distância e sem cabo.

Concurso «DL»/82

5.º Prémio – Um Televisor a Cores Grundig A840 (66 cm com telecomando), de características idênticas ao televisor do 4.º Prémio.



6.º Prémio – Um Conjunto HI-FI Grundig CC530: Sintonizador com FM, OM e OL, teclas de pré-sintonia, sintonia digital por microprocessador de quartzo; Amplificador 2 x 25 W nominal 2/ X 35 W musical, controlos de agudos e grave balanceio e volume, ligações para gira-discos, gravadores, auscultador, auricular e altifalantes; Gravador Deck com admissão de todo o tipo de cassetes, conta-voltas, escala luminosa de leitura; Gira-Discos com motor controlado electronicamente, suspensão flutuante silenciosa, controlo estroboscópico com regulação electrónica das rotações, braço de retorno ao ponto de apoio e de elevação e descida com amortecedor hidráulico, pressão da agulha ajustável, velocidades 33 e 1/3 e 45 rpm.

PRÉMIOS PARA OS LEITORES

1.º Um automóvel FORD CORTINA L 4 portas (1300)	614.130$00
2.º Um automóvel FORD ESCORT L 5 portas (1300)	547.210$00
3.º Uma CÂMARA DE FILMAR VÍDEO FAC 1700, um VÍDEO TAPE GRUNDIG 2x4 SUPER e um TELEVISOR A CORES GRUNDIG A840 (66 cm. com telecomando)	286.443$50
4.º Um VÍDEO TAPE GRUNDIG 2x4 SUPER e um TELEVISOR A CORES GRUNDIG A840 (66 cm. com telecomando)	216.443$50
5.º Um TELEVISOR GRUNDID A CORES A840 (66 cm. com telecomando)	67.537$00
6.º Um conjunto HI-FI GRUNDIG CC530	57.475$60
7.º Um TELEVISOR GRUNDIG A CORES A710 (56 cm. sem telecomando)	56.355$00
8.º Um TELEVISOR GRUNDIG A CORES A610 (51 cm. sem telecomando)	54.002$00
9.º Um COMBINADO FAGOR C365	53.179$10
10.º Uma MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA FAGOR VI 5300	39.786$50
11.º Um FRIGORÍFICO FAGOR M4 (280 litros)	37.206$00
12.º Uma ARCA HORIZONTAL CANDY EL 3 (310 litros)	33.906$60
13.º Uma MÁQUINA DE LAVAR ROUPA FAGOR GL766	30.928$30
14.º Um RÁDIO-GRAVADOR GRUNDIG RR950	29.835$00
15.º Um RÁDIO PORTÁTIL GRUNDIG SATELIT 1400	26.369$20
16.º Um FOGÃO FAGOR NL 40 CBQ	25.668$50
17.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco T817 (61 cm.)	18.525$00
18.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco P2022 (51 cm.)	17.608$50
19.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco P1722 (44 cm.)	16.692$00
20.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco P1422 (35 cm.)	14.404$00
21.º a 23.º Um ASPIRADOR PROGRESS SUPER 600	9.692$80
24.º a 27.º Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9.324$90
28.º a 32.º Um RÁDIO-RELÓGIO GRUNDIG SONO CLOCK 650	7.082$40
33.º a 37.º Um RÁDIO-RELÓGIO GRUNDIG SONO CLOCK 660	6.852$30
38.º a 42.º Um GRAVADOR PORTÁTIL GRUNDIG CR 580	5.709$60
43.º a 47.º Um GRAVADOR PORTÁTIL GRUNDIG CR 550	5.024$50
48.º a 53.º Um RÁDIO-RELÓGIO GRUNDIG SONO CLOCK 160	4.919$00
54.º a 61.º Um RÁDIO PORTÁTIL GRUNDIG PARTY BOY 700	4.108$00

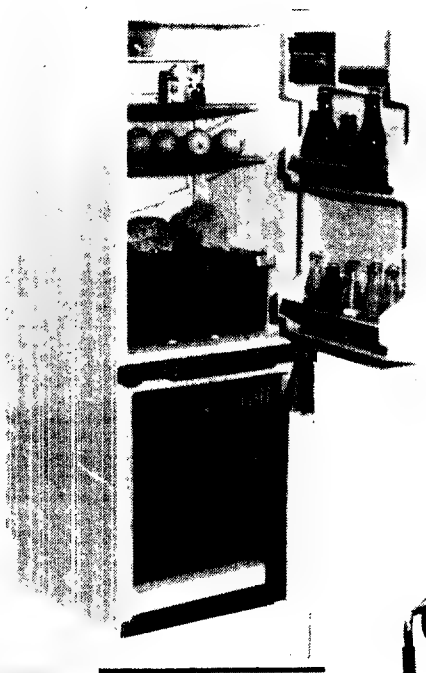
PRÉMIOS PARA OS VENDEDORES

1.º Um COMBINADO FAGOR C 365	53.179$10
2.º Um TELEVISOR GRUNDIG A CORES A 310 (42 cm. sem telecomando)	42.237$00
3.º Um FRIGORÍFICO FAGOR M4 (280 litros)	37.206$00
4.º Um RÁDIO PORTÁTIL GRUNDIG SATELIT 1400	26.369$20
5.º Um FOGÃO FAGOR NL 40 CBQ	25.668$50
6.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco T817 (61 cm.)	18.525$00
7.º Um ESQUENTADOR FAGOR 810E (10 litros)	13.058$50
8.º Um ASPIRADOR PROGRESS SUPER 600	9.692$80
9.º Um RÁDIO-RELÓGIO GRUNDIG SONO CLOCK 660	6.852$30
10.º Um GRAVADOR PORTÁTIL GRUNDIG CR 580	5.709$60

PRÉMIOS PARA OS VENDEDORES

1.º Prémio

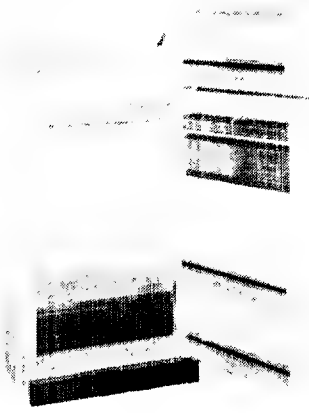
1.º PRÉMIO – UM COMBINADO FAGOR C365: congelador vertical, de gavetas, com 102 litros de capacidade, 4 estrelas, combinado com refrigerador de 186 litros, com descongelamento automático, interior metálico com pintura de protecção, caixa hermética para carne, compartimento para garrafas, compartimentos separados para fruta e vegetais, rodas na parte traseira do combinado; luzes de segurança, termómetro bimetal.



2.º Prémio

2º PRÉMIO – UM TELEVISOR GRUNDIG A 310 (42 cm): cinescópio de 42 cm, supernítido, sistema «in line» autoconvergente, botões de accionamento lateral para comando de luminosidade, volume de som e contraste de cor, altifalante de difusão frontal, comandos de tonalidade, comutador para desligar o altifalante no caso do uso de auscultadores, possibilidade de ligação para gravador de vídeo, auscultadores e gravador de som, adaptação fácil para TV por cabo. Antena telescópica incorporada, pega rebatível.

3.º Prémio



3.º PRÉMIO – UM FRIGORÍFICO FAGOR M4 (280 litros): 3 prateleiras, capacidade para 18 ovos, 55 litros de capacidade do congelador a -18 graus centígrados (3 estrelas), porta de fecho automático, cuba em chapa de aço com tratamento especial e isenção de cheiros.

4.º PRÉMIO – UM RÁDIO PORTÁTIL GRUNDIG SATELLIT 1400: FM, OM, OL e 6xOC, corrente alterna, pilhas ou bateria, contador digital de frequência com indicador de cristal líquido, indicador do estado das pilhas, duplo comando de sintonia – normal e fina, 2 altifalantes, antena, tomadas de ligação.

30 de Abril data da capa do álbum

Um álbum para todos os leitores

Durante os 60 dias do Concurso DL/82 (2 séries de 30), o «Diário de Lisboa» publicará duas páginas com desenhos e bonecos de STUART publicados no «Sempre Fixe».

O leitor recorta as páginas que publicaremos (e que têm um desenho especial para o efeito), junta-as por ordem, acrescenta a capa a cores, e encaderna este verdadeiro Álbum. Se não quiser, ou não puder, encadernar as páginas e a capa, poderá através de um cordão de seda ou de grampos metálicos, manter as 120 páginas do seu 2.º Álbum «Sempre Fixe» bem firmes. O 1.º Álbum foi publicado o ano passado, no Concurso DL/81, e compõe-se de primeiras páginas e excertos do «Sempre Fixe» desde Maio de 1926 (data do 1.º número) até ao «Golpe dos Fifis», tentativa política à frente da qual estiveram um Filomeno da Câmara e um Fidelino de Figueiredo.

Este ano o «Diário de Lisboa» completa 61 anos de publicação. E à comemoração do nosso aniversário queremos associar aquele que, nesta casa, foi um colaborador e um amigo. A publicação de um «ALBUM STUART», organizado a partir, fundamentalmente, da sua colaboração no «Sempre Fixe», é uma oferta que fazemos aos nossos leitores e uma forma simples, mas popular, de rendermos homenagem ao grande artista.

É um verdadeiro presente a todos os seus leitores que o «Diário de Lisboa» oferece aos seus leitores: o 2.º Álbum Sempre Fixe. Além, claro, de 61 magníficos prémios para os leitores e 10 não menos bons para os vendedores!

REGULAMENTO DO CONCURSO

1.º O concurso destina-se aos leitores e aos vendedores e agentes do «Diário de Lisboa». Para concorrer, o leitor deverá enviar pelo correio uma ou mais colecções compostas por 30 cupões (que serão publicados no «Diário de Lisboa» a partir de 19 de Abril de 1982 e um boletim de identificação no qual o leitor deverá indicar o seu nome, morada e telefone (se tiver), bem como o nome, morada e telefone do vendedor ou agente (apenas um) onde adquiriu os jornais relativos ao concurso. Junto ao boletim de identificação será publicado um talão-recibo que deverá igualmente ser preenchido pelo concorrente com o seu nome e morada.

2.º Haverá duas séries de cupões, ambas numeradas de 1 a 30, podendo o leitor concorrer com colecções formadas por cupões de ambas as séries, desde que a colecção apresente cupões de 1 a 30. Cada concorrente poderá enviar quantas colecções desejar, mas sempre e apenas um conjunto em cada envelope. Serão excluídos os concorrentes que não enviem as colecções completas, com os cupões de 1 a 30 e o boletim de identificação e o talão-recibo devidamente preenchidos. No caso de algum leitor enviar mais de uma colecção no mesmo envelope, elas serão numeradas com numeração seguida, ficando o envelope agrafado à colecção com o número mais baixo.

§ único – Não serão válidos os cupões que contiverem o carimbo de «oferta», «serviço», ou outro semelhante, carimbo utilizado para identificar os exemplares gratuitos, sendo eliminada qualquer colecção encontrada, durante as operações de apuramento, contendo um ou mais desses cupões. Os envelopes ficarão agrafados às colecções e deverão conter marca comprovativa do seu envio através dos CTT.

3.º Só serão admitidas ao sorteio as colecções enviadas até ao dia 24 de Agosto de 1982. Em caso de dúvida servirá como prova a data do carimbo do correio.

4.º O «Diário de Lisboa», à medida que for recebendo as colecções de cupões e boletins de identificação, numerará, para efeitos de sorteio, esse boletim, com numeração seguida a partir de 1001, segundo a sua ordem de entrada na empresa. O duplicado do boletim, igualmente numerado, será devolvido ao concorrente por correio normal, em envelope aberto, se o concorrente assim o desejar e para o efeito juntar o selo correspondente. Este boletim ou talão-recibo serve unicamente para informação do concorrente, considerando-se apenas, para efeitos de sorteio e atribuição de prémios, aquele que, juntamente com a colecção de cupões, fica depositado no «Diário de Lisboa».

5.º As colecções serão agrafadas e arrumadas por ordem de numeração, de forma a permitir ao representante do Governo Civil de Lisboa o controlo da numeração e a verificação das colecções.

6.º As operações de apuramento dos concorrentes far-se-ão nas dependências do «Diário de Lisboa» na Rua Luz Soriano, n.ºs 15 e 17, em Lisboa, pelas 18 e 30 do dia 3 de Setembro de 1982.

7.º O sorteio realizar-se-á no dia 10 de Setembro de 1982, nas dependências atrás referidas, através de esferas numeradas de zero a nove, contidas em recipiente a esse fim destinado, dele se extraindo tantas esferas quantas as necessárias para formação dos números que indicarão os talões premiados. Assim, em cada extracção, a primeira esfera a sair representará o algarismo das unidades, a segunda o das dezenas, a terceira o das centenas, e assim sucessivamente. A extracção dos números premiados será feita por um representante do Governo Civil de Lisboa, na presença de um representante do «Diário de Lisboa»

8.º No caso de ao mesmo concorrente ou ao mesmo número ser atribuído mais que um prémio, só será mantida a extracção correspondente ao prémio de maior valor, sendo as restantes extracções anuladas e repetidas tantas vezes até recaírem em concorrentes ou números ainda não premiados. Serão igualmente anuladas as extracções de números inferiores a 1001.

9.º Os prémios para os leitores e os prémios para os vendedores e agentes do «Diário de Lisboa» constam da lista publicada neste jornal e deverão ser reclamados no prazo de 90 dias a contar da data do sorteio, na sede do «Diário de Lisboa», na Rua Luz Soriano, n.º 44, em Lisboa, das 9 às 12 e das 14 às 16 horas às 3.ªs, 5.ªs e 6.ªs feiras, e das 9 às 12 horas aos sábados.

10.º A publicidade do concurso será feita no jornal «Diário de Lisboa».

11.º O «Diário de Lisboa» obriga-se a anunciar nas suas páginas o nome e morada dos premiados, bem como o último dia do prazo em que os prémios podem ser levantados, logo após a sua determinação.

12.º O «Diário de Lisboa» obriga-se a apresentar no Governo Civil de Lisboa, no prazo de oito dias a contar do termo final daquele a que alude a condição 9.ª, declaração dos premiados com a assinatura reconhecida notarialmente, comprovativa do recebimento dos prémios.

13.º No caso de os prémios não serem reclamados no prazo devido, ou de não ser feita prova, nos termos e prazo referidos na condição anterior, propõe-se que os prémios, em espécie, ou conforme for optado pelo Governo Civil de Lisboa, o seu valor em dinheiro, revertam para o estabelecimento de assistência a designar pelo Exm.º Governador Civil de Lisboa no prazo de trinta dias a contar da respectiva notificação. Haverá também idêntica reversão se, iniciadas, com a participação do público, as operações do concurso não se realizarem, por qualquer circunstância – incluindo a falta de cumprimento por parte da entidade organizadora do concurso de alguma das cláusulas estabelecidas para o mesmo – o respectivo sorteio ou não for possível atribuir os correspondentes prémios.

14.º São da responsabilidade dos concorrentes todas as despesas relacionadas com a entrega dos prémios, nomeadamente registos de transferência de propriedade e outras despesas, tal como o selo do recibo, o reconhecimento das assinaturas, as despesas de embalagem, seguro e transporte nos casos em que a entrega não seja feita na sede do jornal, etc. Será dada publicidade desta cláusula através dos meios referidos na cláusula 10.ª.

15.º Simultaneamente serão atribuídos dez prémios (de acordo com a lista de prémios também publicada no «Diário de Lisboa») para os vendedores de jornais e estabelecimentos que venderam os jornais que incluíam os cupões que proporcionaram prémios no concurso principal. Assim:

a) No boletim de identificação do concurso principal, os concorrentes-deverão indicar, se quiserem, o nome, morada e telefone (se o tiverem) do vendedor ou estabelecimento (um apenas) onde adquiriu os jornais relativos ao concurso;
b) À medida que forem extraídos os prémios do concurso principal – dos leitores – será elaborada uma lista, pela ordem de extracção, dos vendedores ou estabelecimentos que vierem indicados nos talões correspondentes aos números premiados, até perfazer um total de 10 nomes de vendedores ou estabelecimentos. O primeiro prémio do concurso dos vendedores será atribuído ao vendedor ou estabelecimento que vier indicado no talão que no concurso principal obtiver o prémio mais alto, o segundo ao vendedor ou estabelecimento que vier indicado no talão do prémio mais próximo do primeiro e assim sucessivamente. Isto é, a atribuição de prémios aos vendedores seguirá a ordem de atribuição de prémios aos leitores, sendo por exemplo contemplado com o 1.º prémio de «Vendedores» o vendedor que, identificado no talão com nome e morada, apareça em primeiro lugar nos talões dispostos por ordem decrescente dos valores dos prémios previstos para os leitores;
c) Serão aplicáveis a este concurso paralelo – de vendedores – e à sua entrega de prémios, etc., todas as regras e normas que regem o concurso principal e que lhe forem aplicáveis.

16.º O «Diário de Lisboa» compromete-se a confirmar por escrito ao Governo Civil de Lisboa, com a antecedência de cinco dias úteis, em relação às operações respectivas, as datas destas e, bem assim, a identificação do seu representante nas mesmas operações.

17.º Através dos meios publicitários indicados na condição 10.ª serão dados a conhecer ao público, não só o local, dia e hora da realização das operações de determinação dos contemplados, como também as datas até às quais as colecções deverão dar entrada na sede do jornal para serem admitidas a sorteio, ou seja, até ao dia 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio).

Portugal vai associar-se ao Fundo Africano de Desenvolvimento

Portugal poderá aderir ao Fundo Africano de desenvolvimento (FAD) durante a reunião anual do Banco a realizar em Maio, em Lusaka informou o Miistério das Finanças.

As negociações para a adesão de Portugal a esta entidade internacional de financiamento do investimento regional decorreram em Lisboa no Gabinete para a Cooperação Económica Externa.

A entrada de Portugal no fundo terá de ser aprovada por todos os países membros, prevendo-se que uma delegação portuguesa possa já participar na reunião de Lusaka podendo o acordo de adesão ser assinado durante os trabalhos.

Logo após a concretização da entrada de Portugal no Fundo as empresas portuguesas poderão concorrer à execução dos projectos financiados pelo FAD nos países membros, nomeadamente nos países de expressão oficial portuguesa, alargando assim os mercados potendiais de exportação de bens e serviços portugueses.

O Conselho de Ministros portuguŝ deverá oficializar ainda este mês oconsenso a que s duas delegações chagaram durante as conversações.

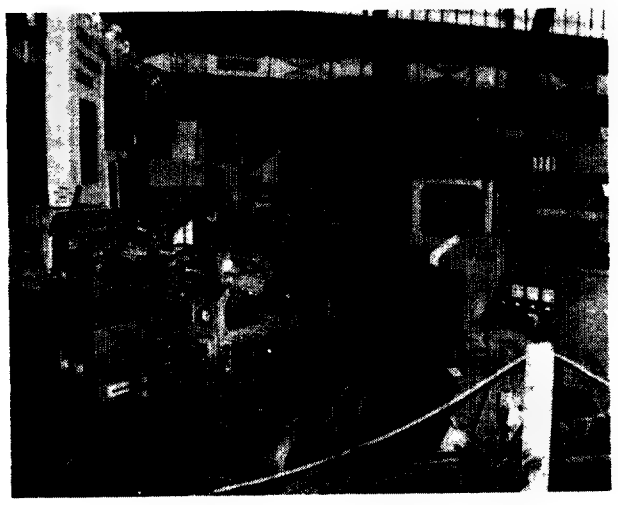
O FAD é uma instituição, fundada em 1972, que tem como objectivo contribuir para o desenvolvimento económico e social dos países membros (só os africanos são membros do FAD, pois os estatuto conideram os restantes como associados).

●●●

PLANO DAS PESCAS – O anteprojecto do Plano Nacional das Pescas começou a ser discutido em Lisboa, num Seminário previsto para se concluir amanhã, e em que os parceiros sociais do sector têm por objectivo analisar o documento em profundidade para eventual introdução de melhorias ao seu conteúdo.

Participam responsáveis oficiais pelos vários departamentos dependentes do sector, bem como representantes das associações de armadores, sindicatos, cooperativas de pescas, bancos, outras entidades oficiais portuárias, Inspecção-Geral de Navios, estaleiros navais e Armada portuguesa.

Os temas em debate passam pelos «recursos», a cargo do Instituto Nacional de Investigação das Pescas, «frota» (Direcção-Geral da Administração das Pescas), «pessoal, formação profissional», «aquacultura, apanha de algas e extracção do sal», indústria portuguesa dos produtos da pesca, «comercialização», «infra-estruturas: portuárias e primeira venda do pescado» (serviço de lotas e vendagem) e «crédito» (IFADA).



As últimas novidades da indústria metalúrgica nacional e da metalomecânica ligeira e pesada, assim como os avanços da técnica industrial conseguidos no estrangeiro podem ser apreciados até ao próximo domingo na Feira Internacional de Lisboa no quadro da Filtécnica/82. São, no total, 417 expositores (108 nacionais e 309 oriundos de 18 outros países, assumindo-se a representação da Itália, com 94 expositores, como a mais numerosa) que oferecem aos visitantes uma autêntica panóplia de maquinaria, equipamentos e materiais industriais e tecnologia para o tratamento de ferro, aços, metais leves e não ferrosos, ligas preciosa e artefactos espectaculares

Desde ontem em Lisboa

Presidente da Comissão Europeia discute adesão com Balsemão

O presidente da Comissão da CEE, Gaston Thorn, afirmou ontem, à chegada a Lisboa, que a sua visita se destina fundamentalmente a assegurar o apoio sem reservas que a Comissão continuará a prestar à adesão de Portugal. Numa breve alocução proferida logo após o seu desembarque no Aeroporto da Portela, salientou que será necessário desenvolver esforços muito importantes durante os próximos meses para cumprir o calendário fixado por ambas as partes e que deveria permitir a adesão em Janeiro de 1984.

Dirigindo-se aos jornalistas na presença de Pinto Balsemão e de João Salgueiro, o presidente da Comissão afirmou, contudo, estar convicto de que Portugal deverá encontrar o seu lugar na comunidade logo que possível.

Respondendo a uma pergunta do «DL» sobre a recente atitude crítica assumida pela Confederação da Indústria Portuguesa em relação às negociações de adesão à CEE, Gaston Thorn respondeu que essa posição seria discutida por ele com os responsáveis da CIP, mas sublinhou que, se os empresários portugueses começam a manifestar prudência em relação à CEE, isso é muito positivo e até seria de desejar que já o tivessem feito há mais tempo.

Gaston Thorn com Pinto Balsemão e João Salgueiro à saída do aeroporto

Balsemão reafirma posição

Pouco depois da sua chegada a Lisboa, o presidente da Comissão encontrou-se com o Presidente da República e participou num jantar que lhe foi oferecido por Pinto Balsemão. No seu discurso, o Primeiro-Ministro insistiu na posição negocial defendida pelo seu Governo, nomeadamente na recusa de uma adesão «a qualquer preço» no que toca às «condições e ao «timing» da entrada».

Explicitando esta posição, Balsemão afirmou: «É neste espírito que os Governos sob a minha presidência tentaram apresentar simultaneamente as condições que consideramos como necessárias a uma boa adesão e estabelecer um calendário dos prazos desejáveis para se concluírem as negociações».

FUNÇÃO PÚBLICA
SEMANA DE LUTA ABRIL 19 A 23

GREVE - 23 ABRIL

AS REDOBRADAS RAZÕES DA LUTA

1. OS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DEFENDEM OS DIREITOS CONSTITUCIONAIS, O DIREITO AO TRABALHO E AO SEU EXERCÍCIO

Com o «pacote» antilaboral para a Função Pública, o Governo pretende entre outros objectivos:

a) Recuperar um quadro de leis e processos idênticos aos do fascismo para a Função Pública, visando restabelecer a repressão, uma fiscalização policial e a ameaça permanente de desemprego para todo e qualquer trabalhador da Função Pública.

b) Abrir uma brecha e um precedente no quadro geral da legislação do trabalho, visando abrir caminho a outras leis repressivas e de despedimentos para os demais sectores de trabalho.

2. OS TRABALHADORES EXIGEM SALÁRIOS DIGNOS E JUSTOS

O Governo abusa do poder, querendo impor ilegal e unilateralmente 11% de (des)aumento à Função Pública. Os trabalhadores perdem em 1982 mais de 10% do seu poder de compra — 30% desde 1976.

O Governo agindo ilegalmente contra a Constituição, a lei e os acordos internacionais referentes ao direito à negociação, abusa assim dos seus poderes, procurando minimizar os defeitos da ruinosa gestão que conduz, à custa dos trabalhadores da Função Pública.

3. OS TRABALHADORES DEFENDEM E LUTAM POR UMA ADMINISTRAÇÃO AO SERVIÇO DO POVO

O Governo mente à população quando diz que há trabalhadores a mais na Função Pública. Outro objectivo perseguido pelo Governo é privatizar, extinguir ou reduzir organismos da Administração e serviços públicos, reduzindo assim a função social do Estado em campos como a Habitação, a Saúde, a Educação, a Cultura e o Desporto, etc.

4. OS TRABALHADORES LUTAM PELA IGUALDADE DE DIREITOS

Os trabalhadores lutam para obrigar o Governo a cumprir a Constituição, a cumprir o direito à negociação.

O Governo que por imperativo constitucional devia respeitar as leis, é ele próprio, agente subversivo da lei e da Constituição, não respeitando nem fazendo respeitar o direito à negociação

POR TUDO ISTO
OS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA ESTÃO EM LUTA

CONTRA OS DIPLOMAS DE DESPEDIMENTOS E REPRESSÃO
POR SALÁRIOS DIGNOS
PELO DIREITO À NEGOCIAÇÃO
POR UMA ADMINISTRAÇÃO AO SERVIÇO DO POVO

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
hoje às 21,45h
A VIAGEM
3.º MÊS
TEXTO - HELDER COSTA
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
DE 3.ª FEIRA A DOMINGO AS 21.45
SABADOS E DOMINGOS TAMBEM
• MATINÉES AS 17 H.
PRAÇA DE ESPANHA TEL 76 26 24
Sub SEC
UMA GRANDE ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA...
— DIÁRIO DE LISBOA—

IMAGINE QUE PEGAVA NO JORNAL E VIA O SEU NOME NA PRIMEIRA PÁGINA...

Tudo que diziam era exacto, mas nada verdadeiro.

Ela acusa-o sem fundamento...

Ele escreve a resposta por vingança.

Um filme notável de SYDNEY POLLACK

PAUL NEWMAN SALLY FIELD

A CALÚNIA

COLUMBIA PICTURES Apresenta A MIRAGE ENTERPRISES PRODUCTION
PAUL NEWMAN • SALLY FIELD • ABSENCE OF MALICE • Musica de DAVE GRUSIN
Director de Fotografia OWEN ROIZMAN A.S.C. • Produtor Executivo RONALD L. SCHWARY
Escrito por KURT LUEDTKE • Producao e Realizacao de SYDNEY POLLACK

7.ª SEMANA
CINE ESTÚDIO ALMADA
quartelo

NAO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

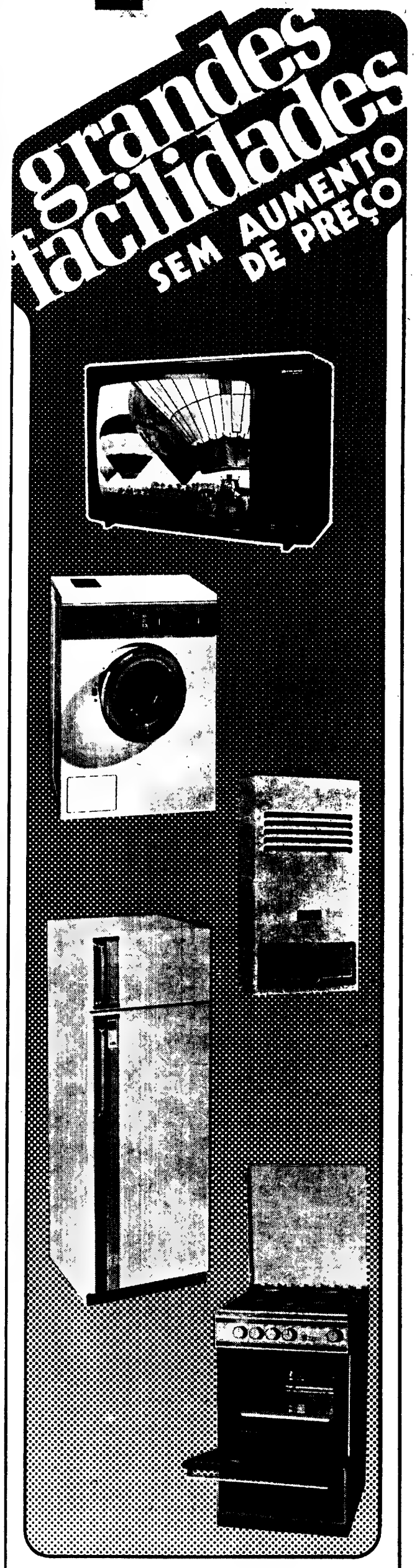
PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 67 654, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE ÁCIDOS 2--ARIL-PROPIÓNICOS POR LIGAÇÃO DIRECTA UTILIZANDO UM COMPLEXO DE HALOGENETO DE MAGNÉSIO MISTURADO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª Ld.ª
Patentes e Marcas

Rua Castilho, 201 — 3.º Esq.º
1000 LISBOA

grandes facilidades SEM AUMENTO DE PREÇO



M.L.FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A
AV. DA REPÚBLICA, 54-B
1000 LISBOA

«FRANCISCO DA RESSUREIÇÃO MOTA, LIMITADA»

17.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
Rua Alexandre Herculano, 29-1.º Esq.º
NOTARIO,
Lic. António Manuel Gonçalves Saldanha

1 — Certifico para fins de publicação que por escritura deste Cartório de 2 de Março do ano corrente, lavrada de folhas 3 a folhas 5 do livro de notas 185 — G, foi constituída a sociedade em epígrafe que adoptou o pacto constante dos seguintes artigos:

O Ajudante do Cartório
a) Edite da Piedade Inácio Marques

PRIMEIRO — A Sociedade adopta a firma «FRANCISCO DA RESSUREIÇÃO MOTA, LIMITADA», com sede na Rua do Vale de Santo António, número quarenta e um, primeiro andar direito, em Lisboa.

SEGUNDO — A sociedade durará por tempo indeterminado, iniciando nesta data a sua actividade.

TERCEIRO — A sociedade tem por objecto o comércio de representações nacionais e estrangeiras — Importação e Exportação e conta própria.

QUARTO — O capital social é de cem mil escudos, repartido por três quotas, sendo uma de cinquenta mil escudos pertencente a Francisco da Ressureição Mota, outra de quarenta e cinco mil escudos pertencente a José Manuel da Silva Mota e a terceira de cinco mil escudos pertencente a Isabel Maria Gonçalves Pinto da Silva Mota, encontrando-se já inteiramente realizadas em dinheiro.

QUINTO — É livre, entre sócios, a cessão parcial ou total de quotas; a cessão a favor de terceiros depende do consentimento da sociedade, que goza do direito de preferência, o qual será devolvido aos sócios quando a sociedade o não queira exercer.

SEXTO — A sociedade poderá amortizar as quotas dos sócios nos seguintes casos:
a) Por acordo com o respectivo titular;
b) No caso de a quota ser penhorada, ou se existir risco de alienação judicial, ou se ela, de qualquer modo, deixar de estar na livre disposição do seu titular.

PARÁGRAFO ÚNICO-O preço da amortização será o que resultar da avaliação com base no último balanço aprovado, acrescido da quota parte dos lucros do exercício em curso, calculado em função do tempo decorrido.

SÉTIMO — A gerência da sociedade caberá aos sócios Francisco da Ressureição Mota e José Manuel da Silva Mota.

OITAVO — A sociedade ficará validamente obrigada com a assinatura de qualquer dos sócios gerentes.

NONO — As assembleias gerais poderão ser convocadas por meio de cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de oito dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

PARÁGRAFO ÚNICO — Pode, no entanto, a assembleia deliberar, independentemente de convocação, desde que todos os sócios estejam presentes.

DÉCIMO — Um — A dissolução, liquidação ou apresentação à falência da sociedade deverão ser decididas por maioria qualificada do capital social.

Dois — Será liquidatário o sócio que dispuser maioria do capital social ou quem ele para o efeito designar.

Três — O activo da sociedade destinar-se-á ao pagamento das responsabilidades da sociedade, e o remanescente, se o houver, será partilhado entre os sócios na proporção das respectivas quotas.

2 — Mais certifico que a presente fotocópia que se contém em três folhas vai conforme ao original e nada contém em contrário do que fica certificado e fotocopiado.

Lisboa e Décimo Sétimo Cartório Notarial, aos cinco de Abril de mil novecentos e oitenta e dois.

O Ajudante do Cartório
a) Edite da Piedade Inácio Marques

Caminhos de Ferro Portugueses — Informação

AUXILIARES (Contrato)

Os Caminhos de Ferro Porgugueses, E.P., pretendem admitir, para um contrato a prazo de 6 meses, pessoal indiferenciado para a execução de trabalhos de Via, na Linha de Cascais e no troço entre Cacém e Caldas da Rainha.

Exige-se:
— 4.ª classe do Ensino Primário
— Idade entre os 18 e 40 anos
— Residência na área das vagas (condição de preferência)

Oferece-se:
— vencimento adequado
— subsídio de almoço

Os interessados poderão, até 15 de Abril, contactar directamente ou por escrito o Sector de Recrutamento na Calçada do Duque, 20, 1294 LISBOA CODEX.

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Camarate

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 23.º dos Estatutos convoco a Assembleia Geral a reunir em Sessão Ordinária no dia 23 de Abril de 1982, pelas 20.30 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Apresentação das Contas da Gerência do ano de 1981

— Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1982

Não havendo número legal de sócios à hora marcada, funcionará a mesma Assembleia com qualquer número, 1 hora depois, em conformidade com o Artigo 24.º dos Estatutos, sendo válidas e legais as resoluções tomadas.

Camarate, 3 de Abril de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 3.º JUÍZO

ANÚNCIO
2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que começará a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio.

Execução Especial de Alimentos n.º 6903 — 3.ª secção.

Exequentes — Maria Helena da Silva Leal Correia.

Executado — Manuel Alberto de Castro Correia, residente na Rua Gregório Lopes, lote 1523-11.º C, em Lisboa, divorciado, administrador de empresas.

Lisboa, 2 de Abril de 1982.

O Juiz de Direito,
as.) ISIDRO DE MATOS CANAS
O Escrivão de Direito,
as.) JOÃO ANTÓNIO ALEIXO

ÚLTIMA SEMANA

3.ª a SÁB. 21H30
DOM. (só) 16H00

encenação HELDER COSTA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
tel. 686300 (m/13) Sub. SEC.

A BARRACA

ADÓQUE teatro

Martim Moniz — Tel. 874476

HOJE ÀS 21.30

A GRANDE REVISTA

COM UM ELENCO SENSACIONAL!

DELFINA CRUZ
HENRIQUE VIANA
ANTÓNIO MONTEZ
MAGDA CARDOSO
ANTÓNIO FEIO
CREMILDA GIL
MARIA VIEIRA

HORÁRIO
2.ªs, 3.ªs e 5.ªs F.ª: 21.30
6.ª e sábado: 20.30 e 23 horas
Domingo: 16 e 21.30 horas
Folga: 4.ª feira

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5907, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra, de uma modificação da linha aérea a 10 kV, n.º 1310, com montagem dum troço aéreo com 426 m, entre o PT n.º 704 e o poste n.º 3, em Pedra Furada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 31 de Março de 1982.

O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852 de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Crato em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos, no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2357, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Vale do Peso, concelho de Crato, de uma linha aérea a 30 KV com 2410 metros, do poste n.º 19, da linha para o P. T. da Estação Elevatória de Águas do Vale do Peso n.º 1, da Câmara Municipal do Crato, ao posto de transformação da Estação Elevatória de Águas do Chamiço, n.º 2, da mesma Câmara.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 2 DE ABRIL DE 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

Haig parte de novo para Buenos Aires

Argentina apresenta cinco pontos para solução da crise das Malvinas

O secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig, estará amanhã em Buenos Aires para uma nova série de conversações com as autoridades argentinas sobre o conflito das Malvinas.

Após uma intensa actividade diplomática, Haig tinha sido confrontado em Londres com a firmeza das posições argentinas sobre uma proposta de gestão tripartida do arquipélago. Em Buenos Aires não era vista com bons olhos tal solução já que a sua aceitação implicaria o recuo das aspirações históricas da Argentina. No entanto, e segundo informações divulgadas pela agência AFP, a Argentina estaria pronta a aceitar, durante um período transitório que permita negociações com a Grã-Bretanha, uma administração partilhada das ilhas com representantes de um organismo internacional, ONU ou OEA.

Contudo, a última proposta conhecida das autoridades políticas de Buenos Aires, ontem divulgada pelo vespertino «La Razon» da capital argentina, é constituída por cinco pontos em que se reafirma explicitamente que a «soberania não é tema negociável», o que implica a manutenção de um governador argentino e a permanência da bandeira da Argentina. Para além destes pontos, a proposta exige o retorno da frota britânica aos seus portos de origem. Segundo o «La Razon» serão estes os pontos principais do encontro que Haig manterá com o presidente Gualtieri e o governo de Buenos Aires.

Uma coluna argentina numa rua de Port Stanley, nas ilhas Malvinas (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Plano peruano e papel dos EUA

De entre os esforços diplomáticos para uma resolução pacífica do conflito, a proposta de tréguas por 72 horas apresentada pelo Peru, pareceu no início da semana recolher o concenso das duas partes. Em tal sentido se pronunciou o ministro dos Negócios Estrangeiros argentino que considerou como muito favorável a proposta de Lima. Ontem, o «Foreign Office» tornou pública a resposta britânica à proposta peruana, na qual o Governo de Londres declina o convite a uma trégua. Depois de acentuar o apreço com que Londres encarou os esforços de mediação do Governo de Lima, a nota sublinha que o confronto armado foi iniciado pela Argentina quando se apoderou das ilhas Malvinas. Outra actividade diplomática tem sido levada a cabo pelos Estados Unidos, através do secretário de Estado, Alexander Haig. A sua missão de «bons ofícios», não tem até ao momento, dado os resultados esperados. Numa declaração divulgada ontem em Washington, Haig precisou a natureza da sua missão. «Logo no início da crise, os Estado Unidos consideraram que o seu papel era ajudar ambas as partes a encontrar uma solução pacífica. A nossa capacidade de o fazer – sublinhou – funda-se nas relações que temos há muito tempo simultaneamente com o Reino Unido e a Argentina». Sobre os pedidos de uma intervenção mais directa, Haig considerou que os Estados Unidos não acederam às solicitações que teriam ido além das formas de cooperação tradicionais com base nos acordos bilaterais existentes. «Esta continuará a ser a nossa posição enquanto estiverem em curso os nossos esforços», concluiu Haig.

Acusações de Reagan e Thatcher

Em conferência de imprensa dada ontem em Washington o presidente Ronald Reagan considerou que estava provado «de forma evidente» que a União Soviética ajudava a Argentina na crise das Malvinas. Para Reagan a URSS tem dado informações à Argentina sobre a armada britânica no Atlântico. Por fim, o presidente dos EUA apelou a que Moscovo «fizesse marcha atrás».

Por seu lado, a primeira-ministra britânica, sr.ª Margareth Thatcher, acusou ontem perante a Câmara dos Comuns a União Soviética de apoiar, «por cálculo cínico», a Argentina no conflito das Malvinas. Sobre a missão de Haig em Buenos Aires, Thatcher considerou-a «crucial», o que confirma a existência de «novas ideias» para a resolução do conflito, defendidas em Londres pelo secretário de Estado americano.

Contrastando com as declarações de Thatcher e o anúncio de uma nova fase de contactos de Haig em Buenos Aires, o ministro dos Negócios Estrangeiros argentino, Costa Mendez, declarou ontem que não sabia quando Alexander Haig chegaria à capital, ou mesmo se ele voltaria a Buenos Aires.

Confusão e pessimismo em Buenos Aires

Para Costa Mendez não se registou qualquer progresso nas conversações do secretário de Estado americano com os britânicos a propósito da situação nas Malvinas. Para o ministro argentino, o discurso da sr.ª Thatcher nos Comuns não permitiu avançar nas negociações. Assim, nos meios governamentais de Buenos Aires, o optimismo que reinava durante a primeira visita de Haig foi substituído pelo pessimismo. Fontes diplomáticas da capital argentina referem que a posição oficial do Governo de Buenos Aires sobre a visita de Haig não é de molde a facilitar a tarefa deste. Para o Ministério dos Negócios Estrangeiros argentino, Haig só será recebido na sede do Governo, se as condições se revelarem prometedoras.

Horas depois de se ter iniciado

Adiado por uma semana julgamento do "caso Moro"

O julgamento do caso «Moro», iniciado ontem em Roma, foi suspenso horas depois de ter começado e adiado até dia 21, depois da expulsão da sala da maior parte dos acusados, por insultos ao juiz.

Só cinco dos 40 arguidos presentes não foram abrangidos pela ordem de expulsão, após uma viva troca de palavras com o juiz-presidente, Severino Santiapichi, e ameaças de morte contra terroristas arrependidos.

«SQe nos levarem da sala de audiência, faremos bombardear o edifício», gritou Francesco Piccioni, presumível membro das Brigadas Vermelhas, quando o juiz Santiapichi preveniu que expulsaria os acusados se voltassem a elevar a voz.

O julgamento dos presumíveis raptores e assassinos do ex-primeiro-ministro Aldo Moro começou com mais de duas horas de atraso e entre medidas de segurança sem precedentes, num antigo ginásio, o foro itálico, próximo das margens do rio Tibre. Cerca de três mil polícias, entre eles atiradores de elite em quatro torres construídas especialmente no exterior, guardavam a zona.

Quarenta dos 63 acusados, sbre os quais pendem outras acusações de actividades terroristas, assistiram à primeira audiência. Polícias armados levaram os réus, algemados e acorrentados uns aos outros, para seis jaulas adjacentes, alinhadas ao longo de uma das paredes da sala. Os cinco terroristas «arrependidos», que se tornaram testemunhas do Estado, ficaram em duas jaulas, separadas das outras por vidros à prova de balas.

Comunistas espanhóis no governo das Astúrias

Os comunistas vão participar, pela primeira vez, num Governo autónomo em Espanha, o do principado das Astúrias, soube-se ontem em Oviedo.

O PCE aceitou com efeito a pasta dos Transportes que lhe foi oferecida pelo Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), maioritário nesta região. A proposta foi feita pela Federação asturiana do PSOE, apesar da oposição do Comité Executivo Nacional do partido que não vê com bons olhos uma aliança com os comunistas numa altura em que tenta apresentar-se ao eleitorado como um partido moderado.

Uma decisão definitiva sobre a formação do Governo asturiano deverá ser tomada hoje, após a eleição do seu presidente pelo Parlamento autónomo. Os socialistas asseguraram 24 lugares no Parlamento asturiano contra 7 dos comunistas e 27 da UCD e Aliança Popular reunidos

Perante a recusa do UCD, de formar um Governo de coligação com o PSOE este conformara-se com a perspectiva de um Governo UCD-AP minoritário. Os seus dirigentes regionais, porém, não aceitaram tal solução que tornaria ingovernável e optaram por uma aliança com os comunistas considerada «ul mal menor».

A direcção do PSOE considera entretanto que esta aliança está em contradição com a política nacional do partido, além do que o ressurgimento do espectro da frente popular, é de molde a alienar-lhe os votos centristas nas próximas eleições legislativas previstas para Março de 1983

Em França

Supressão dos tribunais militare

Os deputados franceses aprovaram a noite passada em primeira leitura, por 327 votos contra 152, o projecto de lei para a supressão dos tribunais militares em tempo de paz, última das jurisdições de excepção cujo desaparecimento o presidente François Mitterrand prometera no seu programa eleitoral no ano passado.

A França, com as democracias escandinávas, juntou-se assim ao pequeno grupo de nações ocidentais que suprimiram os seus tribunais militares. Porém, em tempo de guerra a antiga jurisdição recuperará as suas prerrogativas.

Umadas primeiras medidas do Governo francês fora suprimir o tribunal de segurança do Estado, tribunal de excepção criado em 1963 para reprmiir inicialmente os delitos terroristas de extrem-adireita relacionados com o conflito argelino.

Com o desaparecimen tribunais e juízes militares «f tada uma página da histó França velha de 650 anos alientou o ministro da Justiça, Robert Badinter, antigo advogado que já fez aprovar uma lei que suprime a pena de morte do arsenal prepressivo francês.

Doravante, os delitos cometidos por militares serão julgados pelos tribunais ordinários correccionais e os crimes pelos tribunais criminais com um júri popular.

Contudo, as infracções contra a segurança externa do Estado, os crimes e delitos de direito comum cometidos por militares em serviço serão julgados por um tribunal criminal especializado composto de sete magistrados, mas que não compreenderá nenhum jurado a fim de proteger o segredo militar.

Nicarágua e EUA dispostos a conferenciar no México

• *Washington tenta lavar a face?*

O embaixador da Nicarágua em Washington, Francisco Fiallos Navarro, indicou ao secretário de Estado adjunto para os Assuntos Interamericanos, Thomas Enders, que o seu país estava pronto a negociar com os Estados Unidos sobre os diferendos que opõem os dois países.

Durante um encontro que decorreu no Departamento de Estado, o diplomata sublinhou que Manágua «está disposta a iniciar negociações formais sérias (...) com o fim de ultrapassar a crise actual», afirma o «Washington Post» de hoje.

Segundo fontes anónimas citadas pelo «Post», os nicaraguanos exprimiram a sua vontade de ver as negociações começar o mais depressa possível, no México. As autoridades da Nicarágua teriam pedido aos Estados Unidos para estes lhes apresentarem um calendário e para nomearem os negociadores.

Fiallos Navarro teria no entanto recusado reconhecer, como afirma Washington, que o seu país ajuda a guerrilha salvadorenha, um dos principais pontos de fricção entre os dois países. O embaixador nicaraguana teria igualmente rejeitado a ideia de que a América Central possa ser «uma fronteira estratégica dos Estados Unidos».

O plano em oito pontos dos Estados Unidos inclui designadamente o fim da alegada ajuda nicaraguana aos insurrectos salvadorenhos, a limitação do armamento e do número de conselheiros estrangeiros na América Central, e a verificação da cessação do afluxo de armas para El Salvador, contra a promessa americana de não se ingerir nos assuntos da Nicarágua ou de ajudar os opositores que se encontram no exílio e de um eventual recomço da ajuda económica, depois do acordo do Congresso.

Os observadores saliantam, porém, que Washington não tem muita esperança nessas negociações, antes prossegue essa via como uma concessão ao México e com o fim de se poupar às críticas de uma larga parte do Congresso americano, que receia que o Governo Reagan só esteja intessados numa solução militar em El Salvador.

Seja qual for a seriedade que Washington venha a atribuir às negociações, a verdade é que o Governo americano indicou já ao Governo mexicano que «estabelecerá proximamente um diálogo directo com o Governo nicaraguano, com o fim de resolver os diferendos que os separam» indicou ontem um comunicado do Ministério das Relações Exteriores do México.

Emblema papal cai

O emblema com as chaves papais desenhado por Miguel Ângelo e esculpido por Vignola no início do séc. XVII para o Papa da altura partiu-se na terça-feira e desabou numa rua do centro de Roma interrompendo o trânsito durante quatro horas. A peça, que pesava vinte quilos, estava colocada por cima da porta da Praça do Povo, no centro da capital italiana, e o seu «desabamento» não provocou feridos.

Autoridades da capital afirmaram que o símbolo papal será reconstruído.

MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

GABINETE DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

Comemorações de Abril

Dia 16 Abril às 21.30 h.
no
PAVILHÃO DO SACAVENENSE
Concerto de rock com
UHF

ENTRADA LIVRE

MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

GABINETE DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

Comemorações de Abril

Dia 17 de Abril às 15 h.
no
JARDIM MUNICIPAL DE LOURES
SIMULTÂNEA DE XADREZ
PELO
CAMPEÃO NACIONAL
ANTÓNIO FERNANDES

Prémios a todos os participantes

OPERÁRIOS

Grande empresa industrial admite operários para trabalhar em Lisboa e/ou zona próxima de Vila Franca de Xira.

Exige-se: — 4.ª classe
— Serviço Militar cumprido
— Idade até 35 anos
— Robustez física
— Disponibilidade para iniciar trabalho

Oferece-se: — Ordenado compatível para iniciar trabalho
— Regalias sociais em uso na empresa

Remeter respostas para este jornal ao n.º 15404, indicando idade, habilitações, vencimento pretendido, morada/telefone.

COMUNICADO

A Embaixada da República Popular de Angola em Portugal informa aos seus fornnecedores, que para efeitos de pagamentos deverão apresentar as facturas nos dias 1 a 8 de cada mês. O pagamento terá lugar de 25 a 30 desse mês.

As facturas que entrarem depois da data acima mencionada, apenas serão liquidadas no mês seguinte.

Escalada da violência no Médio Oriente

Confrontos sangrentos em Beirute

Morreram mais de 25 pessoas e cerca de trinta ficaram feridas durante os confrontos que se registaram em Beirute, ontem à noite, entre o movimento político-militar chiita «AMAL» e as forças do Movimento Nacional (esquerda), indica rádio-Beirute (oficial).

No Sul do Líbano, os confrontos que tiveram lugar nos últimos dois dias entre essas organizações tinham feito 12 mortos e cerca de 30 feridos.

Os confrontos, com armas de todos os calibres, começaram em Beirute e arredores ao princípio da noite de ontem, com uma intensidade sem precedente. Hoje de manhã, os combates prosseguiam tão violentamente como antes, apesar dos apelos à calma lançados pelos dignitários religiosos muçulmanos.

O fumo dos combates continuava hoje de manhã e envolver as zonas de combate, onde a população, aterrorizada, passou uma noite sem dormir, escondida no vão das escadas.

A intensidade dos disparos impediu, durante a noite, a evacuação dos feridos, e as estradas que conduzem às zonas de combate continuavam ao princípio da manhã, coratadas do resto da capital.

Pela primeira vez desde a guerra civil (1975-1976), os confrontos atingiram a periferia dos campos de refugiados palestinianos de Beirute, Chatila e Burj-Barajneh. A estrada que leva ao aeroporto continuava fechada, ao romper do dia, devido aos tiros.

Greve de protesto no mundo árabe

A maioria do mundo muçulmano aderiu ontem à greve de protesto contra o atentado de domingo contra a mesquita de Al-Assa, em Jerusalém.

Edifícios comerciais, escolas e estabelecimentos foram encerrados, o tráfego aéreo suspenso em vários países, algumas comunicações cortadas e muitos sectores comerciais ficaram desertos, em resposta ao apelo de greve lançado pelo rei Khaled, da Árabia Saudita, aos 800 milhões de muçulmanos existentes no mundo.

Na Cisjordânia ocupada, tropas israelitas feriram a tiro oito manifestantes palestinianos e 12 israelitas ficaram feridos devido às pedras lançadas pelos manifestantes.

As missões árabes nas Nações Unidas pediram ao comité internacional da Cruz Vermelha para efectuar um inquérito sobre o atentado contra a mesquita.

Simultaneamente, alertaram a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Conselho Mundial das Igrejas para o que consideram ser a deterioração da situação nos territórios árabes ocupados por Israel.

Da «emoção» da França às acusações da URSS

O Governo francês exprimiu hoje a sua «emoção» perante a evolução da situação na Cisjordânia e em Gaza, bem como em Jerusalém, considerando que «tudo deverá ser feito para conjurar a exacerbação das tensões» no Médio Oriente.

Interrogado acerca dos recentes acontecimentos, o porta-voz do Ministério das Relações Externas precisou que o Governo «continua a acompanhar de muito perto a evolução da situação».

Também de muito perto, os Estados Unidos acompanham o evoluir da situação: bastará dizer que três unidades da Sexta Esquadra AMericana, entre elas o porta-aviões «Eisenhower», estão desde ontem em Alexandria, para uma escala de cinco dias.

Os acontecimentos estão a ganhar «um aspecto cada vez mais trágico», afirmava ontem o jornal soviético Izvestia.

Comentando o atentado perpetrado na mesquita. Al-Aqsa de Jerusalém, o jornal soviético perfilha a tese de que se não tratou de um acto de terrorismo isolado cometido por um fanático, conforme querem fazer crer as autoridades sionistas, mas sim do «resultado lógico da campanha antipalestiniana lançada por Israel e apoiada pelos seus protectores americanos.»

Qualificando de «hipócrita» a censura expressa por Washington em relação a este atentado, o órgão do governo soviético salienta: «Alguns dias apenas antes dos tiros disparados na mesquita, os Estados Unidos tinham impedido a adopção, pelo Conselho de Segurança, de uma resolução condenando Israel pelo terror sangrento e maciço que faz reinar entre a população árabe da margem ocidental do Jordão e do sector de Gaza».

Miterrand criticado por não visitar Hiroshima

O primeiro dia da visita do presidente francês, François Mitterrand, ao Japão, ontem iniciada, foi assinalado por violenta crítica do presidente da Câmara Municipal de Hiroshima ao facto de o dirigente francês não ter incluído no seu roteiro a cidade onde, em 1945, uma bomba atómica americana matou 90 mil pessoas.

Takeshi Araki, o presidente da Câmara, manifestou a sua «estranheza pelo facto de o chefe de Estado de um país possuidor de armas nucleares, de visita ao Japão, não visitar a cidade que se transformou num símbolo da tragédia nuclear».

Araki protestou também contra as experiências nucleares francesas no sul do Pacífico, interrogando-se sobre «o que pensariam os franceses se se realizassem testes atómicos próximo das costas do seu país».

Acompanham Mitterrand, na sua visita de quatro dias ao Japão, cinco ministros.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson, afirmou que o Governo de Tóquio poderá vir a adquirir à França aviões, ferroníquel enriquecido com urânio e outros produtos de alta tecnologia. Os ministros do Comércio e da Tecnologia debatem, entretanto, com os seus homólogos japoneses, questões comerciais e de cooperação e assistência entre os dois países.

O cumprimento entre o presidente da República Francesa, François Mitterrand, e o imperador do Japão, Hirohito (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

No seu primeiro discurso oficial, perante os representantes do patronato, Mitterrand censurou Tóquio por não deixar entrar com suficiente facilidade os produtos de outros países industriais, mas recusou-se a «organizar o julgamento do Japão». «Somos concorrentes, comecemos a ser parceiros», propôs o presidente francês.

Executados assassinos de Sadat

Cinco egípcios acusados do assassínio do antigo presidente Anwar Sadat foram executados hoje de madrugada, anunciou o tribunal militar.

Dois dos condenados – o tenente Khaled Islambouli e o sargento Hassan Abras foram fuzilados numa base remota na zona do Cairo. Três civis foram enforcados na prisão central da capital.

Os três civis, Abdel-Hamid Abdel-Aal, Atta Tayel e Abdel-Salam Farrag Atteya, eram militantes islâmicos.

Na quarta-feira, o presidente egípcio Hosni Mubarak recusara a comutação das cinco penas

O tribunal militar do Cairo condenou ainda – recorde-se –, a penas de entre cinco anos e prisão perpétua, 17 pessoas consideradas culpadas de envolvimento no assassínio de Sadat, morto durante uma parada, em 6 de Outubro do ano passado.

Na sessão de abertura do julgamento, Islambouli reconheceu que dirigiu o comando que abateu Sadat.

A imprensa egípcia, controlada pelo Governo, não deu a notícia de que o presidente Mubarak recusara o pedido de clemência.

Reagan quer mais 400 milhões para produzir armas nucleares

O Governo Reagan solicitou ao Congresso um aumento de mais de 400 milhões de dólares, destinado a acelerar a produção de bombas nucleares até 1983, segundo foi oficialmente anunciado em Washington.

O pedido da Casa Branca deve vir a deparar com dificuldades tanto na Câmara dos Representantes como no Senado.

Efectivamente, os observadores salientam que as duas câmaras do Congresso norte-americano se debruçaram, nas últimas semanas, sobre vários projectos de resoluções visando diminuir ou pura e simplesmente parar a corrida aos armamentos nucleares.

Por outro lado, o subsecretário de Estado americano para a Assistência para a Segurança, James Buckley, invocou a existência de uma ameaça soviética pesando sobre os aliados estratégicos dos Estados Unidos para justificar, ontem, perante o Congresso, um orçamento «record» da assistência económica e militar de 8,7 mil milhões de dólares (cerca de 63 684 000 000 de escudos) para 1983.

O orçamento de assistência para a segurança foi de 7,5 mil milhões de dólares em 1982. O Governo, que pediu ao Congresso para elevar este orçamento para 8,7 mil milhões em 1983, pensa consagrar 60 por cento dos seus fundos à assistência económica. Quanto à assistência militar, ela aumenta 44 por cento em relação ao orçamento adoptado pelo Congresso em 1982.

Na repartição do auxílio, Israel e o Egipto ficam com a parte de leão. Deverão beneficiar respectivamente de 2,5 e 2,05 mil milhões de dólares, ou seja, só para os dois países, 53 por cento do orçamento de assistência para a segurança apresentado ao Congresso.

Índico

A Índia e Moçambique pediram o desmantelamento de bases militares estrangeiras no oceano Índico e manifestaram-se contra quaisquer tentativas de presença militar estrangeira na região.

O apelo está incluído num comunicado conjunto distribuído em Nova Deli, na sequência da visita à Índia concluída há dois dias pelo presidente moçambicano, Samora Machel.

Os dois países disseram apoiar a entrada em vigor da declaração tomada em 1971 pelas Nações Unidas e que proclama o Índico zona de paz.

Encontro Reagan-Brejnev

A Alemanha Federal exortou o dirigente soviético, Leonid Brejnev, a aceitar a proposta do presidente Reagan dos Estados Unidos para um encontro entre ambos. O encontro decorreria durante a conferência especial para o Desarmamento que a ONU vai realizar em Junho, em Nova Iorque.

«O Governo da Alemanha Federal considera que essas conversações, para as quais vem apelando há muito tempo, serão muito importantes na manutenção da paz e no avanço com vista ao desarmamento mútuo através da negociação» disse o porta-voz do Governo de Bona.

DESPORTO

ponta esquerda

Bingo: jogo parado até concurso público

Nota da Secretaria de Estado dos Desportos e Secretaria de Estado do Turismo.

«Tendo sido recentemente aprovado em Conselho de Ministros o diploma legal que vem permitir a prática do jogo do «Bingo» fora dos casinos, vai seguir-se a breve prazo a fase de atribuição das concessões às entidades interessadas, mediante concurso público.

«Tal processo tem que ser acompanhado de uma campanha que impeça a prática clandestina do jogo, que não poderá mais ser tolerada

«Por esse motivo, desde já se alertam todos os clubes que se dedicam à prática do «Bingo», no sentido de imediatamente se abaterem de o fazer, pois são nesta data dadas indicações concretas às entidades competentes para actuação.

«Entretanto, poderão os organismos eventualmente interessados fazer chegar desde já ao Conselho de Inspecção de Jogos as suas pretensões à candidatura aos concursos de concessão, indicando qual a capacidade da sala onde tencionam vir a instalar o jogo do «Bingo».

Demissões na "Águia"

Dois elementos da direcção do Benfica apresentaram a sua demissão dos cargos que ocupavam no elenco. Mário Seixas e Rui Pita, que apresentaram a demissão em carta dirigida ao presidente da Assembleia geral, desempenhavam as funções de secretário-geral e vogal para as actividades desportivas, respectivamente. «Divergências com a orientação directiva» e «o autoritarismo do presidente Fernando Martins» estão na origem da demissão de Mário Seixas e Rui Pita. Na óptica dos dois dirigentes demissionários «os problemas do futebol são relevantes e de efeitos imprevisíveis. As raízes são detectáveis através da orientação que tem vindo a ser seguida».

Fernand Martins é também acusado de ser a única pessoa que quer tratar e resolver os problemas «tendo um responsável, pelo departamento de futebol (Júlio Borges) que só executa o que o presidente determina».

A.F.L.: dinheiros à balda

Pelos vistos, a história repete-se mas com novos intérpretes: a **rebaldaria** nas finanças da Associação de Futebol de Lisboa parece um facto ciclicamente incontroverso. Agora calha a vez de António Morais, ex-secretário («que até era um bom funcionário») estar acusado de ter desviado cerca de 1500 contos retirados das receitas de jogos que organizava. O processo-crime já está em andamento.

Farense quer controlo para jogo com o Marítimo

A direcção do Sporting Clube Farense pediu oficialmente controlo anti-doping para o importante jogo que no próximo domingo o clube disputa com o Marítimo do Funchal. O Farense recebe os madeirenses em embate que o clube algarvio considera «provavelmente decisivo» para o 1.º lugar da Zona Sul da 2.ª divisão nacional. Por isso, a direcção farense «com vista a salvaguardar plenanente a verdade desportiva», pediu oficialmente o controlo anti-doping para o jogo de Faro.

O Marítimo (Funchal) ocupa actualmente o 1.º lugar da zona Sul da 2.ª divisão, seguido pelo Farense, apenas a um ponto.

Sporting exige o mesmo mas em todos os seus jogos

Dentro do mesmo princípio, o Sporting exige, por seu turno, rigoroso controlo nos encontros em que a sua equipa participe. Com efeito, em carta datada de 30 de Março, a direcção do clube de Alvalade solicitou à Federação para diligenciar junto dos serviços competentes, no sentido de serem efectuados exames nos restantes jogos do Campeonato Nacional em que interviesse a sua equipa, prontificando-se a pagar as despesas a que der lugar, isto, como dizem os «leões», com o «objectivo de moralizar o futebol e salvaguardar a saúde dos atletas».

Pugilista apunhalado

O campeão júnior sul-americano de pesos ligeiros, o chileno Juan «Kanito» Martinez, está em perigo de vida, depois de ter sido apunhalado pela sua mulher na sequência de uma discussão conjugal. Informações divulgadas pela Polícia adiantam que Martinez recebeu dois golpes no peito, depois de atacar a mulher.

UEFA castiga

O Comité Disciplinar da União Europeia de Futebol puniu o Barcelona com uma multa de 20 mil francos por mau comportamento durante a meia final da Taça das Taças, disputada em Londres, com o Tottenham.

Juan Estrella, expulso aos 57 minutos desse encontro (disputado no dia 7), foi castigado com dois jogos de suspensão, pelo que não alinhará no dia 21, na partida da 2.ª «mão». O Barcelona recebe o Tottenham, depois de ter empatado a um golo em Londres, mas se passar à final Estrella também não poderá alinhar.

O treinador António Olmo recebeu uma advertência pelo seu comportamento relativamente ao árbitro durante o jogo disputado em Londres.

Analisando o relatório sobre os acontecimentos verificados no campo do Tottenham, a UEFA puniu também o clube londrino com uma multa de oito mil francos (cerca de 280 mil escudos). A UEFA informou ainda que o sueco Glenn Hysen (do Goetborg) não poderá jogar a 2.ª «mão» da meia final da Taça UEFA com o Kaiserslautern, por ter visto dois cartões amarelos esta época.

Benfica: derrota argelina

Um golo de Yahi, aos 60 minutos, deu ontem à selecção da Argélia vitória sobre o Benfica, em encontro particular disputado no Estádio «Cinco de Julho», da capital argelina.

O encontro decorreu sem grandes motivos de atracção e a equipa argelina desiludiu os seus 12 mil apoiantes, tendo o golo do triunfo nascido de uma jogada confusa diante da baliza do Benfica.

A selecção da Argélia, que alinhou com alguns jogadores que se encontram a jogar em equipas belgas e francesas, desiludiu de tal forma que alguns desses «emigrantes» não deverão integrar o lote para a fase final do «mundial» de futebol.

O Benfica também desapontou, embora tivesse sido um adversário proveitoso para a preparação dos argelinos, primando por algumas jogadas individuais de bom efeito técnico, mas sem resultados práticos, chegando alguns dos seus jogadores a darem mostras de falta de interesse pelo encontro.

O Benfica alinhou assim: Bento; José Luís (Carlos Pereira, 62), Alberto Bastos Lopes, António Bastos Lopes e Frederico; Carlos Manuel, Paulo Campos, Shéu (Carlos Manuel II, 75) e Jorge Gomes (Padinha, 2ª parte); Reinaldo (Folha, 62) e Nené (Filipovic, na 2.ª parte).

Suplente que não jogou: Jorge. Cartão amarelo para José Luís.

Protesto rubro julgado amanhã

O Conselho Técnico da FPF reúne-se, amanhã, pelas 20.30 para apreciar o protesto apresentado pelo Benfica, em relação ao jogo que disputou com o Sporting, em Alvalade, fundamentado em erros de arbitragem. Nesta reunião deverão comparecer Jaime Lopes e Júlio Borges, respectivamente delegado ao jogo do Sporting e do Benfica, assim como a equipa de arbitragem chefiada pelo setubalense Marques Pires,

Campeonato belga

O Standard de Liége venceu o K.V. Malines por 6/0, em encontro atrasado do campeonato da Bélgica.

Depois deste jogo, a classificação geral é a seguinte: 1.º -Sandard, 41 pontos; 2.º - Anderlecht, 40; 3.º - Antuérpia e La Gantoise, 38; 5.º - Lokeren, 37.

Artur Jorge em Guimarães?

Artur Jorge poderá suceder a Pedroto no comando técnico da equipa do Vitória de Guimarães na próxima época. Os dirigentes vitorianos avistaram-se esta semana com o actual treinador do Portimonense para uma troca de impressões sobre a eventualidade de Artur Jorge assumir a liderança da equipa minhota. Os contactos entre a direcção vimaranense o técnico surgiram após a impossibilidade do clube contratar o treinador inglês John Mortimore e de renovar o contrato com Pedroto, que regressará às Antas.

Artur Jorge, que já trabalhou no Vitória minhoto (juntamente com Pedroto) treinou esta época o Belenenses e o Portimonense. Tal como havia já acontecido em Guimarães, Artur Jorge decidiu rescindir o seu contrato com o Belenenses, por reconhecida falta de condições de trabalho. No Portimonense, Artur Jorge rendeu Manuel de Oliveira na 11.ª jornada, com o clube na penúltima posição da tabela classificativa e apenas sete pontos: está agora no 9.º lugar com 21 pontos.

Tentar lugar na UEFA

Carrilho do Rosário é um dos candidatos a lugares vagos no Comité Executivo da Federação Internacional de Futebol (FIFA), informou a União Europeia da modalidade.

O 16.º Congresso da UEFA, que decorrerá em Dresden, (Alemanha Democrática) no dia 28, tem na sua ordem de trabalhos eleições parciais para os comités executivos da UEFA e da FIFA. O italiano Artemio Franchi, que termina o seu mandato como presidente da UEFA, é candidato único à recondução, por novo período de quatro anos.

No Comité Executivo da União serão substituídos os lugares do soviético Nikolay Ryashentsev, de Guntar Schneider (RDA) do inglês «sir» Harold Tompson, do luxemburguês René Van Den Bulcke e do norueguês Einar Jorum, mas só estes dois últimos não se propõem à recondução.

No Comité Executivo da FIFA chegam ao termo os mandatos do vice-presidente Hermann Neuberger (Alemanha Federal) e dos membros europeus Mihajlo Andrejevic (Jugoslávia) e do espanhol Pablo Porta, que se apresentam à recondução. Porém, para os dois lugares do Comité Executivo são também candidatos o grego Basile Hadzijiannis, o húngaro Gyorgy Szépesi e o português Ernesto Carrilho do Rosário.

Neste Congresso, os delegados deverão pronunciar-se sobre a proposta do Comité Executivo de autorização de publicidade nos equipamentos durante as competições europeias de clubes que se disputem em duas «mãos».

Reservas lisboetas

A contar para a Taça Alves Teixeira, torneio de reservas da AFL, Belenenses e Estrela da Amadora empataram ontem, a um golo. Sob a arbitragem de Mário Mano, as equipas alinharam:

BELENENSES: Jacinto João, Dama (Pinto da Rocha ao intervalo), Lima, Sérgio e Carlos Pereira; Tó-Zé, Paulo Ferreira e Osvaldo; Avelar, Arnaldo Silva (Cepeda aos 70 m) e Toni,

ESTRELA DA AMADORA: Eduardo; Paulo Oliveira, Tó-Zé, Vítor Almeida e Vitinha; Max, Silva Santos e Manolo (Quim aos 86 minutos); Vítor Manuel (José Carlos aos 79 m), Salvador e Pinto.

Marcadores: Vítor Manuel (aos 48 m) e Osvaldo (88 m),

Reservas portistas

Jogos para o torneio de reservas portuenses: Penafiel - Aves, 5-0; S. Martinho - Boavista, 2-2; Valadares - F. C. do Porto, 0-4; Leixões - Tirsense, 1-1; Marco -Lixa, 2-0; Amarante - Paços de Ferreira, 3-2; Ermesinde - Candal, 0-0; Leça - Rio Ave, 1-1; Vilanovense - Infante, 2-1. Em antecipação à jornada havia-se realizado na terça-feira o Salgueiros - Valonguense, tendo vencido os portuenses por 2-1

Placard

Natação faz ondas

O nadador Paulo Frischknecht assinou contrato com o Benfica e o nosso país vai organizar, no ano próximo, a «Taça Latina» em natação.

Cordovil vence Fernando Silva

João Cordovil venceu Fernando Silva na 1.ª partida do «match» que os dois xadrezistas estão a disputar em Cascais para apuramento do campeão nacional. Cordovil, que conduziu as peças brancas, alcançou ligeira vantagem na abertura, o que foi importante para o seu 1.º êxito desde sempre alcançado sobre Fernando Silva.

DESPORTO

ponta esquerda

União de Leiria: dinheiro ou greve

Os futebolistas profissionais do União de Leiria ameaçaram entrar em greve aos treinos de amanhã se até lá o clube não satisfazer o pagamento integral dos salários de Março. Em comunicado, os jogadores garantem (contudo) a presença no domingo, no Estádio de Alvalade, para o encontro com o Sporting do campeonato da 1.ª divisão.

«Pagamento das 'luvas' em atraso e dos ordenados» é a pretensão dos futebolistas do clube leiriense. Todavia, os futebolistas dizem que «compreendendo a situação difícil do União admitem que o pagamento das 'luvas' seja resolvido num futuro próximo»

Os futebolistas do União referem, na nota, não aceitar o pagamento parcial dos salários e se as suas reivindicações não forem aceites, entrarão amanhã em greve de zelo.

«Continuamos a ir para o estádio, equipamo-nos, entramos em campo mas não participaremos no treino»— disse um dos jogadores no final de uma reunião com o presidente do clube Joaquim Marques, acrecentando que o presidente do União apoiou a posição dos jogadores, mas disse ser muito difícil a satisfação integral dos salários.

O União de Leiria, a seis jornadas do final do campeonato, encontra-se na última posição e as suas hipóteses de permanência na divisão principal são remotas.

Nossas raparigas chutam na Europa

Portugal integra o terceiro dos quatro grupos de apuramento do primeiro torneio de futebol feminino da União Europeia de Futebol (UEFA).

O grupo três é constituído, além de Portugal, pela França, Itália e Suíça.

Os jogos podem iniciar-se a partir de 1 de Junho e devem estar concluídos até final de Dezembro de 1983.

A Comissão da UEFA para o futebol feminino decidirá então a forma de disputa da segunda fase do torneio, que tanto poderá ser em moldes de meias-finais (com jogos em duas mãos), como através de um torneio, reunindo os vencedores dos quatro grupos.

Para este primeiro torneio inscreveram-se 16 Federações, assim distribuídas, segundo critérios exclusivamente económicos:

- Grupo Um: Islândia, Finlândia, Noruega e Suécia.
- Grupo dois: Inglaterra, Irlanda do Norte, República da Irlanda e Escócia.
- Grupo três: França, Itália, Suíça e Portugal.
- Grupo Quatro: Bélgica, Alemanha Federal, Dinamarca e Holanda.

Telé Santana: pneumonia

O director técnico da selecção brasileira de futebol, Telé Santana, foi hospitalizado, no Rio de Janeiro, com uma pneumonia, mas o seu estado foi considerado **sem problemas** pelos médicos. O treinador brasileiro foi internado de madrugada, mas o seu estado de saúde melhorou durante o dia de hoje, devendo ter alta no prazo máximo de uma semana.

Contra o racismo

O Conselho Mundial de Boxe (WBC) ameaçou o seu campeão mundial dos pesos super meio-médios, o mexicano Wilfredo Benitez, de o destituir do seu título no caso de se deslocar à África do Sul para defrontar o vencedor do combate que oporá Davey Moore a Charlie Weir. Reafirmando as suas posições anti-racistas, a WBC explicou que Benitez «um pugilista de cor» deverá compreender a campanha humanista da WBC contra a África do Sul «por causa da discriminação que este país racista pratica no boxe e noutros desportos». Se Benitez persistir, será destituído, e o título será declarado vago e disputado entre Thomas Hearns (EUA), Carlos Santos (Porto Rico), Carlos Herrera (Argentina) e Ayub Kalule (Uganda), que ocupam os quatro primeiros lugares da classificação da WBC.

Preparando o mundial

URSS empata na Argentina

A Argentina, campeã mundial, empatou ontem à noite, com a União Soviética (1-1) em encontro particular disputado em Buenos Aires. A selecção «celeste» evidenciou uma nítida subida de rendimento em relação aos anteriores confrontos com a Checoslováquia e a RFA, sobretudo no 1.º tempo, período em que desperdiçou várias ocasiões de golo.

Os locais inauguraram o marcador aos 40 minutos, por intermédio de Ramon Diaz, que culminou da melhor forma uma jogada ofensiva iniciada por Maradona. No tempo complementar, os soviéticos (com Blochin em bom plano) lograram empatar (aos 69 minutos) num remate de cabeça de Oganessian, sem hipóteses para Fillol. Um poderoso remate de Maradona, a escassos centímetros da baliza de Dasaev, foi a última oportunidade dos argentinos alterarem o marcador.

Para além de Maradona, destacaram-se na equipa sul-americana Ardilles, Ramon Diaz e Kempes. Nas hostes soviéticas, relevo especial para Blochin, Gavrilov e Sasaev.

Sob arbitragem do brasileiro Romnaldo Filho, alinharam:

Argentina: Fillol; Olguin, Galvan, Passarella e Tarantini; Ardiles, Gallego e Maradona; Kempes, Diaz e Valdano (depois Hernandez).

URSS: Dassaev; Sulakvelidze, Chivadze, Balatcha e Demianenko; Buriak (depois Khizanischiuli), Bal e Daraselia; Oganessian, Gavrilov (depois Chengelia) e Blochine.

RFA bate a Checoslováquia

Um golo de «penalty», no último minuto, deu ontem à Alemanha Federal o triunfo (2-1) sobre a Checoslováquia em jogo de futebol de carácter particular, desenrolado em Colónia, integrado na preparação para a fase final do «Mundial».

Durante uma hora os espectadores assistiram a um bom jogo da selecção germânica, mas a partir dos 69 minutos, com o golo do empate (apontado por Bicovski) quebrou-se a harmonia da equipa local. Um «penalty» muito controverso, assinalado quase no termo do encontro (que Breitner transformou) deu o triunfo aos alemães.

O melhor jogador sobre o terreno (Pierre Littbarski), que joga no Colónia), marcou o 1.º golo alemão (aos 22 minutos) a concluir de cabeça um centro executado da linha de fundo por Kaltz. Precisamente no melhor momento dos alemães federais, os checoslovacos demonstraram a razão por que, em encontros anteriores (na Argentina e Brasil) conseguiram dois excelentes empates, até porque se a vitória da Alemanha pode ser considerada justa, ela também tem um pouco de fortuna. O árbitro do encontro, Joel Quiniou, que até ao último minuto tinha feito uma boa arbitragem, proporcionou o triunfo aos germânicos ao ver uma mão inexistente do checoslovaco Bicovski dentro da área.

No encontro destacaram-se o guarda-redes Schumacher e Breitner, que trabalhou continuamente e realizou o seu melhor jogo pela selecção desde que a ela voltou há cerca de um ano. Littbarski foi (porém sem qualquer dúvida) o melhor jogador em campo e aos 24 anos deve ter conquistado, com esta actuação, um lugar firme no melhor «onze» do futebol germânico.

Alemanha Federal: Schumacher; Hannes, Kaltz (Engels, 71), Foerster e Briegel; Dremmler (Bernard Foerster, 79), Breitner e Matthaeus; Littbarski, Fischer (Mill, 46) e Rummenigge.

Checoslováquia: Hruska; Fiala, Jakuceb, Vojacek e Kukucka; Bicovski, Stambachr e Jarolim (Danek, 58); Janecka (Jurkemic, 71), Nehoda (Kriz, 39) e Yizek.

Itália derrotada na RDA

A preparação da Itália para o «Mundial» prosseguiu com um revés, ao ser derrotada em Leipzig, pela selecção da República Democrática Alemã. Neste jogo de preparação para os transalpinos, a equipa da RDA, que não conseguiu a qualificação para Espanha, assegurou a vitória quando Lothar Hause marcou um golo de cabeça ao veterano Dino Zoff, aos 20 minutos de jogo.

As equipas alinharam:

RDA: Rudwaleit; Trieloff, Schuvaase, Ulrich e Zoetsche; Lieberz, Hause, Doerner e Pommerenke: Streich (Jahros, aos 65m) e Trocha.

Itália: Zoff (Bordon, ao intervalo)G Gentile, Scirea, Collovati e Marangon: Tardelli, Dossena (Marini, ao intervalo) e Antognoni; Conti, Graziani e Massaro (Gergoni).

"Círculo de Leitores" faz correr nas ruas

O Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores do Círculo de Leitores vai, a exemplo do ano passado, organizar o seu II Grande Prémio Internacional de Atletismo a disputar já no próximo domingo, às 11 horas, na distância de 14 000 metros, com partida e chegada junto das instalações do Círculo de Leitores (Rua Eng. Paulo de Barrosn 22 – Lisboa).

Na primeira edição, os números confirmaram o êxito que foi esta prova de atletismo em estrada: 1131 atletas à partida. A vitória individual pertenceu ao atleta leonino Aniceto Simões e colectivamente o Sporting Clube de Portugal dominou a corrida.

Neste II Grande Prémio Internacional, pensa-se que o êxito do ano transacto irá ser superado, quer no número de atletas inscritos (mais de 1500 participantes), quer no valor das dezenas de prémios em disputa (máquina de lavar louça e arca frigorífica ao primeiro da classificação geral, televisores a cores ao primeiro júnior e à primeira senhora, citando apenas os mais relevantes), quer na categoria dos atletas já inscritos. Pode desde já anunciar-se a presença do atleta belga José Revyn (5000 metros – 13.54m; 10 000 metros – 28.40m; maratona – 2.12,40), de Carlos Lopes (se entretanto recuperar da lesão que o tem apoquentado;, Aniceto Simões e Armando Aldegalega (Sporting), Delfim Moreira e José Abreu (Benfica), Fernando Reis, Óscar Santos e Manuel Oliveira (Académico de Godim), António Riscado (INATEL), Rui Lopes (Kolossal) e Carlos Fernandes (TAP), recente vencedor da Maratona do INATEL. Nas senhoras estão inscritas Rosa Mota (CA)), vencedora da S. Silvestre de S. Paulo (Brasil) e campeã nacional de corta-mato e Rita Borralho (Benfica), melhor tempo ibérico da maratona – 2.44,54.

Nos juniores destaca-se a presença de três atletas internacionais: Cipriano Lucas (Benfica), campeão nacional de corta-mato, José Correia (U. D. Seia) e Domingos Castro (Lameirinho). Ainda durante esta semana outros nomes grandes do fundo português por certo irão dar o seu contributo para o pleno sucesso desta iniciativa.

Wilson Brasil o "gandulão"

Wilson Brasil, figura popular e prestigiada do jornalismo desportivo do país irmão, está agora radicado em Portugal e, com o apoio da «Gazeta dos Desportos» e da Rádio Comercial, vai editar na nossa terra a versão/82 do seu troféu «Gandula», destinado a premiar as figuras mais salientes nas várias facetas do campo desportivo, em festa que se processará a 4 de Junho, no pavilhão benfiquista da Luz.

Entre os nomes distinguidos por Wilson Brasil figura o de Neves de Sousa, nosso colega de Redacção e responsável pelo sector desportivo do «DLU, que é citado como «comentarista», merecendo de Wilson Brasil a seguinte apreciação: «desenvolve suas apreciações com a facilidade que identifica os grandes. Tem o condão de dissecar uma partida de futebol com o realismo patente do que nela acontece, sobressaindo-se seu poder de observação, além do grande jornalista que é».

Wilson Brasil é bastante simpático para com o companheiro aqui do «Diário de Lisboa». As suas palavras e o seu prémio são mais um encorajamento para quantos escrevem ou falam sobre desporto, sujeitos (tantas vezes) à crítica mais áspera, viperina e facciosa, quase sempre destituída da serenidade que sempre deve nortear os que confiam as suas opiniões e a realidade do seu ponto de vista à opinião pública.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 35 DE 18 DE ABRIL DE 1982

A Comarca de Arganil, 111 21x 1x2 x1x1; Rádio Totobola, 1xx 2xx 112 x1x2; Correio de Coimbra, 11x 21x 1x2 111x; Correio do Vouga, 111 2xx 1x2 1112; Defesa de Espinho, 111 21x 1x2 x111; Diário de Coimbra, 11x 21x 11x x111; Diário de Lisboa, 111 xxx x22 1xx2; Ecos do Cacia, 11x 21x 1x2 211x; Eu Sei Tudo, 111 21x 1xx x111; Folha do Domingo, 111 2xx 12x 111x; Gazeta das Caldas, 111 xxx 1x2 1x11; Jornal da Beira, 111 xx2 112 x111; O Jornal de Felgueiras, 111 211 1x2 x1x2; Jornal de Santo Tirso, 1x1 x11 212 x111; Jornal de Sintra, 11x 211 112 x1x1; Jornal Linhas de Elvas, 111 21x 11x 1112; Litoral, 111 212 12x 1111; Maria da Fonte, 111 21x 112 xxx1; Notícias de Chaves, 11x 2xx 112 11xx; Notícias de Felgueiras, 11x 2xx 112 x111; O Algarve, 111 21x 122 x111; Reconquista, 111 21x 1x2 x111; RDP/Secção Desportiva, 111 2xx 1x2 x112; Jornal a Voz das Beiras, 111 21x 11x 21x1; A Voz do Domingo-/Coluna Desportiva, 111 2xx 112 x112; RDP/Grafanola Ideal, 11x 211 112 21xx; A Voz do Domingo/Palpitações, 111 111 112 1112; Rádio Renascença/Música e Não Só, 1x1 x1x 1xx 2211; RDP/Ponto de Encontro, 111 211 1x2 111x; RDP/Antena 1, 112 2x1 122 11x1; RDP/Café Com Leite, 1x1 2x2 122 x212; Rádio Renascença/Bola Branca, 111 x1x 11x 1xx2; Notícias de Évora, 111 21x 1xx x11x; Alvo Desportivo, 11x x1x 1xx xx1x; O Comércio de Leixões, 111 2x2 112 x11x; Estúdio 64, x12 222 112 x11x; Jornal de Gaia, 111 x2x 122 x121; Jornal da Graça, 111 211 1xx x11x; Jornal de Notícias, 111 xx1 112 x111; Manchete Desportiva, 111 211 11x 1111; Penalty, 111 21x 1x2 x111; Primeiro de Janeiro, 111 2x2 1x2 xx12; Quadrante Norte, 111 x1x 112 xx1x; Rádio Alvo, 11x 211 122 x1x2; Repórter do Dia, 111 2xx 122 x11x; Resenha Desportiva, 111 1x1 112 x111; A Voz dos Ridículos, 11x xxx 112 1x21; Jornal o Porto, 1xx x1x 1x2 xxx1; Jornal a Voz do Ave, 11x 211 1xx 1111; Rádio Placard, 111 111 111 111.

	RESULTADOS			BOLAS			
	1	X	2	1	X	2	a)
1. PORTO - PENAFIEL	49	1	0	11	1	1	
2. SETÚBAL - ESPINHO	45	5	0	11	1	1	
3. BRAGA - BOAVISTA	35	13	2	8	3	1	
4. A. VISEU - BENFICA	3	12	35	1	3	8	
5. BELENENSES - PORTIMONENSE	30	18	2	7	4	1	
6. R. AVE - GUIMARÃES	14	30	6	3	8	1	
7. ESTORIL - AMORA	48	1	1	10	1	1	
8. LEÇA - P. FERREIRA	22	19	9	5	5	2	
9. VALDEVEZ - VARZIM	1	13	36	1	3	8	
10. ÁGUEDA - ACADÉMICO	16	30	4	4	7	1	
11. BEIRA-MAR - O. DO BAIRRO	39	9	2	9	2	1	
12. FARENSE - MARÍTIMO	35	13	2	8	3	1	
13. E. LAGOS - LUSITANO	25	13	12	6	3	3	

a) - Nos termos do Artº 149. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ :

111 21X 112 X111

Semana do Filme Ecológico começa amanhã em Leiria

Começa amanhã na cidade de Leiria a II Semana do Cinema Ecológico, prolongando-se até 23 do corrente mês de Abril.

Organizada pelo Teatro da Columbina, a iniciativa é apoiada pelo órfeão local, em cujas instalações se realizam as diversas sessões previstas, e pelo núcleo local dos Amigos da Terra.

A colaboração do Centro de Informação da ONU em Portugal, do Instituto Alemão e da Comissão Nacional do Ambiente tornou possível a apresentação de um conjunto de filmes, alguns dos quais vindos expressamente para esta semana.

Para além dos filmes cedidos por diversos países, nomeadamente o Canadá, França, Japão e Holanda, estarão patentes exposições sobre o meio ambiente, energias alternativas e renováveis, e ainda sobre os fogos do Verão passado no pinhal de Leiria e a Granja do Rolo, situada nos arredores da cidade, estas duas últimas iniciativas da responsabilidade do próprio grupo de Teatro.

O programa da semana integra, já hoje, um encontro do dr. Almeida Fernandes (CNA) com professores da região sobre questões de educação e ambiente.

Para além das sessões de cinema, seguidas sempre de debates, e da passagem de filmes para crianças durante o dia, estão marcados colóquios com Luís Almeida e Silva, responsável da secção de ecologia do jornal «Gazeta das Caldas», (dia 17), com o jornalista Afonso Cautela sobre «Imprensa alternativa para o movimento ecológico português» (dia 20), com o dr. José Luís Pereira sobre «o rio Lis da nascente à foz» (dia 21) e com o director do Centro de Informação da ONU (Dia 22), que apresentará a estreia em Portugal do filme de desenhos animados «Boom».

Folheto antinuclear

«As dificuldades do militantismo antinuclear» é o primeiro de uma série de folhetos a editar por José Carlos Marques, coordenador da colecção «Viver é preciso», que lançou há anos alguns dos mais interessantes textos sobre a problemática ecológica no nosso país.

Retomando o mesmo título, anuncia-se o próximo relançamento da colecção, «se novos obstáculos não vierem interpor-se». Fica o «aviso aos leitores navegantes».

O conteúdo deste primeiro folheto é preenchido com um texto de Jean Pignero, extraído dos «Ecrits d'un militant», e de quem se anuncia para breve uma obra sobre a microrradiografia sistemática e obrigatória («Um atentado à saúde pública»).

José Mário Branco: "Ser Solidário"

O espectáculo musical «Ser Solidário», de José Mário Branco, levou ontem à noite centenas de pessoas à aula magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.

O espectáculo pretende constituir uma obra autobiográfica do autor, que nas diferentes interpretações focou aspectos da sua vida, nomeadamente depois de regressar de França em consequência do 25 de Abril.

Durante a actuação, José Mário Branco foi homenageado por Carlos do Carmo, que o interrompeu quando se preparava para cantar «O Fado Penélope» e tomou o seu lugar ao microfone.

Carlos do Carmo afirmou que a composição de Mário Branco foi muito bem conseguida e que estava ali para lhe manifestar o seu carinho.

José Mário Branco interpretou vários tipos de composições, desde o fado à canção política, passando pela marcha «Qual É A Tua ó Meu», em que descreve aspectos típicos de Lisboa.

Também a música negra norte-americana foi objecto de homenagem por parte do cantor ao interpretar «Maiden Voyage», de Herbie Hancock.

Este espectáculo serviu de lançamento do duplo álbum «Ser Solidário», que o autor afirma ter tido dificuldade em editar tendo mesmo declarado que «certas editoras estavam a boicotar» o seu trabalho.

José Mário Branco integra o grupo «Teatro do Mundo», que enfrenta dificuldades por há três anos não conseguir instalações onde actuar com regularidade.

Medalha de ouro internacional para bailarino português

Regressou ontem a Lisboa, o bailarino solista da Companhia Nacional de Bailado Pedro Romeiras que conquistou a Medalha de Ouro do «Prix Fraçais de la Sanse».

É a prineira vez que um bailarino português participa num concurso internacional deste género, perante um júri muito exigente, obtendo uma medalha. Trata-se de uma notícia importante para o bailado português que se inscreve na sequência do grande triunfo obtido pela Companhia Nacional de Bailado em Paris em Fevereiro deste ano.

Pedro Romeiras tem 20 anos, começou os seus estudos em Portugal e completou-os com uma bolsa durante um ano na escola do «Royal Ballet», em Londres. As peças apresentadas a concurso foram uma das variações do «Festival das Flores» e um trecho do bailado «Carmina Burana», respectivamente um clássico de Bournounville e um moderno de Carl Orf, com coreografias de Armando Jorge.

crítica de cinema — JORGE LEITÃO RAMOS

"Reds" de Warren Beatty

Trata-se, evidentemente, de um filme americano. Americano americano, no que isso quer dizer em toda a latitude da mais americana de todas as artes, o cinema. Estética e ideologicamente. Mas com uma ânsia que nem sempre é apanágio do cinema que se faz entre Hollywood e New York: a vontade de saber que, num tema como o de **Reds** (a vida de John Reed, o jornalista de «Os dez dias que abalaram o mundo», o único americano sepultado nas muralhas do Kremlin – honra que não cabe a Trotsky, oferece motivos de ampla satisfação. Não por Warren Beatty, demasiado ele mesmo, demasiado vedeta em ascensão rápida; mas repare-se em Jack Nicholson (num turvo, cínico e apaixonado Eugene O'Neill), em Maureen Stapleton (numa Emma Goldman radical e, depois, desiludida), em Kosinski (num gélido e pragmático Zinoviev), em Gene Hackman (num truculento editor).

É evidente porém, que **Reds** não é só uma história de amor. Muito do que lá está é a História

Diane Keaton, o mais forte trunfo de «Reds»

por exemplo), é sinónimo de busca de uma memória.

A sinopse de **Reds,** constante no **pressbook,** começa com a afirmação de que «é a história de amor de John Reed e Loise Bryant». A sinopse fala verdade. De facto, antes de tudo, este filme é uma história de amor atravessada pelas contingências do seu tempo. Começa com o encontro entre os dois protagonistas, termina com a morte de Reed. Não fala do «Mexico insurgente» nem do «Mirrors on Moscow», quer dizer, não fala de Reed antes de 1915, nem de Louise Bryant depois de 1920. Fala da sua relação nesses cinco anos velozes e febris.

Deve dizer-se que a história de amor é assaz curiosa. Não tanto pela sua intensidade (Beatty realizador/actor não tem unhas para uma radical economia de meios, para um tom cerce e eficaz – pelo contrário, o filme dura demais, «contava-se em menos tempo); **Reds** é uma razoável história de amor porque é capaz de pontilhar um percurso historicamente excepcional, com a ternura e as contradições próprias de **gente** e não de **mitos.** É certo que há algo de muito **classe média** em tudo aquilo, mas a comunicabilidade dos sentimentos que o filme consegue é total. Claro que a maior contribuição para isso vem dessa actriz genial chamada Diane Keaton, cujo trabalho em **Reds é tão forte que bem se pode dizer que ela constitui o grande trunfo do filme.**

E já que falamos de actores, vale a pena referir que Reds desses dias: o sindicalismo revolucionário americano em construção, a Revolução de Outubro, a fundação do Partido Comunista Americano, a actividade política de Reed, enfim.

A melhor sequência do filme é a espantosa montagem dos dias da Revolução Bolchevique sob o som da Internacional, contagiante hino às massas em marcha pela libertação. Mas antes e depois, a visão que Beatty dá de Reed é a de um utopista corajoso que morre desiludido pelo quotidiano do poder, nos anos seguintes aos da Revolução.

Não quero (porque não possuo informação históricas para tanto) discutir qual o grau de fidedignidade histórica de **Reds.** Julgo, porém, que as questões políticas que o filme levanta, na parte referente ao **amanhã** da Revolução, são suficientemente importantes para merecerem alguma reflexão. Problemas como os do pragmatismo revolucionário **versus** a transparência de processos, questões como a da verdade a que temos direito (em qualquer zona, país, lugar ou situação), dúvidas sobre o poder dos sovietes **versus** o poder do Partido e, até, para os militantes comunistas, a demarcação entre as prerrogativas individuais e o interesse das massas, tudo isto são **itens** que **Reds** aflora com alguma perspicácia e alguma dor.

É, porventura, aqui que este filme deixa de ser 100 % americano americano e se põe, de repente, a ter um enorme manancial de produtivas perplexidades que ele mesmo não resolve. Perplexidades, aliás, sequentes dessa vontade de memória que o abre, fecha e fracciona.

O filme começa e extingue-se sobre genéricos em fundo negro de onde vêm vozes de testemunhas da vida de Reed e de Louise Bryant. Pelo meio, inúmeras vezes essas testemunhas vêm recordar, interrogar, afirmar. Não é ficção, são os rostos dos sobreviventes de um tempo.

Beatty como que procura investigar quem foram essas pessoas para depois inscrever nessa memória-real a sua memória-ficção. Não como canção mas como raiz. Para não se perder do que está lá atrás.

A palavra «perder» tem aqui razão de ser pela simples razão que os testemunhos não coincidem, quer dizer, não organizem uma **verdade** que o filme viesse mansamente ilustrar. Ao invés, contraditam-se. Daí que o que Beatty, inteligentemente, recolhe sejam provas de que não há senão **factos**, que quaisquer narrativas são peso de um olhar. Questão fulcral de qualquer forma de comunicação, portanto do cinema (e é curioso que outro filme recente, **A calúnia** de Pollack, aborde idênticos problemas). Afirmar, assim, que Beatty não se quer perder é dizer, a um tempo, que **Reeds** se inscreve numa memória histórica e numa vigorosa tradição americana: a assumpção de um ponto de vista. Tradição evidentemente, individualista que arrosta, se expõe a veredictos.

Não será pela minha mão que esses veredictos serão esboçados. Apenas uma constatação: quaisquer que sejam as limitações deste filme, ele tem dúvidas, não é uma coisa lisa e convincente. Quer dizer, está vivo.

FICHA:

Título original: Reds.
Realização: Warren Beatty (USA–1981)
Argumento: Warren Beatty e Trevor Griffiths.
Fotografia: Vittorio Storaro.
Cenários: Richard Sylbert **(prodution designer),** Simon Holland **(art director),** Michael Seirton **(set decorator).**
Música; Stephen Sondheim **(música adicional :** Dave Grusin).
Montagem: Dede Allen e Craig Mckay.
Interpretação: Warren Beatty **(John Reed),** Diane Keaton **(Louise Bryant)**, Edward Herrmann **(Max Eastman)**, Jerzy Kosinski **(Zinoviev),** Jack Nicholson (Eugene O'Neill), Paul Sorvino (**Louis Fraina**), Maureen Stapleton (**Emma Goldman**), etc.
Testemunhas: Roger Baldwin, Henry Miller, Adela Rogers St. Johns, Dora Russell, Scott Nearing, Tess Davis, etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo/CIC.
Cinema: S. Jorge 1.
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

"Oscar" do melhor filme estrangeiro em 1981

"Moscovo não acredita em lágrimas" estreia hoje em Lisboa

«Moscovo não acredita em lágrimas», filme soviético de Vladimir Menshov, galardoado com o «Óscar» de Hollywood para o melhor filme estrangeiro em 1981, estreia hoje em Lisboa, no Cine 222.

Barthelemy Amengual, crítico do «Positif», escreveu acerca do filme: «Vladimir Menshov realizou uma obra apaixonante. Optimista e desencantado, crítico e integrador, vemos os ecos da comédia americana clássica (o mundo belo, a grande vida, o milionário e a dactilógrafa) explorados, subvertidos e rendidos à multifacetada realidade soviética, apanhada dentro da sua evolução...». E o próprio realizador afirma a propósito da obra: «O filme poderia ser qualificado como um drama psicológico. Relata diversos trilhos da vida, complicados, frequentemente contraditórios. Falamos da felicidade, da esperança... Não se conta apenas o destino dos heróis, fala-se ao mesmo tempo de Moscovo de hoje e de há vinte anos».

Meditação sobre a felicidade da mulher e, antes de mais nada, sobre as mutações e revisões dos valores humanos constantes e eternos, a popularidade deste filme, na URSS e no estrangeiro, tem muito a ver com a verdade que ele emana, familiar ao espectador como a própria vida.

«Moscovo não acredita em lágrmias» tem argumento de Valentina Tchernick, fotografia de Igor Slabnievitch e interpretações de Vera Alenteva, Alexei Balalov, Irina Mouravieva, Alexandre Fantouchine e Iuri Vassiliev.

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Na terra de Balboa em sábado de glória que não houve

Praça de Touros de Jerez de los Caballeros. Sábado, 10 de Abril de 1982. Touros de Gregorio Ortega para Raul Sanchez, Lazaro Carmona e Gallito de Zafra.

Jerez de los Caballeros, «pueblo» da Baixa Estremadura, cercado de montes e oliveiras, entrou na História quando no ano 1475 ali nasceu aquele que havia de ser um arquétipo do espanhol aventureiro: Vasco Nuñez de Balboa. Primeiro homem europeu a chegar ao outro lado das terras americanas, a ver esse oceano apenas imaginado, o imenso «charco» que os toureiros de seu país não iriam ter precisão de atravessar, na conquista das praças do descoberto continente, com um só gesto quer Balboa fazer espanhol esse mar que alcançara por caminhos de mil aventuras e artimanhas: de Espanha partira na expedição de Rodrigo de Bastia, e gastos seus proveitos, em dívidas grandes se metera, delas escapara no abrigo de uma pipa vazia, embarcada na caravela doutro aventureiro, dali saído para novas façanhas, que o levam às alturas do Panamá, ao momento em que vê o outro mar, corre com sua gente a tocar as águas desejadas. E fazendo-se arauto de seus Reis, em nome deles proclama, numa mão a espada, na outra o pendão de Castela, ser pertença de Espanha aquela imensidão de que sua vista não alcança o fim, seis anos irão passar antes que de lá venha Magalhães, o grande capitão, e do gesto apenas largo faça caminho de glória e sofrimento.

Ora em Jerez de los Caballeros há um bom par de anos que não se saía das novilhadas, a última corrida de touros acontecera por alturas do centenário da praça, bonita, com ar de importante. Acontecimento pois, apesar dos «precios muy popularíssimos», de que rezava o cartaz, se cifrarem nas 800 pesetas ao sol, afinal populares se consideramos que se encheu essa banda da praça, sem forasteiros que se vissem acudiu a gente da terra para ver seu toureiro, neste Sábado de Glória, que de glória não foi. E glória não houve, desmentindo os cartazes não foi «enorme» a corrida, nem «soberbios» os touros de Don Gregorio Ortega, dos campos castelhanos de Añover del Tajo vieram desiguais na presença e no estilo, belo o exemplar corrido em segundo lugar, um castanho fulvo de imponente lâmina, era o quarto defeituoso de cornamenta, as hastes levantadas e agudas do sexto disfarçavam mal a falta de tipo. É certo que todos eles se podiam tourear – mas, para do seu pouco estilo se espremer alguma glória, não estavam os matadores do cartaz, de parco estilo também servidos. Isto dito sem intenção de ofensa, que respeito merecem estes homens, que não são toureiros de perlimpimpim.

Raul Sanchez: bastava olhar, no patio das quadrilhas, a expressão do toledano, mais cansada que assustada, para ler nela as marcas da penosa carreira, quarenta festejos económicos fizera o aprendiz de mecânico quando pela primeira vez se vestiu para tourear com cavalos, em terras de Ávila, Arenas de San Pedro; e oito anos andou como novilheiro a abrir caminho, até a Luanda foi parar, corria o ano de 1967, por fim se fez matador de poucas tardes e pesetas, o valor seco resistindo à porca miséria; e uma miséria há-de ter recebido nesta tarde, em que sereno e asseado toureou o que rompeu praça, e no quarto se foi descompondo, colhido duas vezes, acabou à deriva com a espada, entrando de longe, desde esses terrenos onde os touros se caçam, não se matam, em curto e por direito, como deve ser, como tem de ser quando se é matador como Raul Sanchez, sem floreados nem sequer de plástico.

Lazaro Carmona: de Linares como José Fuentes, e também de espigada e elegante figura. Mas no toureio a elegância da figura precisa desse qualquer coisa que lhe dá ritmo, sentido da distância, do movimento. Lazaro toureou sossegado à verónica, embora largando demasiada tela; porfiou diligente mas frio quando o segundo da tarde se pôs na defensiva; e no quinto repetiu a dose, conduziu a faena sem precisar de sentenças da quadrilha (em que saiu Paco Rodriguez, o peão de confiança de Vítor Mendes, a quem terminado o festejo correria a juntar-se, que no dia seguinte tornava o português em Barcelona, onde mais uma vez, salvo erro a quarta, se faria triunfador); mas Lazaro só num passe pela direita, longo e templado, pôs altura no trasteio, matou atravessando a espada, que por baixo assomou, teve o fácil público que protestar a orelha que lhe deu o ainda mais fácil presidente – com tais troféus não irá Lazaro Carmona rasgar no touro os horizontes, o mais certo é vestir-se de prata, ou voltar ao seu nome de baptismo, Diego Sanchez Muñoz, se o próprio achou que para toureiro famoso não servia, logo no nome levava afinal o presságio.

Gallito de Zafra. Talvez também ele tenha achado ser pouco toureiro o nome de Francisco Regajo, que lhe deram na pia baptismal de Jerez de los Caballeros, da terra donde partiu à aventura vestida de ouro, da terra onde nesta tarde regressou, feito matador de touros, ao calor da sua gente, à dita que Balboa não teve, como traidor o supliciaram os falsos amigos, decapitado acabou nessa América que Gallito de Zafra não irá decerto conquistar – sendo contudo toureiro digno de seu patrício famoso, «gallito» não criado em aviário, matador curtido na dura peleja dos «pueblos», onde não se pagam os triunfos, menos ainda o sangue das cornadas. Gallito de Zafra é um modesto aventureiro das arenas, homem com a expressão simples de camponês que cedo se fez maduro de experimentados sofrimentos, toureiro de entrega, onde o «pueblerino» se mistura com o verdadeiro, tanto joga os braços na clássica profundidade de umas verónicas, como bandarilha veloz à meia volta, entre tábuas, quase fazendo a pé o que o Francisco Mascarenhas a cavalo; capaz do passe natural com sabor e temple de maestro, como desse repouso passar às manoletinas em que a trepidação torna fácil o efeito.

Assim sucedeu, nesta tarde do regresso de Gallito de Zafra à arena de seu «pueblo», foi ele quem mereceu os aplausos mais quentes, toureiro modesto que de Balboa não herdou a veia grandiosa, do gesto de querer que o mar seja seu, só por apontá-lo; como se não fosse preciso chegar Magalhães, conta Pigafelta como só de ver esse mar o grande capitão «lacrimó per allegrezza», e secas as lágrimas de alegria ao mar se fez, caminho das lanças inimigas que algures o esperavam, afiadas como hastes de touro, que o valor desconhece, e glória não sonha nem cobiça.

FILME DE QUALIDADE
BRASIL
BETTY FARIA
(LÍGIA de "AGUA VIVA")

música de
CHICO BUARQUE
UM FILME SOBRE UM PAÍS QUE COMEÇA A ACABAR, PARA DAR LUGAR A UM OUTRO QUE ACABA DE COMEÇAR
JOSÉ WILKER (dr. Mundinho de "GABRIELA")

FÁBIO JUNIOR (dr. Marcus de "AGUA VIVA")
um filme de CARLOS DIEGUES
DOPERFILME
7.ª SEMANA
quarteto
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

JARDINEIRO PRECISA-SE
EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA EM PORTUGAL.

Jack Lemmon
UM DOS MAIORES ACTORES DA HISTÓRIA DO CINEMA, NA SUA MAIOR CRIAÇÃO: SCOTTIE TEMPLETON, O HOMEM QUE SABIA FAZER AS PESSOAS FELIZES
UM EXTRAORDINARIO FILME
CLASSIFICADO OFICIALMENTE COMO «FILME DE QUALIDADE»
A HOMENAGEM
(TRIBUTE)

O exito que começou na Broadway e conquistou Hollywood. Um grande filme!
LEE REMICK • ROBBY BENSON
COLLEEN DEWHURST JOHN MARLEY KIM CATTRALL GALE GARNETT
Realização de BOB CLARK
NÃO ACONS. MENORES DE 13 ANOS
HOJE ESTREIA
IMPÉRIO
Mundial Filmes

7ª semana
EXITO ESPECTACULAR de
BUD SPENCER
no seu melhor filme de sempre

O TERROR DO FAR WEST
(BUDDY GOES WEST)
JOE BUGNER · AMIDOU
Realização de Michele Lupo
AGORA SÓ NO
NÃO ACONS. A MENORES DE 13 ANOS
POLITEAMA
MUNDIAL FILMES

canal da crítica

Mário Castrim

"O melhor da festa..."

Prossegue, em grande estadão, a operação UNITA a cargo do CDS, a provar as boas companhias com que este partido anda metido. Tivemo-la de manhã ao telejornal e à meia-noite, segundo o velhíssimo «slogan» radiofónico: «Ao almoço, ao jantar e à ceia, coma carne de baleia...»

Dois temas mais no Telernal: as Malvinas (palavra esta que o locutor do «último jornal não conseguiu pronunciar correctamente!) e o desporto.

Nas Malvinas, é assim: a União Soviética «é acusada» de auxiliar a Argentina; os Estados Unidos auxiliam a Inglaterra mas...não são acusados. E daqui se conclui a forma subtil como se pretende moldar a opinião pública...

Quanto ao desporto, e finalmente, o xadrez mereceu destaque. Falou-se da final entre João Cordovil e Fernando Silva. Muito bem. Oxalá que Telejornal proceda a reportagens mais desenvolvidas e mais vivas. Porque chega a ser caricato que, a propósito de xadrez, unicamente se entreviste...o representante da entidade patrocinadora. Oxalá possam chegar à conclusão de que também existem – os jogadores.

Ao serão voltei-me para «Quarta há Noite». Estava lá o Fernando Pessa. Oitenta anos cheios de alegria de viver. Certo que, às vezes, nem oito, nem oitenta. Mas cada qual tem seu estilo.

E lá lhe ouvimos a biografia. E algumas recordações do seu trabalho em Londres, durante a guerra. Incluindo a gravação de um «directo» radiofónico durante um bombardeamento alemão. Relato vibrante, género locutor brasileiro no «gramado».

As antiaéreas calaram-se. Isso deve querer dizer que os nossos caças devem estar a aparecer por aí. Eles aí vêm! Lá muito alto, ouvem-se agora as metralhadoras entre o roncar dos motores. Vou-me agora calar para ver se o microfone lhes dá este aspecto da luta...

O microfone dava o aspecto. O roncar ronceiro e bronco do rancoso rom om om om, o ranger e o rac-rac-rac das rajadas – e o silvo fino, ferino dos tiros repetitivos, vivos...Pessa volta logo à reportagem:

Fazendo maravilhosas acrobacias, eu vejo agora um caça dos nossos em perseguição do inimigo. As metralhadoras lançam constantemente línguas de fogo. Nunca vi jogar às escondidas com tanta violência. Oiçam-nos agora que se aproximam de nós...

A gente ouve. Raspam-nos os ouvidos as suas lixas número 10. Sente-se a vertigem dojogo, perdão, da luta. Os atletas perdão, os aviadores dão tudo por tudo. O repórter, imperturbável, prossegue:

Que pena aqueles estarem tão longe! Um avião inimigo surgiu de entre uma nuvem e deu cabo de um balão captivo que está a cair neste momento deixando atrás de si uma coluna de fumo negro que se eleva no ar.

Há uma leve pausa. A gente percebe que o ponto mais alto do espectáculo se aproxima. A voz de Fernando Pessa ganha colorido, animação, velocidade:

Atrás dele vai um dos nossos caças. É agora...Não! Que pena, meteram-se nas nuvens! Um caça inimigo picou sobre uma das baterias antiaéreas que está a responder ao ataque. Eh, pá, outro avião pró charco ali pró norte, mas um caça vai no encalce, do avião...É agora! É mesmo, o avião está a cair...Um dos nossos caças está a perseguir um bombardeiro que se afasta em direcção à costa francesa. Perdi-os de vista porque as nuvens teimam em não me deixar ver o melhor da festa.

A festa. O melhor da festa. E era a guerra...

Face aos novos processos de destruição, este relato do Pessa poderá bem ficar como peça de museu. Tem um sabor a relato de futebol, a reinação infantil, a brincadeira de amadores.

Ninguém hoje imagina um qualquer Pessa à janela da sua casa, a fazer o relato «desportivo» do lançamento de uma bomba nuclear. E esta situação dá-nos bem a medida de quanto todos temos de lutar para afastar o pesadelo.

Claro que a guerra de 1939-45 foi bem terrível. Que o digam os 20 milhões de mortos soviéticos, os milhões de mortos polacos, checoslovacos, judeus, etc. Doi, por isso, ouvir, como ouvimos ontem: «Mas esses foram bons tempos....» A Inglaterra, de facto, não foi quem mais sofreu. Nem aquela frase terá sido (claro que não foi) deliberadamente maldosa. Mas lá que não é educativa, isso não é.

E pronto. «Quarta há Noite» prossegue com um debate sobre a Rádio em Portugal. Complicado, confuso, apressado. Tema a merecer regresso. Mas não em contra-relógio. Ele, só tem, força e variedade para encher frutuosamente um serão.

HOMENAGEM PELO VALOR RECONHECIDO AO PROF. VONDEMBERG, CONFERIDA PELA FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HOMEOPATIA

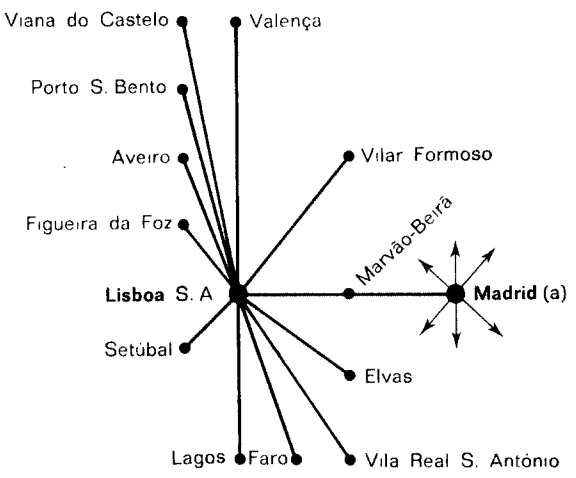
Tendo sido distinguido pela valiosa colaboração à maior realização CIENTÍFICA E SOCIAL DE DIVULGAÇÃO DA HOMEOPATIA EM PORTUGAL, sua EX.ª o Senhor General DR. AMARO GUILHERME DE BARROS AZEVEDO, MUI DIGNO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HOMEOPATIA e representante oficial do GOVERNO BRASILEIRO ao CONGRESSO INTERNACIONAL DE HOMEOPATIA; DECIDIU OUTORGAR AO PROF. VONDEMBERG O DIPLOMA DE MÉRITO E A MEDALHA OHAHNEMANN; a mais alta condecoração da F. B. H., de acordo com o art.º 7 do Decreto 36 305, de 7/10/954, do GOVERNO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

Caminhos de Ferro Portugueses

NOVO SERVIÇO

LISBOA/MADRID/LISBOA

encomenda EXPRESSO



Periodo de serviço

Serviço diário nas estações de Aveiro, Elvas, Faro, F. da Foz, Lagos, Lisboa (S.A.), Marvão-Beirã, Porto (S. Bento), Setúbal, Valença, V. do Castelo, V R St.º António e Vilar Formoso.

Encaminhamento

O seguimento das encomendas é feito pelo comboio Lusitânia-Expresso, com partida de Lisboa (S.A.)

Informações

Informe-se nas estações atrás mencionadas, ou pelos telefones:

864181 — Departamento Comercial — Serviço Comercial de Mercadorias — Lisboa (S.A.)
564141 — Serviço Comercial da Região Norte — Porto (Campanhã)
867785 — Serviço Comercial da Região Centro — Lisboa (S.A.)
2073028 — Serviço Comercial da Região Sul — Barreiro

(a) De Madrid para diversas estações espanholas (consultar relação das mesmas nas estações mencionadas no gráfico)

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A 1200 LISBOA Telef. 661515/669205

teatro do bairro alto

De 4.ª a Sábado às 21 h.
Domingos às 16.30h.
Segunda-feira (Descanso)

«É um admirável (literalmente) trabalho de composição.»
M. J. Brilhante — J.L.

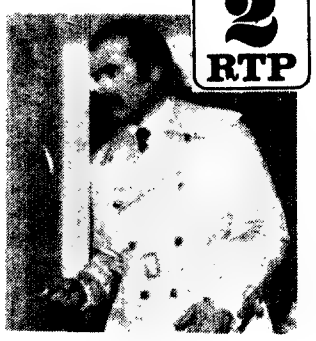
«É um grande espectáculo e perdê-lo seria crime imperdoável.»
C. Porto — D.L.

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

Na RTP-1 exibe-se esta noite o 6.º episódio de «Raízes»

18.18 **País, País**
18.40 **Tempo dos Mais Novos**
19.20 **A Páscoa**
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** – as notícias do País e do estrangeiro.
20.30 **Direito de Antena** – CDS (Centro Democrático Social).
20.50 **«Raízes»** – 6.º episódio.
21.50 **Grande Reportagem**
22.50 **Último Jornal** – um resumo noticioso.



Na RTP-2 inicia-se esta noite a nova série intitulada «Dick Haskins»

18.18 **País, País**
18.40 **Êxitos d'Ontem** – a terceira parte desta série sobre a vida de António Silva.
19.30 **«Sítio do Picapau Amarelo»** – «Quem Tem Boca Vai a Roma».
20.00 **Informação/2**
20.30 **Portuguesmente Falando**
21.00 **Complemento Directo**
22.00 **«Dick Haskins»**

Amanhã

1 RTP

11.55: Lucy Show; **12.25** «Ciranda de Pedra»; **13.00**: 1.º Jornal; das **13.20** às **17.20**: Ciclo Preparatório TV, **18.15**: País, País; **18.45**: Tempo dos Mais Novos; **19.15**. Aprender Saúde, **19.55**: O Tempo; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Concurso Eurovisão, **21.00**: «Piantão de Polícia» - 5.º episódio; **21,30** Concurso Toma La Da Ca: **22.50**: Último Jornal

2 RTP

18.15 País, País, **18.45**: O Povo e a Música, **19.10**: Jeito e Efeito, **19.35**: «Sítio do Picapau Amarelo», **20.00** Informação/2, **20.30** «Olho de Vidro», **21.00** 3.º Concurso de Musica ARD **21.55** Nota Sobre «A Cidade das Mulheres»

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

1 RTP «Raízes» (20.50)

«Dick Haskins» (22.00) 2 RTP

Além de um programa à escolha oferece-lhe

2 RTP

22.00 – DICK HASKINS

No tribunal privativo do Departamento Especial Europeu de Investigação Criminal – DEEIC, o advogado termina o seu discurso e Dick Haskins profere o discurso final sobre a defesa de um réu que o público não vê.
Quem ocupa o banco dos réus? Um homem? Uma mulher?

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO – Rua B. Jesus Caraça, 17 Cruz Quebrada – Tel. 2112871

roteiro cultural

Teatro

O Treato, grupo teatral recentemente formado, vai estrear hoje, no Teatro do Nosso Tempo (à Praça José Fontana), o espectáculo «É Proibido», que irá manter-se em cena todas as quintas, sextas e sábados, às 21.30. Montado a partir de textos de Stanislaw Tomkiewikz e Joe Finder, Boris Vian, Celestin Freinet, Alberto Pimenta, assim como alguns poemas escritos por crianças da Escola Freinet de Vence e por adolescentes do Foyer, de Vitry, recriados e adaptados colectiva ou individualmente a partir das experiências e das leituras feitas por membros do grupo, este trabalho visa fundamentalmente problematizar concepções, práticas pedagógicas e atitudes opressivas compresentes ao processo de inculturação.

«Doces do Diabo», espectáculo montado pelo Teatro Animação de Setúbal a partir de quatro peças em um acto, com textos de Jorge de Sena («Amparo de Mãe», «Ulisseia Adúltera» e «Império do Oriente») e de António Pedro («O Lorpa») é apresentado hoje, amanhã e no sábado, às 21.30, e no domingo, às 16 horas, no Teatro de Bolso (antigas Finanças) em Setúbal.

Música

Hoje, amanhã e no sábado, às 22.30 e às 00.30, Jaimito (guitarra portuguesa) e David Gausden (contrabaixo) tocam no Hot Clube, nos habituais concertos de fim-de-semana.

Entretanto, todas as segundas, terças e quartas, à mesma hora, o Hot mantém uma «Banda da Casa», que para as próximas 3 semanas será composta por Tó Marques (sax tenor), António Manuel (piano), David Gausden (contrabaixo) e José Salgueiro (bateria).

Outra notícia do Hot: termina no próximo dia 21 o prazo de inscrição para a Escola de Jazz, trimestre Abril-/Junho. A escola tem curso base de técnicas de improvisação no jazz apoiadas por aulas de harmonia, educação musical, trompete, saxofone, guitarra, piano, contrabaixo e percussão.

Colóquios

No âmbito dos «Encontros com Pessoas e Objectos» promovidos pelo AR.CO e dedicados a **Projectos de Arquitectura**, realiza-se, amanhã, nesta associação, às 18 horas e 30, uma sessão com o arquitecto Maurício de Vasconcellos. Nesta sessão – complementada com a projecção de diapositivos –, Maurício de Vasconcellos analisará e comentará alguns dos projectos arquitectónicos de que é autor ou co-autor.

Desenho de Gil Teixeira Lopes, em exposição na Galeria de S. Francisco

Cinema

«O Círculo Vermelho», de Jean-Pierre Melville, é esta noite apresentado no AR.CO, no Ciclo de Cinema Francês que ali tem estado a decorrer. Amanhã, será exibido «Remparts d'Argile», de Jean-Louis Bertucelli, com um argumento escrito em colaboração com o sociólogo Jean Duvignaud. Para sábado, o AR.CO programou «Trafic», de Jacques Tati. As sessões iniciam-se, como habitualmente, às 21. horas e 45.

Exposições

Gil Teixeira Lopes expõe pintura, desenho e escultura na Galeria de S. Francisco. A mostra está patente até ao fim do mês em curso, de 2.ª a 6.ª-feira das 10 às 13 e das 15 às 19 horas. Aos sábados das 10 às 13.

A exposição «A Nazaré na Obra de Alves Redol» está patente em Leiria até 21 de Abril, na Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo. Na mostra, organizada pelo Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso, da Nazaré, figura muito material documental e fotográfico relacionado com a presença de Alves Redol naquela vila, as suas relações com os pescadores, a sua pesquisa etnográfica e a sua actividade na preparação de alguns dos seus romances.

O pintor Estêvão Soares inaugura hoje, pelas 21 horas, uma nova exposição das suas obras no átrio do Teatro Adóque. Esta será a primeira de uma série de exposições que, à semelhança de anos anteriores, o Adóque promoverá no Martim Moniz, na qual estão programadas as presenças de algumas das figuras mais representativas das nossas artes plásticas.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5218-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra de uma linha aérea a 10 KV n.º 1771/R-2, com 368 metros, do poste n.º 6, da linha N.º 1771 (antiga linha n.º 1136/R-7), ao posto de transformação n.º 5218, sito no lugar de Codiceira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 31 DE MARÇO DE 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	55$85	60$85
ALEMANHA FED (marco)	29$50	30$60
AUSTRIA (xelim)	4$10	4$30
BELGICA (franco)	1$414	1$614
BRASIL (cruzeiro)	$206	$456
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	58$00	60$00
(notas de 5 a 1000)	58$50	60$50
DINAMARCA (coroa)	8$70	9$10
ESPANHA (peseta)	$634	$734
EUA (dolar notas de 1 e 2)	71$10	73$10
(notas de 5 a 1000)	71$60	73$60
FINLÂNDIA (marka)	15$40	16$00
FRANÇA (franco)	11$25	11$95
HOLANDA (florim)	26$60	27$60
IRLANDA (libra)	102$60	106$60
ITALIA (lira)	$049	$059
JAPAO (iene)	$263	$298
NORUEGA (coroa)	11$65	12$15
REINO UNIDO (libra)	126$30	130$30
SUECIA (coroa)	12$50	12$60
SUIÇA (franco)	36$35	37$45
VENEZUELA (bolivar)	14$60	15$60

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; **17.05**: Figuras e figurantes; **17.30**: Ontem, manchete de amanhã; **18.15**: A década prodigiosa; **19.00**: Música; **20.00**: Ler, ouvir e falar – silábico; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Livre e directo; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, 21.00 e **22.00** horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; **16.15**: Quartetos; **17.00**: Os olhos férteis; **17.30**: Sonata em dó menor, D. 958, de Schubert; **18.05**: Encontro com Guilherme de Melo; **19.00**: Para além da leitura; **19.45**: Adágio em sol maior, de Bach; **20.10**: Sinfonia n.º 6, em fá maior, op. 68, «Pastoral», de Beethoven; **21.00**: 8.ª Sinfonia, de Mahler; **00.00**: Música portuguesa; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 294 e 397m)

14.03: Matinée; **15.45**: Teatro trágico; **17.03**: Ora hora; **20.03**: Tempo de espectáculos; **20.30**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **21.03**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.30**: Quando o telefone toca (3.ª edição); **22.03**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.06**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Vapor; **16.03**: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Em órbita; **20.03**: Espaço 3 P; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia; **18.20**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.03**: Programa da LAR; **19.30**: Nota de abertura; **20.00**: Dó no vinte; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Pentagrama; **22.00**: Diálogo a vida; **22.30**: Máquinas ao vivo; **23.05**: Tempo económico; **23.30**: Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares. **16.00**, **17.00**, **21.00** e **22.00**

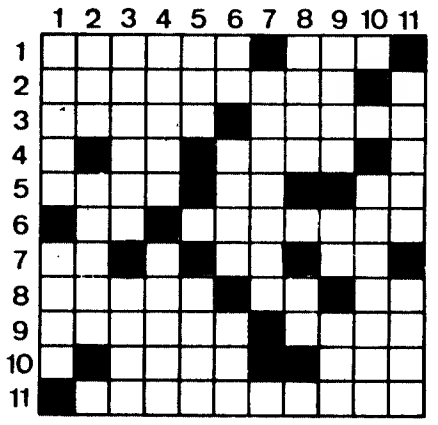
Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: **21.00**: Os homens e os livros; **21.30**: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 002



HORIZONTAIS:

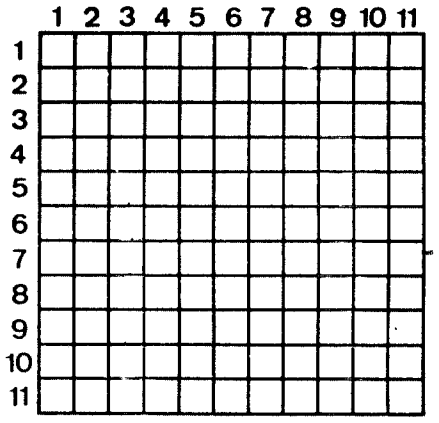
1 Refeição. Preposição.
2 Prevenissem.
3 Racho. Cai à cama.
4 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Ferro temperado (pl.).
5 Ovários dos peixes. Laço Autores.
6 O mais. Vidrento.
7 Prasiodímio (s.q.). Catedral. Isolado.
8 Arrostar. Sua Majestade. Letra grega.
9 Moringue. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
10 Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. Cidade da Jugoslávia.
11 Irritarias.

VERTICAIS:

1 Quente. Estômago.
2 Ovário dos peixes. Limpo com vassoura.
3 Livro que contém as orações próprias das missas e festas dos diferentes dias do ano e de que os sacerdotes se servem no altar. Acreditas.
4 Tiras de fígado temperadas e fritas. Cidade de França.
5 Rio de Portugal. Invulgar.
6 Carta de jogar. Erva doce. Punhado (inv.).
7 Abanas.
8 Enxuto. Pronome pessoal.
9 Aves pernaltas. Carta de jogar. Desaba.
10 Querida.
11 Ilha do mar Jónio. Rezas.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9262



HORIZONTAIS:

1 Carta de jogar. Nome de mulher. Antigo Testamento.
2 Gíria. Tremor de terra.
3 Arara. Chefe etíope Medida de líquidos da Alemanha.
4 Crosta que se forma sobre os dentes que não são limpos Figura formada por dois arcos que se cortam superiormente
5 Rezai. Guarnecer de asas
6 Rostos Nota musical
7 Macacos americanos.
8 Da Russia. Pernadas de sobreiro.
9 Apelido. Atirar.
10 Nome de mulher Vila e concelho do distrito de Aveiro.
11 Sufixo que designa abundância Urde

VERTICAIS:

1 Casualidade. Engulo.
2 Curara. Larvas das feridas dos animais.
3 Apelido. Agarrara.
4 Cânhamo de Manila. Valiosos
5 Gorgulho tropical. Atascas.
6 Freguesia do concelho de Guimarães
7 Pronome demonstrativo Artigo definido.
8 Nesse lugar. Fluído aeriforme. Serra de Portugal.
9 Vais para fora Destemida
10 Estimavas. Estavam.
11 Conquistarias Batráquio

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 001

HORIZONTAIS:

1 ESTE. MUNDO
2 Charão.
3 Ufa. Orânios.
4 Maçãs. Nadas.
5 Or. Pio. Oco.
6 Ir. Ás.
7 Dotais. Cá.
8 Cairão. Soas.
9 Tal. Cl. Rs.
10 Ciar. Dom. Te.
11 Arrases. Lás.

VERTICAIS:

1 UM. Sacoca.
2 Safão. Ir.
3 Acreditar.
4 EC. Orara.
5 HOSPITAL.
6 Mar. Irão. DE.
7 Urano. Cós.
8 Nara. Assim.
9 DOIDOS.
10 Cão. Carta.
11 Assomasses.

Provérbio: ESTE MUNDO É UM HOSPITAL DE DOIDOS.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9261

HORIZONTAIS:

1 Marrã. Cassa.
2 Ásia. Ramais.
3 Rs. Cola. Os.
4 Copo. Má.
5 Aar. Serena.
6 Opino. Asa.
7 MCV. Ar. Os.
8 Arames. Oc.
9 Tadeu. Viela.
10 Avós. Magras.
11 Ro. Adela. Má.

VERTICAIS:

1 Marca. Matar.
2 Assoa. Cravo.
3 Ri. Provado.
4 Rã. Mesa.
5 Si. Eu.
6 Romenas. Me.
7 Cal. Ror. Val.
8 Amame. Miga.
9 Sa. Anão. Er.
10 Sio. Assolam.
11 Assa. Casa.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
CAÇADA SELVAGEM

SALA B

Às 14.45, 17, 19 e 21.30
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
HERBIE UM CAROCHA DOS DIABOS
3.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 21.30 e 23.30
TIMES SQUARE
Às 13.30, 16.30, 17.3p e 19.30
FANTASMA DE AMOR

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
DELÍCIAS NO LICEU

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

FORT APACHE, THE BRONX
Não ac. m. 18 anos
3.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30 19 e 21.30
A BELA ADORMECIDA
– Para Todos
Falado em Português
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men 13 anos
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO
7.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19
OS BURACOS ESTÃO NA MODA
(Não acons. men 18 anos)
Às 21.30
MOSCOVO NÃO ACREDITA EM LÁGRIMAS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
AMANDA, PERIGO DE SANGUE
Às 24.00 h.
OS BANQUEIROS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
Às 24
FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
SANGUE FRIO EM ÁGUA QUENTE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
ENCONTRO CON OS EXTRATERRESTRES
3.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

–N. ac. men. 13 a.
14, 16.30, 19 e 21.30
HÉRCULES CONTRA OS MONGÓIS

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 21.30 – Int. men. 18 a.
CONCERTO POP
Às 15.30 e 18.30 – Últimas
FESTIVAL TOM E JERRY

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O ÚLTIMO AMANTE ROMÂNTICO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
HOMENAGEM
c/ Lee Remick e Jack Lemmon

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A ESCOLHA DAS ARMAS
c/ Yves Montand, Gerard Depardieu e Catherine Deneuve

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Às 21.30 – Int. men. 13 a.
Uma fascinante obra de Robert Altman
3 MULHERES

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
CARTAS DE AMOR
N. ac. m. 13 anos

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 18.15 21.30
– Int. men. 13 a.
UM AMOR INFINITO
4.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14 16.15. 18.30 e 21.30

ARTHUR, O ALEGRE CONQUISTADOR

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ORA AGORA MANDAS TU

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A TÚNICA

BYE BYE BRASIL com BETTY FARIA, JOSÉ WILKER e FABIO JR. em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.

BYE BYE BRASIL

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
O ANJO DO ROCK

SALA 3

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 13 a.
A CALÚNIA

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 21.30
UNIVERSO EM FANTASIA
Às 15, 17 e 19
FÉRIAS À FORÇA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Estreia às 21.30
A GUERRA DOS GANGSTERS
Às 14, 16.30 e 18.30
O TERROR DO FAR-WEST

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15
– N. ac. men. 13 a.
Vencedor de 3 «Óscares»
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
3.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
17.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
DE QUEM É A VIDA, AFINAL
Int. m. 13 anos
4.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

N. ac. men. 13 anos
Às 15, 17, 19 e 21.30
PARAÍSO AZUL
4.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
N. ac. men. 13 anos

DE QUEM É A VIDA, AFINAL?
21.ª Semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
22.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30

ARTUR, O ALEGRE CONQUISTADOR
c/ Dudley Moore e Liza Minnelli

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
A BELA ADORMECIDA
Falado em português
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A CORAGEM DE UM HOMEM
4.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a. 3.ª semana
Uma aventura maravilhosa
PARAÍSO AZUL
c/ Willie Aames e Phorbe Gates
4.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Fort Apache, the Bronx», às 21.30 (18 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «A Bela Adormecida», às 21.30 (6 anos)
RESTELO – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE – «A Coragem de um Homem», às 21.30 (18 anos)
POLITEAMA – «O Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Herbie um Carocha dos Diabos», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «A Víbora do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «O Macho Apetecido», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
2000 – «Gendarme em Férias», às 21.30 (Todos)
PROMOTORA – «Selva de Asfalto», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Guerreiros de Aço», às 21.30 (13 anos)
PÁTRIA – «As Grades do Inferno», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «Retalhos da Vida de um Médico», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «Duelo Entre Django e Sartana», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Feios, Porcos e Maus», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «Fora de Tempo», às 21.30 (18 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «As Herdeiras», às 21.30 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «O Ladrão Profissional», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Ben e Charlie», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Os Olhos da Testemunha», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Os Buracos Estão na Moda», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «As Brancas Montenhas da Morte», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Dois Honrados Vigaristas», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «A Vingança da Pantera Cor-de-Rosa», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «O Ajuste de Contas», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Gelado de Limão III», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «América Divertida», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Música no Coração», às 21.30 (6 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Os Dias Impuros de um Marinheiro», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «As Heroínas do Mal», às 21.30 (18 anos)

Porto

RAIONE – «Robert, Robert», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Keona», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «Um Amor que Não Morreu», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A – «Manhã Submersa», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Arthur, o Alegre Conquistador», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «A Grande Desforra», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «O Profissional», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Herbie um Carocha dos Diabos», às 21.30 (6 anos)
FOCO – «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «A Amante do Tenente Francês», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Os Cavaleiros da Lenda», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Uma Louca História de Amor», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «A Coragem de um Homem», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.45 (13 anos)
SÃO JOÃO – «A Bela Adormecida», às 21.30 (6 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

EUSIL, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ROMA**, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **LABOR**, R. Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); **LARANJEIRAS**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 761035); **LISBOA**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **LUPI NOGUEIRA**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **IMPARCIAL**, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **UNIVERSAL**, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 44158); **RIBEIRO & CASTRO**, R. Braancamp, 52-A (T. 43409); **TAVARES**, R. da Palma, 194 (T. 863350); **HIGIENE**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **COMBATENTES**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953); **CENTRAL DE ODIVELAS**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203); **LEITÃO RIBEIRO**, R. A do Falcão, 3-A.

REFORÇO

CHINDE, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CASTRO FONSECA**, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **GALENO**, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **LEAL DE MATOS**, R. Neves Costa, 33-35 (T. 780181); **REMÍSIO**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **PATULEIA**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **NAZÁRIO PINTO**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **BRANQUINHO**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÁ DA BANDEIRA**, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SANTA LUZIA**, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **GALÉNICA**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **TAVARES DE MATOS**, R.8, lote 308 (T. 993220); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737); **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho de Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, Av. Regimento 19, 41 (T. 28240141). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 937740). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841). Até às 22 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Reto**, R. dos Morés, 1 (T. 2912038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275) das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 2930391). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

CAMARATE: Nova da Charneca (T. 2518726). Até às 19 horas.

Outra banda

ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 270271). Permanente; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **COSTA DA CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado. Até às 19 horas; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B. Até às 22 horas; **SETÚBAL: Bocageana**, R. do Romeu, 2; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27.

SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **AMORA: Fonseca**, R. Ribatejo, 124, Cruz de Pau (T. 2211131); **SEIXAL: Alves Velho**, Torre da Marinha; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Guamão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 10 (T. 234137).

LOURES: Sálvia, Av. da República, 29. Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Santa Bárbara**, R. Francisco M. Beato, 75 (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

VILARINHA, R. da Vilarinha, 161; **LAPA**, R. Antero de Quental, 211; **BONFIM**, R. do Bonfim, 73; **GOMES CARNEIRO**, R. de Cedofeita, 348, **FERREIRA DE CARVALHO** R. do Bonjardim, 354.

DE DIA E TODA A NOITE

LUSO-FRANCESA, R. Sá da Bandeira, 140; **SÃO JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622; **SAÚDE**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 689; **CAMEIRA**, R. do Heroísmo, 90; **ALVES**, P. do Exército Libertador, 62.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

PAIVA, P. do Comércio (T. 23231).

teatros

Lisboa

ADÓQUE – «Tá Entregue à Bicharada», às 21.30 (18 anos)
VILLARET – «Blue Jeans», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Ó Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada p'ra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL – «Virgem Até Certo Ponto», às 21.30 (13 anos)
A BARRACA – «Fernão Mentes?», às 21.30 (13 anos)
COMUNA – «A Viagem», às 21.45 (13 anos)
BAIRRO ALTO – «O Labinnto de Creta», às 21.00 (13 anos)
ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

PORTE PAGO

DL

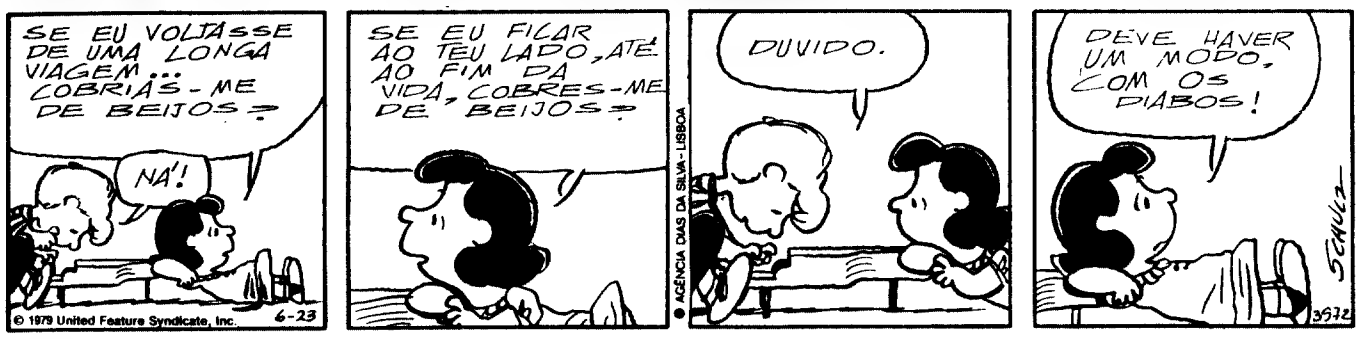
PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
Telefones: 554531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

7.11	3,1 m	19.42	3,1 m
19.42	3,1 m	12.54	1,8 m
Dia 16			
8.26	2,9 m	1.35	1,8 m
21.00	3,0 m	14.03	2,0 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	5°
VILA REAL	7°
PORTO	11°
P. DOURADAS	2°
COIMBRA	10°
C. CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	8°
LISBOA	12°
ÉVORA	11°
BEJA	12°
SAGRES	16°
FARO	18°
P. DELGADA	13°
FUNCHAL	17°

últimas

OTELO Saraiva de Carvalho e outros oficiais afastados do serviço militar activo depois do 25 de Novembro de 1975, terão sido reintegrados. Este é o teor da notícia que circula insistentemente nos círculos militares.

Contactados o Estado-Maior do Exército e o Conselho da Revolução, o «DL» não conseguiu apurar se a notícia tem ou não fundamento. Tanto num lado como noutro a resposta foi a mesma: «não confirmamos, nem desmentimos. Não dispomos de elementos para tal».

Entretanto, num contacto estabelecido com o major Otelo Saraiva de Carvalho, soubemos que a notícia tinha chegado igualmente aos ouvidos daquele oficial. «Só que, disse-nos o ex-comandante do Copcon, nada de oficial ainda me chegou às mãos...»

MORTO E ROUBADO um indivíduo que vivia pobremente num local ermo, conhecido por Baliza Velha, nas proximidades de Alcochete. O corpo foi encontrado ao fim da tarde de ontem com a cara dentro de um riacho e apresentava três golpes na cabeça, aparentemente desferidos com uma enxada. A modesta casa que habitava já há muito tempo apresentava-se toda revolvida ignorando-se se os autores dm homicídio teriam encontrado alguns valores. Ignora-se a identidade da vítima embora ali resida há bastante tempo. Tem entre 50 e 60 anos e devia ter sido morto durante a manhã.

POLICIA BALEADO com uma rajada de «G-3» esta madrugada na Avenida Almirante Reis, em Lisboa. Eram quatro horas quando o guarda da PSP Domingos de Jesus Miguel, de 27 anos, natural de Miranda do Douro, juntamente com o guarda-nocturno da área ouviu o alarme do estabelecimento de electrodomésticos situado no número 30 daquela artéria. Acorreram e seriam recebidos a tiro, um dos quais atingiu aquele agente atravessando-lhe a caixa torácica. O assalto seria assim frustrado e o guarda encontra-se internado no hospital de S. José-livre de perigo mas em estado melindroso.

DESAPARECEU HÁ 25 ANOS e ainda não apareceu um, então, jovem, de 22 anos, António Caetano Jesus da Silva, filho de Liberdade de Jesus Bexiga, residente em Portimão, onde esperançada aguarda ainda o regresso do seu filho que terá agora 47 anos. A Judiciária da subinspecção recentemente criada naquela cidade aceitou a renovação da queixa e iniciou já as investigações contando, naturalmente, com a colaboração do público.

PASSAPORTES
Aviso Importante
Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser-nos enviados para obtenção de novos
agencia abreu
LISBOA Av Liberdade, 160 - Tel. 371341

Importador também posto em causa na sentença da "fraude do café"

significativas, e dirigindo-se ao réu, o presidente do tribunal disse que, «infelizmente, poucas vezes passam pelos tribunais crimes da gravidade daquele que o senhor efectivamente cometeu».

«Infelizmente, explicou, porque há muitos crimes graves que por aqui não passam e o sr. também moveu as suas influências para que o seu por aqui não passasse». Referindo-se ao crime por que acabava de condenar Costa Santos, Carmona da Mota declarou que ele é grave em si e naquilo que pretendia atingir, ou seja, a fuga ao pagamento de importantes quantias, ainda por cima destinadas ao Fundo de Abastecimento, para que os preços dos bens de consumo essenciais possam ser subsidiados pelo Estado.

Multas podem ir muito além de 10 milhões de contos

Mas, novamente aqui, o juiz Carmona da Mota insistiu em que esse crime não é só de Costa Santos mas também das pessoas que com ele terão colaborado no descaminho de direitos cujo processo se encontra em instrução. Neste aspecto, frisou que o réu se arrisca aí (juntamente com aqueles que com ele tenham colaborado) ao pagamento de multas que podem ir até vinte vezes, o montante das taxas não pagas, ou seja até dez milhões de contos (sem ter em conta o pagamento de cerca de 350 mil contos de imposto de transacções que também não foram pagos e as elevadas multas que essa outra fraude também implica).

Para o tribunal não restam dúvidas de que o descaminho de documentos pelo qual o réu ontem foi condenado constitui de facto um crime que serviu apenas de instrumento para a prossecução do crime de descaminho de direitos. E neste aspecto o juiz não afastou a hipótese de que Costa Santos tenha também beneficiado de importantes cumplicidades no interior dos próprios serviços alfandegários.

Da sua alocução infere-se todavia que também não será aí que se encontram os principais responsáveis pelos crimes cometidos.

Por detrás de Costa Santos, e «com certeza de gente da Alfândega», haverá outras pessoas que, segundo afirmou por diversas vezes, deveriam estar a seu lado no banco dos réus.

Calar-se por medo?

E aí surgiu novamente a interpelação ao réu: «porque é que o sr. não fala? Porque é que o sr. que sabe quem são eles, não fala?» A verdade, disse, é que «por um motivo ou por outro...por medo, talvez, o senhor não colaborou na instrução do processo. Em dado momento, acrescentou o dr. Carmona da Mota, o sr. encheu-se de coragem, e, num assomo da dignidade que ainda lhe resta, revelou coisas muito importantes para o processo (sobre as cumplicidades de que gozou sobre a parte do «bolo» que lhe teria cabido, e sobre quem por detrás dele estaria) e prometeu vir a revelar outras. Porém, nunca o chegou a fazer. Logo a seguir desdisse tudo o que tinha afirmado».

Esta conduta, cujos motivos ainda não ficaram esclarecidos neste julgamento, surge de algum modo como inexplicável para o tribunal. É que, como sublinhou o seu presidente, se o réu tivesse continuado a colaborar na instrução do processo teria seguramente uma pena muito inferior e as suas responsabilidades seriam partilhadas.

«Mas o sr., bem ou mal aconselhado, não quis colaborar. Oxalá que no processo em instrução na Judiciária o sr. colabore e traga para junto de si aqueles que consigo colaboraram», insistiu Carmona da Mota.

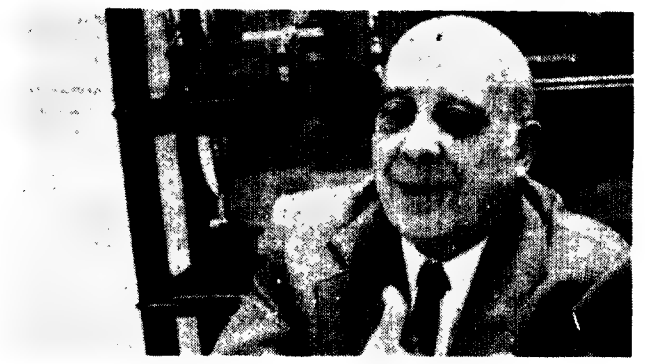
O senhor foi apenas uma «torre»

E a concluir, numa metáfora inequívoca, resumiu a situação: O sr. tal como no jogo de xadrez, não foi aqui um simples peão, mas talvez apenas uma torre. Protegeu o rei, depois tirou-lhe a sua cobertura, voltou a protegê-lo, deixando-o sempre a salvo, e deixando completamente a descoberto os peões que utilizou ao serviço do rei.

No final da sessão, (na qual não esteve presente nem a mulher nem a filha, de Costa Santos), anunciou que iria interpor recurso da sentença, considerando que ela era demasiado pesada. Pela razão contrária, o procurador da República dr. Maia Costa, anunciou idêntica intenção. O julgamento dos recursos não deverá ter lugar antes das férias judiciais do Verão, aguardando-se entretanto, o desenrolar paralelo dos processos por descaminho de direitos em instrução nos juízos de instrução criminal de Lisboa.

Amanhã no "DL"

O "assalto", em 1930 ao Ministério da Instrução



Uma página de memórias – das **Memórias** que teima em não escrever – do dr José Magalhães Godinho. Uma página evocativa das primeiras lutas estudantis quando a ditadura militar evoluia já para «Estado Novo». E na próxima sexta-feira, dia 23 de Abril, teremos, novamente, no «DL», José Magalhães Godinho a falar-nos de estudantes democratas e de lutas revolucionárias contra o regime fascista. Páginas desconhecidas da história da RESISTÊNCIA que tornou possível o «25 de Abril».

ESTADOS UNIDOS E MÉXICO
PARTIDA ESPECIAL 12 / JUN / 82
16 DIAS DE EXCURSÃO * ACOMPANHAMENTO abreu
Visitando:
NOVA IORQUE - WASHINGTON (Opcional) - BOSTON (Opcional) - ORLANDO - DISNEYWORLD - MIAMI - CIDADE DO MÉXICO - ACAPULCO (Opcional) - CUERNAVACA E TAXCO (Opcional)
Incluindo:
• Passagem aérea e 2 malas com restrição de peso e medidas.
• Estadia em Hotéis de 1ª CAT. e em regime de alojamento e pequeno almoço no México e de só alojamento nos Estados Unidos.
• Transporte privado dos Aeroportos aos Hotéis e vice-versa.
• Visitas turísticas de Nova Iorque, Disneyworld, Mundo do Circo, Miami e Cidade do Mexico.
• Todas as Taxas Hoteleiras de Turismo e Serviço.
• Seguro de Viagem no valor de 1.000 contos.
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840
PORTO - Av Aliados, 207 - Tel. 317921
LISBOA - Av Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av de Roma, 66-B - Tel 805096
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua do Gorguilho, 1 - Tel 31077/8

Lisboa tem história e designações tradicionais

A questão é política. Não recusemos que tem aspectos políticos e que, como abuso de poder no plano político, é grave e irritante. Mas a questão é cultural. É a cidade de Lisboa, a sua tradição, a sua história, as suas cores e vozes, nomes e tipismo, o seu retrato idoso e sempre remoçado que está em causa. Porque Lisboa — esta Lisboa prezada de muitas e desvairadas gentes — tem uma personalidade. Tem um carácter. E essa personalidade, esse carácter, a tradição e a história, os nomes tradicionais, o tipismo dos bairros, não podem estar à mercê do capricho, do arbítrio de um presidente da Câmara.

A atribuição do nome do dr. Francisco Sá Carneiro à Praça do Areeiro e do nome do eng. Adelino Amaro da Costa ao Largo do Caldas, é uma violência camarária contra Lisboa. É uma atitude arbitrária, antes de ser uma decisão antidemocrática. Antes de ser uma decisão à revelia dos lisboetas, é uma decisão que retira a duas praças da cidade as suas designações tradicionais.

Era — até à presidência de Krus Abecasis — regra toponímica da Câmara Municipal de Lisboa manter as designações tradicionais. Não se deveria alterar o nome da Praça do Areeiro. Não se deveria alterar o nome do Largo do Caldas. O presidente da CML considerou que era de ignorar este princípio. Não sabemos o que se vai seguir.

E não se esqueça que as cidades vingam-se. Quem trata, em Lisboa, o Campo Pequeno, pelo nome que lhe puseram?

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO – 68 243 – 36 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 38 121 – 6 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 43 335 – 3 000 CONTOS

O 3.º Prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a lista Oficial e saiba se para a próxima extracção dos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA BRAGA PORTO AVEIRO COIMBRA SETÚBAL FARO

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO

68 242 – 426.960$00
68 244 – 426.960$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

799; 1 005; 7 198; 10 505; 12 356; 13 166; 18 507; 19 080; 19 126; 22 298; 26 108; 30 196; 31 527; 32 360; 32 830; 35 951; 38 762; 41 205; 41 754; 42 894; 43 967; 44 352; 46 738; 48 865; 52 141; 54 328; 56 485; 57 583; 62 009; 62 797; 63 290; 63 502; 64 502; 65 382; 66 609; 67 869; 68 982; 69 012; 75 630 e 77 924.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

12.000$00 – 086; 105; 150; 164; 413; 501; 549; 572; 626 e 788.
12.000$00 – 121; 243 e 335.
6.000$00 – 68 e 80.
2.640$00 – 3 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000$00 (CENTENAS)

38 101 a 38 200; 43 301 a 43 400 e 68 201 a 68300

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 15 / 10 / 82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Na próxima semana:
Faça a «revolução» da sua vida
Com os 42 000 mil contos da Lotaria do 25 de Abril
Apenas por 3 000$00
À venda na Casa Viola, Lotarias, Ld.ª
Rua da Assunção, 67 Lisboa
Galerias Lafayette — Braga

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
N.º 57 • 15 de Abril de 1982
Suplemento literário

JOÃO JOSÉ COCHOFEL

As urzes de Aranjuez

José Manuel Mendes

Sento-me à mesa para escrever. Diante de mim, sobre o jornal da tarde, o último livro de Cochofel: **O Bispo de Pedra.** Suspendo as palavras por instantes. Apoio a cabeça na mão esquerda, cravo os olhos na lonjura: esta noite de ventos através da janela. E deixo rolar as pedras pela falda montanhosa das lembranças. Acendo um cigarro, lentamente, com alguma indecisão. O fumo sobe, molda formas interessantes e fugazes. Breve se desfaz. Como a vida, penso. A meio caminho entre a estupefacção e a amargura. Pego na caneta e apronto-me para o ofício necessário. Morto o poeta, ao fim de longo sofrimento, que outra seiva capaz de irrigar a seca árvore que não o sangue dos seus versos? Vêm do fundo dos anos, nítidos, como se agora os lesse pela primeira vez. Assim, por exemplo:

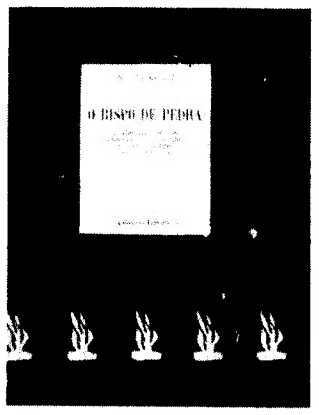
Ah! não terem todos
um gládio de dor
a rasgar no peito
uma chaga de amor!

Ah! não terem todos
uma consciência fria
que exacta cumprisse
como a luz do dia!

(Que dizes, memória? Este poema andava-me na boca, de recital em recital, no tempo das urtigas e baionetas? É verdade: a par de tantos outros, abrindo no túnel os rasgões da claridade. Eram horas com grilhetas; o canto também desalgemava a esperança).

Ah! não terem todos
um olhar de lume
que fulgindo incendiasse
a cólera que une
e desencadeia
a força do povo!
Ah! meu coração,
cantarias de novo!

Relevos no espelho dos **DIAS ÍMTIMOS,** reponho-os de cor sobre a página, tão irisados de rebeldia e decepção. O poeta lavrava a vibração do texto até à corda mais tensa, mais sensível, amava a música, sabemos, e as estranhas falenas do desassossego; falava-nos de melancolias e desencantos, de perfumes e flores, da indignação, do sonho, da sensualidade e da morte, dos cárceres iluminados pelo sol insubmisso de antemanhã. (Como é, memória? Recolhe os farrapos dispersos, mesmo que magoem. Mesmo que doam. Dita-os para o patamar desta lúcida tristeza minha:



Canta, ó amargura,
grilo fértil do tempo.
Canta sem cessar
pela noite dentro.

Não fere os ouvidos,
cantiguinha mansa.
Rói na clausura
a alface da esperança.

Cantor de requintadas harmonias, frágil, apaixonado, outonal, dizem que facetava o topázio das subjectividades. E cuidava, sem demasias esterilizantes, do tecido formal da sua obra. O seu **eu,** porém, dava «trânsito imediato a uma fraternidade» (certo, Alexandre Pinheiro Torres?), religava-se aos dramas comuns, tinha os impulsos claros da solidariedade. Isso o fez homem vivo no seu século de tanta década obscurecida, cidadão e resistente, construtor, à sua maneira (**dou o sangue que posso,** proclamava, com sinceridade exemplar), do País de Abril, nossa casa despressa e fervilhante.

Conhecia as saliências, as areias, os sulcos no vidro de Mozart ou Ravel. De muitos outros. Levanto-me e ponho o **Concerto para Aranjuez** no pick-up, o sol do verão, as frescas sombras da melodia, as ramagens inquietas. Vejo, lá fora, as sacadas vazias à luz dos candeeiros, o chuvisco débil, o asfalto reluzente. Encosto o ombro à parede e, fio a fio, a água começa a escorrer na vidraça. Sinto nos nervos a lama do cansaço, esta época cinzenta, os brancos perfis residuais dum optimismo sem mácula. Acodem-me, desarrumadas, ideias, frases. De novo os sinais alvorecentes da poética de **Uma Rosa no Tempo:**

Quando o dia se fecha
de raiva e desespero
outros dias despontam
em que as letras fascismo
em vão se reagrupam

com o seu silvo lúgubre.
Presença sem memória,
não são mais do que letras
caracteres de outra língua
que desconheceremos.

Deixo crescer as urzes de Aranjuez e ficam, sem jeito, os breves rabiscos no caderno pardo. Breves, acres. Porque João José Cochofel morreu. Dentro de mim, uma lâmpada fundiu no candelabro das luzes vitais. Até quando? Até o destilar da mágoa, que logo refina a voz que continua e nos visitará as madrugadas do renovo. ●

Saudade e gratidão

Manuel Alegre

Como Visconti ele amava os palácios e as ruínas e trazia dentro de si a mostalgia de quem sente que «nasceu tarde». E aí, nesse casulo interior, tecia **«Um agasalho / um ninho de futura alegria».**

Falo do poeta de «Os dias íntimos»:

«Quanto me punge este desterro
que é do meu país, da minha gente».

Um poeta que não tinha palavras como bandeiras ou fanfarras, mas as suas, faz vezes amargas palavras de uma escrita «limpa como um vidro», «sem ambições, nem segredos», as despojadas palavras de quem, numa espécie de exílio interior, «sofria na pele, o seu país de degredos». Poeta de uma solidão assumida, vivida e superada na solidariedade:

«Homem que sou
no cárcere que é o nosso
sei o que dou
– dou o sangue que posso.»

Sim, ele gostava de ouvir «o crepitar do lume no compasso da música de Vivaldi», enquanto os cães dormiam «mansamente deitados junto ao fogo»;amava esse espaço interior, feito de silêncios de música e da secreta intimidade dos sons, das palavras, dos livros. Mas era assim, sem demagogia, o seu modo de ser participante e solidário, era nessa solidão em que parecia comprazer-se (**«mas que bem me sabe / esta solidão»**), que ele sofria e tecia as dores e as esperanças que sabia serem **«as de todos / nesta paz de lanças».** Do mesmo modo que o gosto das ruínas e do antigo não era nele um volver-se para o passado, mas apenas o seu modo de construir e esperar **«a quimera que tem / as chaves do porvir».**

Por isso, às vezes o peito se lhe «arcava de pregões» e a voz, sem deixar de ser discreta, arriscava quase a profecia: **«Chegarás um dia / manhã tão perfeita».**

Poeta da intimidade, poeta da solidariedade, estes versos o retratam:

«Olho-me por dentro:
que frio, sozinho!
– Aqueço-me ao fogo
do comum destino».

Nada que se pareça com hermetismo: o seu lirismo intimista não significou um isolamento da vida quotidiana, mas como diria Jorge de Sena, **«uma interiorização da experiência, uma exigência de concisão e densidade».** Tão-pouco significou fuga ou quebra de comunicação, mas tão só um modo muito singular e verdadeiro de empenhamento e solidariedade.

Falo, pois, de João José Cochofel, poeta que denunciou «os tempos malditos» **(«Debruçados vivemos /às grades do nosso tempo»)** e proclamou:

«De mãos puras façamos
o dia da nossa festa».

Pouco tempo depois de Carlos de Oliveira, seu amigo e companheiro de sempre, partiu, também, João José Cochofel. Ficou-nos o lirismo discreto, depenado e bom de «os dias íntimos» e «quatro andamentos», o crepitar do lume de seu coração no compasso da música de Vivaldi.

Como dizer-lhe agora as vezes que estive para ir te com ele e, por isto ou por aquilo, acabei por não ir?

Saudade e gratidão – eis o que eu queria e nunca soube exprimir-lhe. A saudade e gratidão de quem, nos dias claros, tão perto e tão longe, de 1964, nesses dias **«gafados / de solidão e de medo»,** trazendo a Pide no encalço, encontram na casa de João José Cochofel um abrigo seguro, fraterno e solidário. Que possa ao menos deixar aqui bem sublinhado o perfil de verdadeiro e

Continua na pág. 4

Diário de Lisboa LER ESCREVER

QUE LUGAR PARA PEREC?

Um escritor «engagé» na obra que criou

Jacqueline Piatier

(Desenho de Cagnat)

Perec

RETORNAR a Georges Perec, falecido no passado dia 4 de Março, é constatarmos o seguinte: ele foi um escritor que jurou não escrever o mesmo livro duas vezes. Por isso, foi muito diverso e complexo. Soube manter a sua palavra, a sua promessa – e de tal maneira que é difícil situá-lo na literatura contemporânea. Na linha de Raymond Queneau, de quem tantas vezes Perec invocou uma certa filiação e os gostos enciclopédicos? Na de um Raymond Roussel que, como ele, lançava mão a manhas, habilidades e sistemas para produzir os seus textos? Se o encararmos na perspectiva destes dois, Perec toca as margens do surrealismo. Mas o seu primeiro livro, «Les choses», essa «história dos anos 60», assente no que é vão nos objectos, aparenta-se como um exemplo de realismo crítico e denúncia da nossa sociedade de consumo.

Da proeza verbal à confidência

Tido como «sociólogo do quotidiano», ei-lo que se lança numa aventura profundamente interior: «L'homme qui dort». Aí Perec descreve um estado de alma: a indiferença.

Depois, Perec salta daí para um novo romance, inteiramente escrito sem empregar uma única vez a vogal «e». Uma pura proeza verbal, sob o título «La disparition». Trezentas páginas, sem uma das vogais mais comuns da língua francesa.

Quando muitos pensavam Perec afastado da sua criação (ou das suas criações), eis que aparece nos escaparates, com confidências autobiográficas, «W ou le souvenir d'enfance». Ficamos então a saber que ele é judeu, de origem polaca, que o seu pai morreu na guerra, que a sua mãe não mais voltou de Auschwitz.

Tranquilamente, sem nada de patético, Perec reconstitui o seu passado de orfão – e cruza esse passado com uma ficção em que um desertor, escondido sob o nome de Gaspard Winckler, se vai até aos limites da Terra do Fogo em busca de uma criança desaparecida. E descobre na ilha de «W» uma sociedade regida pelo ideal olímpico. A maneira, de Perec, enfim, de evocar os campos de concentração.

A este livro enigmática, sucede-lhe «La vie mode d'emploi», onde triunfam ao mesmo tempo o romanesco e o furor descritivo, quase nas margens do hiper-realismo. «La vie mode d'emploi» é um fresco e é um jogo. Porque esta máquina de multiplicar histórias e coisas apresenta-se como um gigantesco «puzzle» com o qual Perec convida o leitor a jogar. Muitas são as entradas por este romance, por estas páginas, por esta malícia e por este júbilo, uma e outro repletos de ternura.

Perante «La vie mode d'emploi», uma consolação nos resta: Georges Perec não nos deixou sem nos ter brindado com uma obra-prima, que, em certa medida, é um somatório, ou um resumo, das criações enteriores. Aqui temos, na verdade, Gaspard Wincler, o herói de «W» e também o estudante de «L'homme qui dort», e ainda, multiplicadas por cem, as muitas coisas de «Les choses»... E é sempre Perec, original e fecundo, que jogando com a literatura, nos surge como um «engagé» da sua própria obra. Profundamente. ●

O universo mu de Dostoievs

A importância da «audição» no mundo espiritual de Dostoievski é o tema da obra «Dostoievski, a Música e o Teatro» que vai ser lançada brevemente pela «Sovietski Kompositor» de Moscovo.

O trabalho é assinado por A. Gozenpud, um dos mais conceituados estudiosos da criação literária do autor russo cujo 160.º aniversário do nascimento e centenário da morte foram assinalados em 1981, declarado Ano Dostoievski pela UNESCO.

Dostoievski dava uma atenção muito particular às impressões auditivas – diz o investigador – salientando que o romancista nem sempre descreve fisicamente as personagens mes faz «ouvir» as suas vozes e os ruídos que emitem. Citando «O Idiota», Gozenpud chama a atenção para a sineta de timbre surdo, a princípio, depois com um som cada vez mais penetrante e que é anunciadora de acontecimentos extraordinários; também uma das personagens, Nastassia Filipovna, aparece como uma solista seguida de uma multidão, conduzida por Rogokine como se fosse um coral. Na opinião do estudioso trata-se de uma cena de ópera.

O estudo realizado por Gozenpud, no campo das relações de Dostoievski com o mundo teatral e musical permitiu acrescentar à biografia do escritor mais de 20 nomes de cantores e actores que com ele contactaram. O autor de «Dostoievski, a Música e o Teatro» concluiu que Dostoievski assistiu a todos os concertos dados por Liszt em S. Petersburgo e ao de Berlioz quando dirigiu «Romeu e Julieta». Tinha uma grande predilecção pelo compositor russo Glinka, sendo «Ruslan e Liudmila» a sua ópera preferida.

Há alguns meses esteve em cena em Leninegrado, o bailado

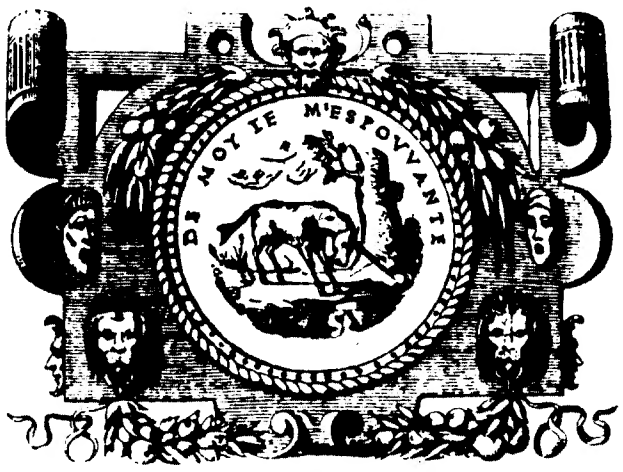
«O Idiota» com libreto baseado no romance do mesmo nome de Dostoievski. A música era a 6.ª Sinfonia de Tchaikovski. Estarão os dois autores realmente próximos? Sobre este assunto afirma Gozenpud que «as dificuldades espirituais são manifestas».

Apercebeu-se disso ao debruçar-se sobre a história da criação da ópera «Evgueni Onéguine». «Alguém conseguirá ver Tatiana cair nos braços de Onéguine na cena final? Contudo foi isso que os espectadores presenciaram em 1879, na representação dada pelos estudantes do Conservatório de Moscovo».

Muitos foram os que fizeram ver a Tchaikovski que a sua ópera estava em contradição com a obra de Pushkin – conta Gozenpud – mas o músico obstinava-se, considerando esse final mais dramático. Entretanto Dostoievski pronunciara o seu célebre discurso na inauguração do monumento a Pushkin em Moscovo. Um ano depois da estreia de «Evgueni Onéguine» Tchaikovski remodelava o final.

A ROSA E O RIO

José Manuel Jara



Era um rio, um rio sem leito onde correr, sem margens para acariciar nas noites de luar. Um rio ainda sem foz.

As águas, de um escuro azul, andavam incertas em busca de luz.

Monótomo ia o rio. Um prolongado Inverno, frio a que resistia pacientemente! Esperava talvez uma nova foz na Primavera...

Foi então que o vento, sempre a brincar com a natureza, vendo a sua tristeza decidiu fazer-lhe uma surpresa. Soprou, soprou e fez voar para junto de si uma bela rosa, uma rosa de doce sorriso, com uma cor de sol a despontar.

Rosa e Rio olharam-se e viram-se. Olharam os seus olhares e gostaram. Sem palavras, num encantamento de pressentimentos sem voz.

A Rosa viu o azul do rio e quis que a sua cor fosse partilhada. O Rio murmurou na sua corrente um beijo, que logo a rosa recebeu nas risonhas pétalas.

Ainda antes, em silêncio, tudo foi dito do bom que será o Amor.

Também com a verdade se inventa

Mário Benedetti

NO âmbito cultural, a excessiva simplificação pode resultar num recurso isento de qualquer qualidade. O lamentável é que esse «expediente» está a ser aplicado «urbi et orbi», não só pela direita que poderíamos adjectivar de «clássica», como também por aqueles a quem se pode designar por «reaccionários de esquerda». Estes últimos, que costumam defender as resoluções unicamente quando triunfam, ou os direitos do indivíduo mas não os do povo, ou uma não militância como prova de liberdade isenta de qualquer risco, exercitam e até cultivam uma ambígua cumplicidade no seio dos processos transformadores.

Afirmam estes «cidadãos» não raramente que a preocupação social corta as «asas», afecta a «inspiração», leva à castração da imaginação. E optam porquê...? Pela solidão, pelos sonhos, pela magia, pelo homem lúdico, pelas palavras como protagonistas essenciais da sua escrita.

Nunca se chamuscam no fogo do Bem e do Mal: estão sempre àquem desse fogo, das contradições que o alimentam. Discretos, simplificam o ruído e as fúrias da sociedade. Espantam-se perante o que é vulgar – e não vacilam nunca em encarar como trivial factos singularmente complexos.

Acreditar, ou querer fazer acreditar, que a definição política de um intelectual só conduz ao esquematismo, ao maniqueísmo ou à pobreza formal, é fazer uma mesquinha avaliação dos caminhos e processos da arte.

Da «Divina Comédia» à «Guernica», do «Marat/Sade» ao «Novecento», de «Espanha, afasta de mim este cálice» ao «Canto Geral», a matéria social serviu sempre nutrir a arte de todos os tempos.

E isto porque a solidão, a imaginação, a aventura experimental, o rigor e o gozo da palavra não são património exclusivo dos que confundem a liberdade individual com a ilimitada contemplação do próprio umbigo. Porque, na verdade, também os povos sofrem solidões (isto é, cercos, bloqueios, opressão) – e, sofrendo tudo isso, entregam-se de corpo e alma à imaginação (pois não são quase sempre os oprimidos que sonham com revoluções?), cultivam com amor e exactidão as palavras que os definem e juntam em busca da justiça.

Porque também com a verdade se inventa – e outras, nesta ordem de ideias, são, então, as obras de arte que produzem: individualizadas, sim, mas saídas do colectivo, da unanimidade, das multidões que são as pedras do mundo.

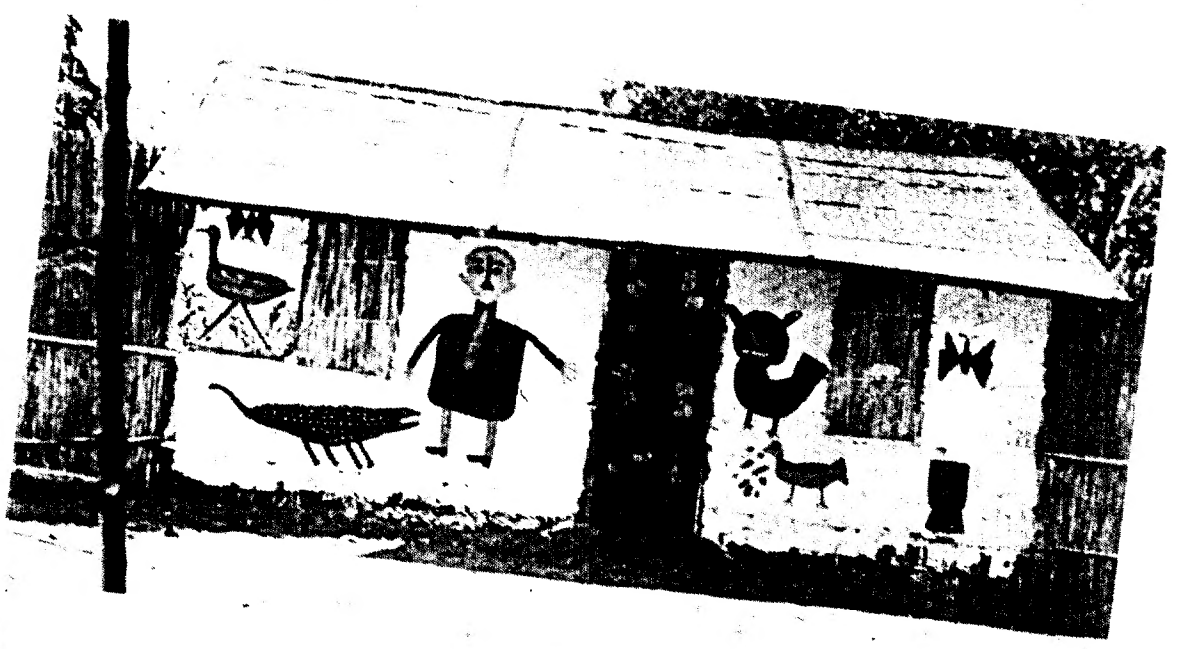
...usical ...vski

No seu discurso, o escritor referia-se a Tatiana como a personificação do carácter nacional russo, afirmando que ela nunca se poderia afastar do dever moral sem trair os seus princípios. Nunca poderia construir a sua felicidade sobre a infelicidade de outrem As palavras rigorosas de Dostoievski tornavam impossível aquele final da ópera.

Numa carta a seu irmão Anatoli, Tchaikovski informava-o de intenção de alterar o final de «Evgueni Onéguine». Ficou comprovado que o compositor lera o discurso ao encontrar-se a cópia de um extracto destinada a uma conferência.

O compositor mais próximo de Dostoievski é, no entanto, Chostakovitch, afirma Gozenpud salientando que o autor de «Crime e Castigo» era o preferido do compositor. «Mês e meio antes da sua morte, Chostakovitch ofereceu-me um exemplar de «Quatro Poemas do Capitão Lebiakine» cujas letras eram retiradas de «Os Possessos».

Também a ópera «Catarina Ismailova», baseada no romance de Leskov, termina com uma cena de trabalhos forçados. Quando trabalhava na criação da obra, Chostakovitch releu «Recordações da Casa dos Mortos». ●



Moçambique: mulher de Porto Amélia e pinturas numa casa ronga

Luís Carlos Patraquim poeta de Moçambique

TEM a história literária das últimas décadas dado a ver quão estreitas (e profundas) vêm sendo as afinidades dos movimentos literários com a revolução. No que respeita aos, hoje, países africanos de língua portuguesa, mais do que isso: face à inviabilização de irradicar desses territórios o cadáver de um colonialismo serôdio, poder-se-á mesmo falar, e com propriedade, de um certo compromisso histórico desses movimentos artísticos com a então levada a cabo, em várias paragens do continente africano, luta armada de libertação nacional, sem perder de vista, é certo, que sempre as estratégias, para se imporem como válidas, estiveram dependentes da correlação das forças de classe, em um contexto e natureza próprios, e enquanto resultado de modificações políticas, socioeconómicas e culturais.

Ramificação insustentável do decandente capitalismo europeu, também o colonialismo português, e à medida que o colapso político fazia prever o fim do império, claudicou, pelo que não tardaram as circunstâncias a ditar a exigência de uma arte libertadora. É que, incapaz de impor, à partida, o mito histórico, bem cedo a então designada 'literatura ultramarina' se revelou historicamente inapta para oferecer campo de acção a qualquer movimento artístico, quer de características europeizantes, quer africanas.

A propósito do lançamento, em Portugal, de uma colecção de Autores Moçambicanos, será oportuno lembrar que num grave risco de desvirtualização se pode incorrer se, de facto, se não proceder primeiro ao enquadramento do fenómeno literário moçambicano nos períodos que antecedem e posteriorizam a independência do país, pois que só ultimamente as correntes artísticas vêm iniciando um processo de desenvolvimento que, de forma autonómica e plena, começa a ganhar rosto (quero dizer: voz, e expressão), visando na obra literária a construção de uma totalidade, tal como a concebida Georg Lukács.

Dentro desta ordem de ideias, e cumulando um processo criativo cujas raízes simultaneamente imergem nas poéticas de José Craveirinha e Pabro Neruda, dois momentos distintos parecem coexistir no presente título de Luís Carlos Patraquim (Monção, col. Autores Moçambicanos, Edições 70, Lisboa, 1980): o retorno às origens e a desmitologização do espaço da escrita.

Acontece, porém, que apresentando-se esta primeira recolha de poemas como inventário de reflexão lírica ela é, antes de mais, a confirmação plena de que, se razões houvera tido Caliban para sentir-se horrorizado por ver o rosto no espelho, outras maiores assistiram à geração do A. perante a lástima colonial. No entanto, nem sombra de ressentimento perpassa nestes versos. Habituado a resistir pelas armas, também pela escrita o poeta ao amor fica a dever o triunfo. Assim, usando do vento como elemento simbólico, e logrando, ao mesmo tempo, a isotopia da(s) viagen(s), na voz transcende o eco da palavra, porque «a monção chegou» (p. 28), e o poema, como ditame de amor com que o sujeito, ontologicamente, aspira à contemplação de **ser,** em breve, será **mais** do que simples exercício de «frases rasuradas nas veias». (p. 29).

No entanto, se alguma dúvida pairasse sobre este universo poético, logo lhe obstaria a certeza milenar de que: **nem o poeta mata a poesia.** (p. 30) Mas uma vez evocados os favores do vento e encetada a interminável viagem da liberdade: «não sei se é canto ou ave o que canto» (p. 15), não pára o poeta de buscar, com base em processos de experimentação verbal (por vezes, menos conseguidos é certo), o espaço linguístico onde, de ora em diante, passará a «medir o canto» (p. 51), consciente de uma «transgressão de sentidos» (p. 51) que surge, porque outros são já o som e o sentido que enformam a percepção poética e, como escreveu António Ramos Rosa, um poema é (acima de tudo, acrescento) princípio de vida.

Por outro lado, e longe de pretender esgotar em considerandos de circunstância as virtualidades do poeta, sublinhe-se ainda o grau de pureza e densidade específicas, que o discurso poético, uma ou outra vez, chega a atingir (pelo recurso semântico de significações acidentais e contextuais), permitindo antever uma poética promissora, a de um poeta, afinal, para quem escrever é, prioritariamente, como dizia Edgard Bayley (cit. por A. Ramos Rosa), ir ao essencial do homem, ainda que. «doa a emoção azul de sangrar por dentro». (p. 55)

VERGÍLIO ALBERTO VIEIRA

AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA

FENDA, **«não ela mesma, B», como subtitularmente se designa (e B porque depois da «não ela mesma, A»), eis uma novidade expedida de Coimbra com data de Janeiro. O número de páginas diminuiu consideravelmente, e a este propósito faz-se logo uma ideia das dificuldades que ao projecto «Fenda» agravadamente se vêm levantando. Agora são dezasseis (páginas), – mas a mancha cerrada permite a inclusão de vasto material. Antes de mais, um texto sobre Borges e declarações deste quando da sua recente visita a Lisboa. Depois, um «diálogo entre o escritor e o ledor», assinado por E. M. Melo e Castro. O mais (e é muito), trata-se de poesia com assinatura de nomes como Alexandre Vargas, Hermínio Monteiro, Wanda Ramos, João Camilo, Fernando Ruivo, Isabel de Sá, Luna Levi, Carlos Frazão, Jorge Marques Velhote, José Vasco de Castro, António Aragão, António Manuel Pocinho, Luís Carmelo e Luís Mourão. A colaboração de António Aragão é uma montagem de palavras e imagens. Desta «Fenda», que custa 50 escudos nas livrarias, não se tiraram mais do que 500 exemplares.**

POEMAS DO ARREMESSO OU O ELOGIO DA PEDRA, **é o último título do escritor açoriano Emanuel Jorge Botelho. O volume (breve e apresentado em forma de caderno, com agrafos) arquiva dezoito poemas do autor de «Full Auto Shutt Off», um conjunto que representará uma continuidade duma experiência passando antes por «Três Horizontes da Fala» e, principalmente, arrancando em «Mas o Território não é o Mapa» (de 80) para uma afirmação de maturidade à procura de gradual consistência. Vem de Ponta Delgada, vai tornar-se encontrável dentro de dias em algumas livrarias de Lisboa.**

CORPOS RADIANTES, **de E. M. Melo e Castro, lançamento da E ETC, outra novidade dos últimos dias. Reúne-se aqui o trabalho mais recente do autor duma obra das mais controvertíveis da poesia portuguesa contemporânea, onde é uma referência, mais ou menos do que fundamental, absolutamente indispensável.**

DEFESA DO RACIONALISMO OU ANÁLISE DA FÉ, **de Pedro Amorim Viana – propõe a Imprensa Nacional – Casa da Moeda na sua recém-criada colecção Pensamento Português, e a inaugurar uma sequência de obras escolhidas do autor. Amorim Viana é, com Silvestre Pinheiro Ferreira, um dos dois nomes do topo de referências do pensamento filosófico em Portugal no século XIX. Este livro, de 1866, será «o momento mais alto do labor intelectual de Amorim Viana e um ponto de cumeeira de toda a história do pensamento português». Di-lo, num prefácio, António Braz Teixeira, um dos responsáveis por esta edição. O outro é António Carlos Leal da Silva.**

CEM EXPOSIÇÕES, **de José Augusto França, é o segundo título da colecção Arte e Artistas da Imprensa Nacional – Casa da Moeda. (O primeiro, lembra-se, era «O Espelho Imaginário», de Eduardo Lourenço). Livro certamente de extrema utilidade, além e aquém do mais que dele se possa dizer: arquivam-se aqui escritos sobre largas dezenas de autores, os mais reles portugueses, a propósito de mostras feitas entre 1950 e 1960.**

A NOITE DE NATAL, **de Raul Brandão e Júlio Brandão, outra novidade da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, agora na colecção Autores Portugueses. Trata-se de um texto para teatro, que foi levado ao palco em 1899 e nunca tinha sido publicado até agora. Tem uma minuciosa introdução, e, mais, um longo estudo sobre Júlio Brandão, ambos assinados por José Carlos Seabra Pereira.**

Diário de Lisboa LER ESCREVER

JOÃO JOSÉ COCHOFEL

TRANQUILLO

Coração, pássaro triste,
posto à janela dos sonhos,
debica na minha mão
uma ilusão de medronhos.

Outros te não posso dar,
os verdadeiros, vermelhos.
Agora que o Outono é só
pau de ramos secos, velhos.

(De «O Bispo de Pedra»)

Saudade e gratidão

Continuação da pág. 1

grande resistente que, à sua maneira, sem espalhafato, com a mesma rigorosa discrição da sua poesia, João José Cochofel soube ser. Lembro a serena coragem com que, pondo em risco a sua própria liberdade, me levou de automóvel até outro abrigo que ele sabia certo: o de Rui Feijó, lá no Norte. Recordo o acidente logo à saída de sua casa com o carro de um general, a troca de cartões, a barragem de polícia na rotunda do aeroporto, eu enfiado no banco de trás, ele, imperturbável, ao volante, e depois a gargalhada, a ironia, o farnel comido a meio do caminho, a quente, reconfortante, inesquecível fraternidade.

Por isso, de João José Cochofel não fica apenas (o que já não seria pouco) a música suave do seu canto. Fica, também, a grandeza moral de um homem solidário, o exemplo de um resistente de mãos puras. ●

DEZEMBRO. CHEGOU O FRIO.

Dezembro. Chegou o frio.
Gente embuçada erra
à flor da invernia.

A cortina de chuva tapa a serra,
alastra sobre o campo.
O que sinto no peito
é uma noz que estala
de angústia e desencanto.

Nunca pensei na morte.
Não a temo nem desejo.
Acato-a, natural,
alheia e processual
como o vento norte
que corta, a dentes de gelo, o lugarejo
onde o suor dos homens ainda está aquém
do bem e do mal.

Não penso na morte.
Saudade, sim. Nostalgia.
De quê? Que tem a noz dentro
que lhe não sei o fundo?
Nada. Está só vazia.
Que é deles, meus olhos
de inventar o mundo?
Que é dele o jardim
onde há tanto não entro?

É verdade, chegou o Inverno.

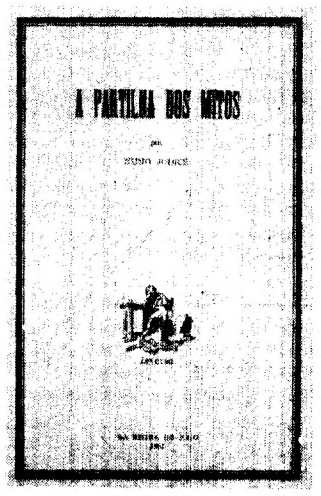
Existir não é fácil
para quem não tem
nem céu nem inferno.

(De «O Bispo de Pedra»)

● AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS

«A PARTILHA DOS MITOS» **é um novo livro de poesia de Nuno Júdice, editado pela «Regra do Jogo». A obra inclui uma serigrafia de Patrick Caulfield, intitulada «Ah! This life so everyday». Uma intenção, portanto. Ao longo de trinta poemas, Nuno Júdice é uma voz que ergue em nós o que em nós muito no íntimo existe. Ou jaz. Assim, por exemplo (do primeiro poema): «Um acender de fósforo rasga o papel opaco/da memória. (...)» Ou, então, na síntese grande de uma situação: «Seguro-te em retrato, emoldurada pelo quadro da janela, iluminada de fora, vomitando a luz podre do crepúsculo» (do poema «Aura»). Um livro, em suma, cuja toada discursiva nos surpreende pelos altos momentos de apreensão da atomosfera que nos tem – e que dá pelo nome de rua, dia, mulher, estação, minuto, pedra, segundo. Para ler em rotações lentíssimas.**

«MORTE NO TEJO» – **com um posfácio de Manuel Gusmão, eis nas livrarias, numa edição das «Regras do Jogo», um romance policial de autoria portuguesa: «Morte no Tejo». O autor utiliza um pseudónimo: Artur Cortez. Da contracapa: «Escrita no Norte de Moçambique, em plena guerra colonial, 'Morte no Tejo' é a primeira ficção de um escritor português que depois veio a abordar outros temas em vários tipos de trabalhos literários. Tentando iludir a realidade violenta em que se encontrava, dedicou-se a recriar e a mostrar um certo submundo de Lisboa...» Gusmão, no posfácio, aponta as características do romance policial clássico americano – e sublinha os processos utilizados com argúcia por um tal Artur Montez...** ●



AFIRMOU-SE NO CONGRESSO DOS ESCRITORES AMERICANOS:

«Complexo literário--industrial» ameaça literatura dos Estados Unidos

Os escritores americanos atravessam um período difícil. Assiste-se à diminuição do apoio financeiro do Estado que leva a que seja cada vez mais difícil, aos novos escritores, a publicação dos seus livros; censura não oficial que se concretiza pela retirada de vários títulos, clássicos e contemporâneos, das bibliotecas e das escolas. Durante o primeiro semestre de 1981 foi levado a efeito um inquérito em 34 Estados sobre a proibição de 150 obras. A manipulação da cultura por parte dos grandes «trusts» económicos é uma realidade já que um número cada vez mais reduzido de monopólios controla o poder económico dos EUA,a todos os níveis.

«Complexo literário-industrial» assim chamou à ameaça que paira sobre a literatura americana um dos delegados ao Congresso dos Escritores Americanos, realizado nos fins do ano transacto. Chamando a atenção para o facto de cada vez menos corporações gerirem maior número de livrarias e editoras, o mesmo delegado sublinhou a possibilidade que tem um pequeno grupo de monopólios de ditar aquilo que o cidadão americano deve ler. Começam por dar preferência, evidentemente, às obras que se distanciam do espírito verdadeiramente literário, debruçando-se sobre acontecimentos pouco complicados e de desfecho rápido.

No campo editorial, 20 corporações controlam 52 por cento de todo o mercado livreiro dos EUA e a concentração do capital aumenta: nos último cinco anos registaram-se 300 fusões e absorções de empresas o que corresonde, praticamente, à situação observada ao longo dos 20 anos anteriores. No que se refere à comercialização, apenas quatro empresas vendem 42 por cento de todos os livros, prevendo-se que em 1983 esse número se eleve para 60 por cento.

No país existem três grandes companhias produtoras de televisão cuja programação abrange, todas as tardes, um número de pessoas superior ao que lê os livros editados nos EUA durante um ano.

«Preocupante concentração de poder» – conclui o delegado que traduziu em números esses aspectos da realidade cultural norte-americana.

A actual situação de crise esteve, por certo, na origem da enorme afluência de participantes ao último Congresso dos Escritores Americanos. Cerca de 3 mil escritores de ficção, poetas, dramaturgos, jornalistas e professores universitários reuniram-se em Nova Iorque, na sala do «Roosevelt Hotel», demasiado pequena para acolher um número de delegados que ultrapassou largamente as previsões mais optimistas dos organizadores do Congresso. Do encontro, onde seria afirmado por Victor Navaski, da revista «Nation» no seu discurso de abertura: «Nós reunimo-nos numa altura de crise» saiu uma Declaração de Princípios onde foi sublinhado «Hoje, os escritores da América encontram-se mais uma vez perante o espectro do aumento da opressão política e racial, da opressão das culturas das minorias nacionais. Como escritores e cidadãos confrontamo-nos com o aprofundamento das desigualdades sociais, económicas e políticas no nosso país e no campo internacional, com a ameaça da guerra nuclear e do militarismo, com o menosprezo do direito de escrever e de ler. Os escritores não podem defender e ampliar a sua expressão criadora, mantendo-se indiferentes, renunciando à luta contra a monopolização dos institutos culturais, que ameaça a própria sobrevivência da Humanidade». ●